

este cabeçalho pode valer-lhe mais de mil contos

# Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS  
SEXTA-FEIRA, 8 DE JANEIRO DE 1971 N.º 17 258 ANO 50.º PREÇO 1\$50



## Simplificar as vias legais para evitar a clandestinidade

— tarefa do Secretariado Nacional da Emigração apontada pelo ministro Rebello de Sousa

«Haverá que simplificar orgânicas e formalismos, a fim de que, conjugadamente com outras providências, se facilite a via legal da emigração em detrimento da indesejável clandestinidade» — afirmou, esta ma-

nhã, o dr. Baltazar Rebello de Sousa, durante o acto de posse do dr. Américo Saragga Leal como secretário nacional da Emigração, numa cerimónia a que assistiram numerosas individualidades.

### MESA REDONDA

SUPLEMENTO COM 12 PÁGINAS

- PLANEADOS E CLANDESTINOS por Nuno Portas
- AUTORITARISMO E DEMOCRACIA por Amadeu L. Sabino
- GUIMARÃES: PESADA HERANÇA DO PASSADO por José A. Salvador
- ASSALARIADAS DOMÉSTICAS por Helena Neves

Ao acto que decorreu no gabinete daquele membro do Governo (na sua qualidade de ministro-delegado para a Emigração) estiveram presentes os titulares das pastas dos Negócios Estrangeiros, do Ultramar e do Interior, os secretários e subsecretários de Estado do Trabalho e Pre-

vidência e da Saúde e Assistência e o director-geral de Segurança.

Assinado o auto de posse, o ministro Rebello de Sousa fez um discurso em que, depois de se referir ao que «está dito e redito» sobre as

(Continua na 6.ª página)

## DETERIORAÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE OS DIPLOMATAS AMERICANOS E AS AUTORIDADES SOVIÉTICAS

MOSCOVO, 8 — (F. P.) — Uma deterioração das relações entre os diplomatas americanos em Moscovo e as autoridades soviéticas (podendo ir até à organização de uma manifestação pública contra a Embaixada americana) pode vir a dar-se bastante proximamente — pensam,

não sem alguma inquietação, esferas socialistas estrangeiras na capital soviética.

Sucedendo a um período de notável calma nestes últimos anos, a nova atmosfera liga-se com as manifestações anti-soviéticas nos Estados Unidos, as quais se devem em larga

parte, parece, às reacções sionistas em seguida ao julgamento de Leninegrado.

Segundo aquelas esferas, certas manifestações do estado de espírito dos diplomatas americanos em Moscovo teriam irritado os dirigentes soviéticos, como por exemplo certos conselhos dados a Washington pelo embaixador americano Jacob Beam — relatados

(Continua na 15.ª página)



### LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

## SÓ VANTAGENS EM PARTICIPAR

DIR-SE-IA que a leitura da lista dos prémios instituídos para esta iniciativa com que inauguramos o ciclo come-

morativo do primeiro cinquentenário do «Diário de Lisboa» é suficientemente elucidativa para que não

seja necessário falar de outras vantagens.

Acontece, porém, que a sua principal característica é, in-

contestavelmente, a simplicidade. Não o podemos afirmar, mas julgamos ímpar entre nós uma iniciativa cujos par-

ticipantes não têm de nos enviar seja o que for senão um simples cupão-duplo, destinado a per-

(Continua na pag. seguinte)

### DEIXARÁ DE SER DESCONHECIDA

Esta é Daphne, a intérprete que vai abrir o Festival da Canção, dia 11 de Fevereiro, no Tivoli. Tem 19 anos, uma filha de 10 meses (a Rita) e cantará «Verde Pino». Assim: «Em Verde Pino, terra de pastores, lembrei amoras em mãos de mendigos.» Se ganhar, o dinheiro é para uma mobília

(Ler na pág. 4)

HOJE 32 PÁGS.  
VISADO  
PELA CENSURA

# LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

(Continuação da pág. anterior)  
mitir a sua identificação e a dar-nos a conhecer que estão interessados em figurar num sorteio que só poderá vir a beneficiá-los.

## ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

Assinam-se, desde já, assinaturas pelo período de iniciativa. Essas assinaturas garantem a o interessado os exemplares pretendidos, com os preços seguintes:

3 meses — 130\$00  
6 — 250\$00  
12 — 485\$00

Pagamento adiantado, em cheque ou vale de correio.

Esta simplicidade tem, aliás, provocado muitas dúvidas em leitores habituados a concursos que exigem a aquisição de cadernetas, a constituição de coleções de cupões, a criação de frases mais ou menos engenhosas e outras coisas semelhantes. Avolumam-se, por isso, a correspondência de participantes que não compreendendo a mecânica da nossa iniciativa, perguntam se devem en-

## CORRESPONDÊNCIA

Toda a correspondência (incluindo a que se refere ao envio de cupões), deve ser dirigida a «LEITOR DO DIÁRIO DE LISBOA», Rua Castilho, 185, 1.º — Lisboa-1.

viar-nos diáritamente os cupões de identificação que publicamos ou se devem colecioná-los para os enviar no fim de Março. Voltamos a esclarecer que o cupão-duplo de identificação que publicamos diáritamente tem por único objetivo permitir que os nossos leitores se dêem a conhecer como interessados em figurar no sorteio que porá termo à nossa iniciativa. Nestas circunstâncias, os nossos leitores apenas têm de preencher UMA VEZ o seu cupão-duplo e de no-lo enviar. Tal como

## O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que lhe enviemos, pelo correio o cartão de identidade de «Leitor do Diário de Lisboa» deverá juntar ao seu cupão duplo um selo de correio de 1\$00.

uma pessoa não se inscreve duas vezes como beneficiário duma Caixa de Previdência ou como sócio de qualquer agremiação, o leitor do «Diário de Lisboa» apenas tem de se inscrever uma vez para se habilitar aos prémios instituídos para esta iniciativa.

Já nos aconteceu, também, receber um modelo que publicámos do cartão

de identidade que vamos oportunamente enviar aos nossos leitores, preenchido como se esse modelo de cartão de identidade fosse o cupão-duplo

mas supomos necessário chamar a atenção dos nossos leitores para a vantagem que têm em acompanhar as notícias que publicamos diáritamente

voltamos a recordar que os mesmos não se destinam a ser-nos enviados mas, a

ficarem na posse dos participantes até que seja realizado o sorteio.

## REGULAMENTO

- a iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente.
- o leitor deverá recortar e preencher o cupão-duplo que estamos a publicar e onde deverá inscrever o seu nome e morada, a localidade onde reside, e facultativamente, a profissão e o número de telefone e ainda a tabacaria ou o vendedor a quem adquire o «Diário de Lisboa»
- preenchido o cupão-duplo, este deverá ser remetido para a Rua Castilho 185-1 - Lisboa-1 acompanhado de um selo de 1\$00, se pretender que o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» lhe seja devolvido pelo correio.
- se o leitor pretender que lhe seja entregue pessoalmente, nos serviços do «Diário de Lisboa», o seu cartão de identificação não juntará ao cupão-duplo o selo de 1\$00, que se destina, logicamente, a despesas de correio.
- recebido o cupão-duplo os leitores ficarão classificados por ordem numérica - alfabética. O cartão de identidade receberá o mesmo número do cupão-duplo
- o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios já instituídos e ainda a beneficiar de outras iniciativas a promover
- o leitor do «Diário de Lisboa», para poder receber o prémio que lhe for atribuído em sorteio, terá de provar ser leitor habitual, demonstrando possuir na sua residência o número de «cabeçalhos» do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 2 de Janeiro e 31 de Março de 1971. É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares por mês
- Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da primeira página do jornal onde consta o nome deste e a data de publicação.

## PRÉMIOS PARA QUEM VENDE O «DIÁRIO DE LISBOA»

CONTINUAM a chegar-nos pedidos de informações sobre a revelação feita nestas colunas. Oportunamente, serão dados todos os esclarecimentos. Por ora, apenas confirmamos que os vendedores do «Diário de Lisboa» que os premiados nesta iniciativa tiverem indicado como sendo aqueles a quem habitualmente compram o nosso Jornal também vão receber prémios!

Em devido tempo, publicaremos mais esclarecimentos acerca deste pormenor importante da iniciativa «Leitor do Diário de Lisboa». Entretanto chamamos a atenção de todos os interessados para o facto de que podem beneficiar o seu vendedor habitual, identificando-o devidamente nos cupões-duplos de identificação que têm de preencher e enviar-nos.

de identificação. sobre este assunto. Julgamos inútil esclarecer este ponto aos «cabeçalhos»,

este cabeçalho pode valer-lhe mais de mil contos

# Diário de Lisboa

PUBLICADOR: JOAQUIM MARQUES DIRECTOR: A. NUNES VIEIRA  
QUINTA FEIRA, 24 DE DEZEMBRO DE 1970 N.º 17 245 ANO 56.º PREÇO 15\$00

LEITOR DO DIÁRIO DE LISBOA

Este cabeçalho pode valer-lhe mais de mil contos

# O regime do Vietnam do Sul mais dependente do que nunca do auxílio norte-americano

A trégua de Ano Novo foi assinalada no Vietnam por alguns incidentes. Contudo nenhum ataque de envergadura foi assinalado.

Na semana passada, os americanos sofreram 41 mortos, ou seja, o dobro da semana anterior. As perdas comunistas são calculadas em 1250 homens.

SAIGÃO. — Fazendo bem as contas, 1970 não terá sido um ano demasiado mau para o presidente Thieu. Do seu ponto de vista, o balanço, no conjunto, é favorável. Mas tem menos relevo para o futuro do regime do que a primeira vista poderia supor-se. É certo que se falou de paz no ano passado — mas a guerra, a guerra, a guerra, os dirigentes de Saigão não se esqueceram por isso. O apoio concedido por Washington ao presidente Thieu nunca se desmentiu. O vice-presidente Ky foi até recebido pela Casa Branca, em Novembro. Quanto ao Governo presidido pelo general Khanh, a sua remodelação foi periodicamente evocada mas ninguém pensou a sério em substituí-lo por outro. Hanói e a F. N. L. exigiam a demissão desses três dirigentes sul-vietnamitas. Não conseguiram nada.

O presidente Nixon acabou por adoptar a linguagem dos estados-maiores. Concedeu-lhes duas satisfações da maior importância: a intervenção no Camboja e a retomada dos «raids» contra o Vietnam do Norte. Os militares salgoenses não podiam pedir mais garantias concretas. No Vietnam do Sul as principais dificuldades foram vencidas por agora. O regime continua a não ter apoio popular, mas o seu exército controla hoje a maior parte do território, nomeadamente as regiões férteis das planícies e a do Delta. Ao contrário do

## Por JEAN-CLAUDE POMONTI

(Exclusivo «Le Monde» - D. L.)

veimente para estabilizar, por algum tempo, esta ocupação do terreno. Em todo o caso as tropas americanas puderam continuar a retirar sem que a retirada tenha preocupado em demasia os seus aliados sul-vietnamitas.

## AS PRESSÕES INFLACIONISTAS

No plano económico, as medidas adoptadas há três meses puderam até agora, entrar a alta dos preços. A crise não tomou proporções alarmantes. Apesar do mal-estar social e do cansaço da guerra, a agitação política nas cidades nunca conseguiu inquietar excessivamente o Governo.

Mas seria arriscado concluir daí que 1971 só se apresenta sob auspícios favoráveis para Saigão. No ano passado os problemas foram «congelados», mas não resolvidos. Os responsáveis prenderam-se mais aos efeitos que a causa o que é verdadeiro tanto para a «pacificação» sempre frágil das campanhas como para a crise urbana.

Finalmente, para Hanói e para a F. N. L. a guerra continua a ser revolução. As tropas comunistas estão neste momento a concentrar preferentemente os seus esforços no Camboja e no Laos, mas o objetivo continua a ser Saigão. O Vietnam do Sul só muito provisoriamente se tornou, pois, um teatro de operações secundário.

## A CRISE URBANA

As pressões inflacionistas subsistiram. O Governo sul-vietnamita mantém mais de um milhão de homens nas fileiras. O país praticamente, já não tem exportações, e, salvo no domínio agrícola, depende inteiramente de importações. O auxílio económico americano não chegou-se, em 1970, a 150 milhões de dólares. Segundo os cálculos de técnicos americanos seria necessário que Washington mantivesse o seu auxílio a esse nível, durante 10 anos, para que Saigão se equilibrasse a sua economia.

Já de há certo tempo para cá que a crise urbana conhece uma viragem bastante inquietante. Mais de metade da população encontra-se agora reagrupada em cidades superpovoadas caracterizadas pela sua

situação instável. Por esse lado, o Governo arrisca-se a conhecer dificuldades crescentes. O meio é explosivo.

Se as retiradas de tropas americanas continuarem as unidades que ficaram serão, sem dúvida, reagrupadas em complexos militares, nomeadamente na costa (Cam Ranh, Nha Trang, Da Nang, etc.) e nas proximidades de Saigão (Long Binh, Bien Hoa). Seriam então de «forças de reacção» a partir dos seus «enclaves». No resto do território, os sul-vietnamitas vão, pois, ter mais responsabilidades e maior liberdade de acção. Resta ver se a máquina manterá a coesão que lhe confere ainda hoje o seu motor americano.

Em todo o caso, na hipótese de uma retirada militar demasiado rápida dos americanos, o regime deverá reagir contra um duplo processo de desagregação: o «afundamento na base» e as divisões no topo. Quanto a isto, as eleições presidenciais e legislativas previstas para o Outono fornecerão, sem dúvida, bons indícios. O presidente Thieu parece em muito boas condições de obter, se quiser, um segundo mandato de 4 anos. Mas, para preservar a estabilidade de que beneficiou em 1970, o regime será, sem dúvida, obrigado a dar provas de maior firmeza no plano interno. Ora isso só o conseguirá se tiver o apoio sem reservas, dos seus aliados americanos.

## A CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA AGRADECE A COLABORAÇÃO DO «DIÁRIO DE LISBOA»

A Câmara Municipal de Sintra, sob a presidência do sr. A. J. Pereira Forjaz, agradece as sugestões, críticas e informações da Imprensa. Nisso mostra que compreende a missão desta.

Na sua última reunião e por proposta do mesmo presidente, a Câmara Municipal de Sintra aprovou por unanimidade a seguinte resolução:

«Que seja manifestado o nosso mais vivo reconhecimento, aos órgãos da Informação, pelo carinho com que

acompanharam a acção da Câmara, durante o ano decorrido, e o interesse que generosamente dedicaram aos problemas do concelho, não esquecendo o apoio que gentilmente ofereceram à realização do XIV Festival de Sintra, apoio que tanto contribuiu para o êxito conseguido».

Mais expressivo do que isso é, porém, para o «Diário de Lisboa», a prova palpável de como essa Câmara Municipal aprecia o trabalho da Imprensa e a sua missão em caso particular. É que muitos enaltecem a missão da Imprensa e se doem sempre que essa Imprensa os ofenda.

Temos presente uma carta do sr. A. J. Pereira Forjaz em que se nos agradece as críticas feitas no nosso jornal, a propósito do problema da água em Mem Martins e Algueirão: «Fomos termos em que o problema foi posto, trazendo-nos fidedignamente a realidade, o que representa valiosa colaboração, levam-me a

apresentar a V. Ex.ª os melhores agradecimentos».

Quando um jornal apresenta a realidade dum problema, por dura que ela seja, é colaboração que presta às autoridades que têm a obrigação de o resolver. É o interesse público que o jornal defende. Assim o compreende a Câmara Municipal de Sintra e assim o deveriam compreender todas as autoridades. Não se ganha nada em ignorar, ou em esconder, seja o que for.

## VESPISTAS precisam-se

para condução de Vespas de cabina fechada na zona de Lisboa

PAGA-SE BEM

INFORMAÇÕES:

SR. JAIME SANTOS

RUA CASTILHO, 185-1.º — LISBOA

## LOTES DE TERRENO

ALVERCA

Em situações, com projectos aprovados para construção de prédios de 10 e 15 lq.ª, c/3 grandes div. sociais, cozinha, casa de banho e despensa.

PREÇOS — 450 e 600 contos

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio 3-2.º — Telefones 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

# NOTA INDIA

GARANTIR AS GARANTIAS

FOI UMA BOMBA (ou quase) o diploma legal que o Governo fez publicar submetendo a um regime especial de «controle» a transacção de lotes de acções de determinadas empresas. Quer dizer, um certo volume ou uma certa percentagem de títulos de determinados tipos de empresa ou de empresas de uma certa dimensão não poderá mudar de mãos às escondidas, estabelecendo-se um sistema de condicionamentos que tornará qualquer operação desse género dependente da movimentação de um também determinado conjunto de mecanismos. O grande público, que vive longe destas coisas sem as ver e que quando as vê fica na mesma sem as entender, julgará naturalmente que se trata de medidas cautelosas. O efeito retroactivo que se conte e ao novo regime leva, porém, a fazer supor que se trata de travar operação já em curso pelo menos de negociações.

Quem lê o decreto e o relatório de que constam as suas justificações há-de ser naturalmente atraído a pensar que o Governo está alerta e a sentir que são preocupações de moralidade e segurança que o inspiram. «Tais problemas (diz o relatório) que especificamente se centram na aquisição do domínio de empresas por elementos estrangeiros a elas, ganham em determinadas circunstâncias particular acuidade», para o que bastará atentar-se no que pode acontecer «quando participam na operação, em qualquer qualidade, elementos da administração ou da fiscalização da empresa». As situações a que se pretende fazer face são naturalmente muito variadas, mas não custa entender como nelas podem eventualmente caber surpresas com reflexos amplos (para bem ou para mal) nos interesses dos acionistas ou até mesmo do País.

O problema que se põe é o da concentração dos capitais, quer dizer, dos interesses. Para bem entender essa questão, talvez se torne preciso, entretanto, tentar o esboço do que é a empresa moderna, como se compõe o seu capital, quem o detém, como se joga com ele. Talvez se torne conveniente ir ainda um pouco mais além e ver em que medida é que coincide ou diverge o espectro da grande empresa em países como o nosso e em países de grande dimensão económica. Nas empresas tipo sociedade anónima, supostamente nem se sabe quem detém as acções. É o capital multividuado que se associa, sem que as pessoas sequer se conheçam e, na maior parte dos casos, contando a administração a profissionais que até podem nem mesmo ser acionistas. Entre nós, como se sabe, é ainda a concentração nas mãos de poucos que detém todo o poder e toda a influência.

A empresa moderna tem características que ainda nos escapam. Como sublinhou há tempos numa conferência o eng.º Vaz Pinto, que pouco depois haveria de passar pela posição de ministro da Presidência. «A figura do capitalista, do dono duma empresa, de quem emanavam todas as decisões, é cada vez mais uma figura do passado», que desapareceu para dar lugar aos executivos que orientam as sociedades cujo capital se reparte por numerosas pessoas entre as quais também por vezes o próprio Estado. Esta concentração de poder económico compreende-se que possa alarmar o próprio Estado se lhe escapam todos os meios de «controle», o que leva a compreender, uma vez ou outra, os sobressaltos que possam verificar-se para tentar restabelecer esse «controle». É esse, aliás, o semblante com que se apresenta o Estado do nosso tempo.

Mas quem «controla» o Estado? Este é outro problema. Ao Estado todo poderoso, padecendo de mal da «burocracia galopante», quem o corrige e lhe pede contas? No direito moderno começa a tomar vulto uma instituição nova, mas parece que atinge na Suécia, donde lhe vem o nome. É a (ou o?) «Ombudsman», um órgão especialmente destinado, sem as complicações e a lentidão de qualquer contencioso tradicional, a pôr o cidadão ao abrigo de erros ou desvios do Poder e dos seus agentes. O Governo Wilson, há pouco de quatro anos, introduziu o novo mecanismo nas instituições britânicas, na pessoa de um «comissário parlamentar para a administração». Em França há agora uma proposta. Sempre é uma ideia. Num ano em que temos revisão constitucional, daqui se lança o repto a quem for capaz de tomar interesse por ele.



# É preciso atenuar o problema da emigração

(Continuação da 1.ª página)

obra no país europeu mais industrializado — num contexto de estabilidade de níveis médios relativos de vida — o motor fundamental destas migrações de motivação social etc.) da emigração salientando depois os aspectos negativos (san- graria demográfica de indivíduos na pujança da vida, com e perda transitória ou definitiva do capital huma- no e do custo absoluto da sua formação, etc.).

O dr. Rebelo de Sousa en- trou, seguidamente, em con- siderações sobre a tarefa do

Secretariado Nacional da Emigração (incumbido não só de coordenar, mas tam- bém de dinamizar todas as acções e acções responsá- veis pela política de emigra- ção).

Disse, nomeadamente: — Haverá que proceder à revisão e actualização de toda a legislação existente, reunindo-se tanto quanto possível as normas vigentes num texto único.

Referiu, depois, a neces- sidade do «enraizamento do apoio à fixação no Ultramar e informou que a corrente tradicional para o Brasil he- neficiará de tratamento favo- recido.

## «O ajustamento da economia à população»

O ministro disse, ainda, que o Secretariado deverá desenvolver ampla divulga- ção do País das questões sus- citadas pela emigração. As- sim, apontou uma racional política de emprego como so- lução para atenuar o fenóme- no, dizendo que «o Govern- ho usa o ajustamento da eco- nomia à população».

A final, disse:

«O desequilíbrio regional fez-se sentir mais acentua- damente nos últimos anos e im- punha-se e impõe-se por ra- zões políticas, económicas e sociais, empreender o nosso desenvolvimento na corres- pondente resposta e satisfa- zer as exigências cada vez maiores de uma sociedade in- dustrial moderna para que nos encaixinhamos decidida- mente».

— Ao usar da palavra, por sua vez, o dr. Américo Sá- rraga Leal depois de afirmar que «a emigração é, de há longos anos, uma constante na nossa vida económica e social», disse:

«Há que ser realista e aceitar que, sobretudo en- quanto o nível do nosso de- senvolvimento económico não permitir dispor do número de empregos necessário para equilibrar as nossas poten- cialidades no domínio da mão-de-obra, e oferecê-las em condições de remuneração que desencoragem, para além dos casos esporádicos sem ex- pressão, qualquer fluxo emi- gratório, essa constante per- manecerá no quadro das nos- sas preocupações».

Disse, a certa altura: — A emigração clandestina tem assumido proporções des- medidas e injustificáveis — injustificáveis até porque grande número dos indivi- duos que emigra clandestina- mente poderia ter saída le- galmente do País com toda a tranquilidade, e todas as re- galias que daí lhe adviriam. A clandestinidade, para além da baixa exploração de que o emigrante é vítima mesmo antes da partida, e das con- dições, tantas vezes dramá- ticas, em que se destaca, traz consigo implicações da maior gravidade.

Finalmente, o dr. Sárraga Leal definiu, concisamente, os pontos que não de norte a sul, os problemas concernentes à emi- gração como base de infor- mação e levar ao Governo; dinamização do processo de emigração pela sua eventual simplificação e pela reorgani- zação dos Serviços; intensifi- cação da acção de apoio aos emigrantes e suas famílias; defesa dos interesses dos emi- grantes na negociação de acordos internacionais.

Disse, nomeadamente: — Haverá que proceder à revisão e actualização de toda a legislação existente, reunindo-se tanto quanto possível as normas vigentes num texto único.

Referiu, depois, a neces- sidade do «enraizamento do apoio à fixação no Ultramar e informou que a corrente tradicional para o Brasil he- neficiará de tratamento favo- recido.

## «O ajustamento da economia à população»

O ministro disse, ainda, que o Secretariado deverá desenvolver ampla divulga- ção do País das questões sus- citadas pela emigração. As- sim, apontou uma racional política de emprego como so- lução para atenuar o fenóme- no, dizendo que «o Govern- ho usa o ajustamento da eco- nomia à população».

A final, disse:

«O desequilíbrio regional fez-se sentir mais acentua- damente nos últimos anos e im- punha-se e impõe-se por ra- zões políticas, económicas e sociais, empreender o nosso desenvolvimento na corres- pondente resposta e satisfa- zer as exigências cada vez maiores de uma sociedade in- dustrial moderna para que nos encaixinhamos decidida- mente».

— Ao usar da palavra, por sua vez, o dr. Américo Sá- rraga Leal depois de afirmar que «a emigração é, de há longos anos, uma constante na nossa vida económica e social», disse:

«Há que ser realista e aceitar que, sobretudo en- quanto o nível do nosso de- senvolvimento económico não permitir dispor do número de empregos necessário para equilibrar as nossas poten- cialidades no domínio da mão-de-obra, e oferecê-las em condições de remuneração que desencoragem, para além dos casos esporádicos sem ex- pressão, qualquer fluxo emi- gratório, essa constante per- manecerá no quadro das nos- sas preocupações».

Disse, a certa altura: — A emigração clandestina tem assumido proporções des- medidas e injustificáveis — injustificáveis até porque grande número dos indivi- duos que emigra clandestina- mente poderia ter saída le- galmente do País com toda a tranquilidade, e todas as re- galias que daí lhe adviriam. A clandestinidade, para além da baixa exploração de que o emigrante é vítima mesmo antes da partida, e das con- dições, tantas vezes dramá- ticas, em que se destaca, traz consigo implicações da maior gravidade.

Finalmente, o dr. Sárraga Leal definiu, concisamente, os pontos que não de norte a sul, os problemas concernentes à emi- gração como base de infor- mação e levar ao Governo; dinamização do processo de emigração pela sua eventual simplificação e pela reorgani- zação dos Serviços; intensifi- cação da acção de apoio aos emigrantes e suas famílias; defesa dos interesses dos emi- grantes na negociação de acordos internacionais.

Disse, nomeadamente: — Haverá que proceder à revisão e actualização de toda a legislação existente, reunindo-se tanto quanto possível as normas vigentes num texto único.

Referiu, depois, a neces- sidade do «enraizamento do apoio à fixação no Ultramar e informou que a corrente tradicional para o Brasil he- neficiará de tratamento favo- recido.

## «O ajustamento da economia à população»

O ministro disse, ainda, que o Secretariado deverá desenvolver ampla divulga- ção do País das questões sus- citadas pela emigração. As- sim, apontou uma racional política de emprego como so- lução para atenuar o fenóme- no, dizendo que «o Govern- ho usa o ajustamento da eco- nomia à população».

A final, disse:

«O desequilíbrio regional fez-se sentir mais acentua- damente nos últimos anos e im- punha-se e impõe-se por ra- zões políticas, económicas e sociais, empreender o nosso desenvolvimento na corres- pondente resposta e satisfa- zer as exigências cada vez maiores de uma sociedade in- dustrial moderna para que nos encaixinhamos decidida- mente».

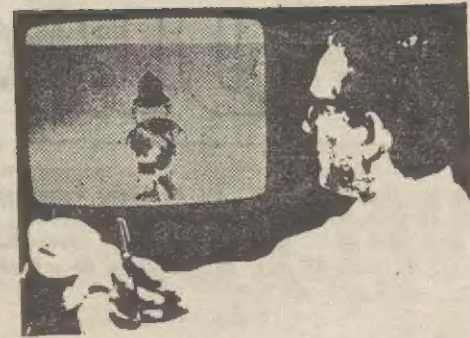
— Ao usar da palavra, por sua vez, o dr. Américo Sá- rraga Leal depois de afirmar que «a emigração é, de há longos anos, uma constante na nossa vida económica e social», disse:

«Há que ser realista e aceitar que, sobretudo en- quanto o nível do nosso de- senvolvimento económico não permitir dispor do número de empregos necessário para equilibrar as nossas poten- cialidades no domínio da mão-de-obra, e oferecê-las em condições de remuneração que desencoragem, para além dos casos esporádicos sem ex- pressão, qualquer fluxo emi- gratório, essa constante per- manecerá no quadro das nos- sas preocupações».

Disse, a certa altura: — A emigração clandestina tem assumido proporções des- medidas e injustificáveis — injustificáveis até porque grande número dos indivi- duos que emigra clandestina- mente poderia ter saída le- galmente do País com toda a tranquilidade, e todas as re- galias que daí lhe adviriam. A clandestinidade, para além da baixa exploração de que o emigrante é vítima mesmo antes da partida, e das con- dições, tantas vezes dramá- ticas, em que se destaca, traz consigo implicações da maior gravidade.

Finalmente, o dr. Sárraga Leal definiu, concisamente, os pontos que não de norte a sul, os problemas concernentes à emi- gração como base de infor- mação e levar ao Governo; dinamização do processo de emigração pela sua eventual simplificação e pela reorgani- zação dos Serviços; intensifi- cação da acção de apoio aos emigrantes e suas famílias; defesa dos interesses dos emi- grantes na negociação de acordos internacionais.

Finalmente, o dr. Sárraga Leal definiu, concisamente, os pontos que não de norte a sul, os problemas concernentes à emi- gração como base de infor- mação e levar ao Governo; dinamização do processo de emigração pela sua eventual simplificação e pela reorgani- zação dos Serviços; intensifi- cação da acção de apoio aos emigrantes e suas famílias; defesa dos interesses dos emi- grantes na negociação de acordos internacionais.



# CAVALDA CRITICA

por MARIO CASTRIM

## UM HOMEM SÓ... E MAL ACOMPANHADO

1 — Há uma boa dúzia de anos, quando nasceu, já «UM HOMEM SÓ» era uma peça velha. Chama-se velho, em arte, aquelas formas que recusam o mínimo fermento de revelação. A peça de Costa Ferreira pavoneia-se de todos os ingre- dientes de entradas e saídas, de grande gesticulatória, de espampanância palra- tória, de criticazinha à bela sociedade — que foi, em determinada época, uma boa maneira de apaziguar a consciência ou qualquer coisa parecida com isso. A consciência dos outros, está bem de ver. Em vão se aguardou, durante toda a noite, um golpe de teatro, ou seja: um apontamento que reconduzisse o público do nosso tempo a um ponto onde se avista- tesse teatro criado. Em vão. Foi sempre teatro imitado o que se viu.

Peça velha há uma dúzia de anos, fal- tava-lhe, no entanto, esta versão tele- visiva para se comprometer definitiva- mente com a velhice. Nada como a tele- visão para dar umas boas cereílas. Com atilhões.

2 — No entanto, ao mesmo tempo em que escrevo estas palavras sabicho- nas, tomo consciência de que estou colo- cando uma questão pessoal, como se hou- vesse um caso pessoal entre mim e este género de peças, com esquecimento do mais importante: a situação de «Um Ho- mem SÓ» no conjunto da programação das noites de teatro, frente à experiên- cia teatral de milhões de telespectadores.

Para além da forma envelhecida da peça de Costa Ferreira, existem elemen- tos capazes de significar alguma novi- dade para o grande público da televisão. Não se vê com muita frequência fazer- -se, como se fez ontem, a denúncia de cer- tos «bons sentimentos» — que outra coisa não são, as mais das vezes, senão a co- bertura de situações, de privilégios, de in- ieressas. Raramente a instituição fa- miliar da alta burguesia terá sido tão duramente posta à prova como em «Um homem só». O amor praticado em certas esferas aparece-nos a uma luz que, para muitos telespectadores, será crua, sé- ria, mesmo, violenta. O próprio amor de mãe não escapa à molestia que lhe pega uma sociedade cruel em sua origem.

Depois desta peça será muito difícil argumentar-se com a desculpa dos 12 anos para a geral mediocridade das pe- ças. A verdade é que na televisão por- tuguesa nunca se fez muito caso disso, a não ser como desculpa. Ontem, porém, era um autor português, eram palavras portuguesas, e até os nomes — oh, espanto! — eram do Lusitano mais corido: Santos, Conceição, Maria Joana, Maria

Luísa... 3 — Tais aspectos positivos, na medida em que reenviam o telespectador à rea- lidade, à observação, não fazem esquecer outros aspectos deseducadores do gosto do público: a verborreia literarética, a to- tal ausência de oralidade, denunciada pelos no entanto, pelos porém, pelas fra- ses compridas e bem ordenadíssimas. E, o que é pior, uma certa filosofia barata e perigosa — como aquele conhecido se- gundo o qual «ser livre é não depender dos outros homens», ou aquele peregrino pensamento: «a liberdade é apenas o direito de escolher uma prisão». Aborrecida e enjoativa a pregação da boa moral, sermões bonzinhos, auxiliá- mos-nos uns aos outros, na vida só in- teressa aquilo que damos, etc. Ou muito me engano, ou Costa Ferreira foi escutei- ro. Nota-se pelo seu constante pendor de querer ajudar a velhice a atravessar a rua.

Outro senão, este mais grave, é o ca- rácter titereiro das figuras principais, muito embora pudesse estar correcto o seu razião ou o seu comportamento, aqui e ali. Não se vive de conceitos. A uma figura de barro há que soprar-lhe a alma, há que dar-lhe ânimo, se a queremos viva. Foi isso que Costa Ferreira não conseguiu fazer. O banqueiro mauzão de repente até fica muito compreensivo para o criado Garcia. (Sei de uma história assim acon- tecida com um lobo, mas esse conver- teu-se na noite de Natal, o que está jus- tificado). Carlos da Conceição, o filho natural, passou trinta anos a gozar que nem um bicho, e de repente odeia quem lhe proporciona todo o bem-estar, e de repente quer vingar-se, e depois já não se quer vingar, e ele, que nunca pensou em fazer o bem, sente de súbito uma grande vontade de se dar ao próximo, e até consegue desarticular umas frases ca- tólicas.

4 — Deixemo-nos de compreensões evangélicas: a peça foi uma estopada, popularizada nas mídias lágrimas, nos muitos esgaras, nas grandes mãos que se apertam, nas grandes e ridículas afir- mações. De súbito, quando se estava a passar em cena o cácará denunciador do ovo dramático, acontecia em mim uma grande vontade de rir.

Não, meu caro Costa Ferreira. O pú- blico não se educa fora da qualidade es- tética. Qualquer pretensão contrária a isso gera ilusões que se pagam muito caro, e que em geral se voltam contra quem as criou. O grande amor à causa do povo é inseparável, em arte, do apuramento da arte. Para se chegar ao povo é ne- cessário subir a arte. O contrário confunde-

-se com oportunismo. Aceito, ainda, que a culpa não será totalmente do autor. O realizador Olivei- ra e Costa tem grande peso nos ombros por não ter sabido dirigir os actores: confiou cegamente neles, deixou andar — e acabou por ficar amarrado de pés e mãos. Raramente nos deu um grande plano? Mas não podia fazer outra coisa. Diante dos excessos declamatórios, Oli- veira e Costa retraiu-se, compreensivel- mente: um grande plano, ali, não seria pimentão — seria nitroglicerina.

5 — Grande interesse desta peça resi- dia no trabalho de Gambos. Foi mais do que um mau trabalho: foi péssimo, foi insuportável. Os ataques estentóreos, o recurso à «pressão dominadora», o arfar ruído, a voz tremulante na frigideira — tudo isso nos deu Gambos em doses letais. Feios vistos, e infelizmente, a es- cola de Alves da Cunha ainda não mor- reu.

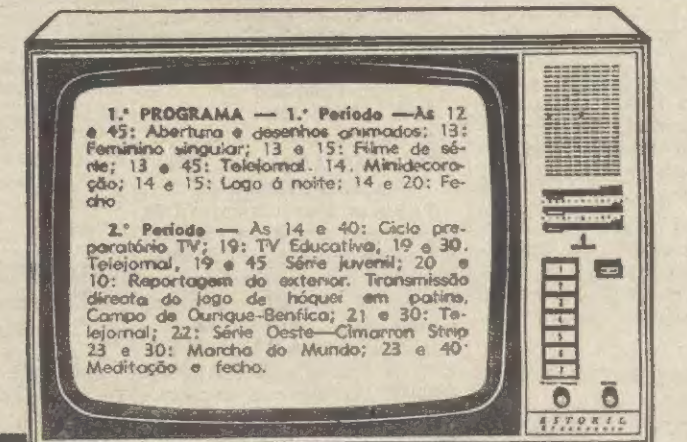
Com tudo isso, porém, é indubitável que a natureza de grande actor de Gam- bos veio ao de cima também com alguma frequência.

Não tenho vontade nenhuma de falar de Adeline Campos. A sua presença foi de sinal negativo do primeiro de natu- gesto. Nem ao menos um clarão de natu- ralidade, de saber estar ou saber dizer. Se alguma surpresa houve, aconteceu com Mário Pereira (também um pouco com Glória de Matos, embora inerte de onde em onde). Perdidos os seus tiques, o viciado ritmo da linguagem e o tom declamatório-conservatório, Mário Pe- reira pareceu-nos ser o que melhor enten- deu o comportamento e as exigências de um actor de televisão, sempre que não foi contagiado pela gooooorria de Gam- bos. A caracterização e a realização não o ajudaram muito, valha a verdade. Mas o tom directo, seco, o ar de quem falava, eis uma vitória para a experiência do actor de televisão.

Esperemos que a Metrol descubra em Portugal outros dramaturgos além de Costa Ferreira. Se procurar bem, até tal- vez encontra. Encontra, posso garantir. Numa televisão portuguesa, a produção portuguesa não deve servir apenas para dar cor local: deve ser fundamental.

## TV dia a dia

HOJE PODE VER...



SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

1.º PROGRAMA — As 12 e 45: Abertura; 12 e 46: Desenhos animados; 13: O caso da semana; 13 e 15: Filme de série, «Os Meus Sobrinhos»; 13 e 45: Telejornal; 14: Dó Lá Si; 14 e 25: Directamente de... Garmish, programa de danças no gelo; 16: Série juvenil; 16 e 25: TV infantil, «Os Pucetofes» — A Casota do Gaspar; 16 e 50: Desenhos animados, Kimba; 17 e 20: As Flores e o seu mundo; 17 e 45: Programa feminino; 18 e 10: Estúdio sem marcação; 18 e 35: Teledeporto; 19: Cat-taz TV; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Ao senão da Nação; 20 e 10: ...E a vida continua... pelo rev. padre Teodoro Marques da Silva; 20 e 35: Série juvenil, «Skiptty»; 21: Frente a frente; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: Folhetim — «O pequeno mundo de Marie-Plaisance»; 22 e 35: Variedades, com a participação do conjunto «Aguariva»; 23 e 20: Marcha do Mundo; 23 e 25: Meditação e Fecho.

II PROGRAMA — As 21 e 30: Te lejornal; 22: Noite de cinema — «Cyrano de Bergerac», com José Ferrer, Mala Powers, William Price, Morris Cernow- sky, Ralph Clanton, Lloyd Corrigan e Virginia Tamm; 23 e 30: Fecho.



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta.

ESTUDANTES! IV CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO CIXNE RECEPÇÃO: ÀS 31/MARÇO/78

# CENSURA AOS FILMES E CINECLUBES

— DOIS DOS PROBLEMAS HOJE ABORDADOS NA ASSEMBLEIA NACIONAL

«A possibilidade de vermos em Portugal o cinema que a Europa vê foi desejada pelo deputado Francisco Balsemão, ao intervir, hoje, na ordem do dia dos trabalhos da Assembleia Nacional, sobre a proposta de lei de proteção ao cinema nacional.

O referido deputado, um dos três inscritos para usar da palavra no período da ordem do dia, criticou abertamente vários aspectos da proposta governamental, e exprimiu o desejo de que, apesar das limitações encontradas, a futura lei torne viável, afazermos em Portugal um cinema que retrate a realidade, a nossa realidade, e não a realidade, o nosso mundo e, também, um factor de aproximação entre as pessoas e de esclarecimento das suas interrogações.

«O ostracismo a que, durante muitos anos, Portugal foi

cinematograficamente votado invocou-o o orador, para explicar, em parte, o aheamento que tem sido detectado no hemisfério, a propósito das propostas de lei em discussão.

«O bom cinema internacional não podia ser exibido no País por ser considerado subversivo ou pornográfico. — disse o deputado — O cinema produzido em Portugal foi-se acomodando, com honras mas raras excepções, a uma confrangedora mediocridade, desculpada atitude pelos impedimentos derivados da censura aos espectáculos. Os poucos filmes de qualidade, nacionais ou estrangeiros, que até nós chegavam, recebiam, regra geral, mutilações que alteravam ou destruíam a sua mensagem social e o seu valor estético.

«Entre 1964 e 1967, dos 1301 filmes que, na Metrópole, os distribuidores tiveram a audácia de apresentar à censura, 145 foram totalmente reprovados

(e note-se, a título de curiosidade, que, destes, 29 puderam ser exibidos em Angola ou Moçambique) e 693 só foram autorizados com cortes», afirmou o deputado Francisco Balsemão.

Noutro passo do seu discurso, o deputado Francisco Balsemão manifestou a sua estranheza pelo facto de não se tocar no problema — essencial, como já se demonstrou — da censura aos filmes e por não serem «directas e inequívocas as referências aos cine-clubs, que, lutando muitas vezes contra a indiferença ou a hostilidade oficial, tanto têm feito pela expansão do cinema em Portugal».

«Quanto à censura — sublinhou o deputado Francisco Balsemão — parece querer manter-se a situação actual, mercê da qual o furo de recurso das decisões da Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos é constituído pelos mesmos elementos que proferiram a decisão condenatória de um filme inteiro ou que ordenaram os cortes parciais».

Por fim, o orador desejou que o projectado Instituto Português de Cinema seja dotado de personalidade jurídica e de relativa independência em relação ao Governo. O deputado registou, ainda, que, em Portugal, 25% dos conceitos, abrangendo um milhão de habitantes, não têm cinema.

Outros parlamentares inscritos para falar, na ordem do dia, foram os deputados Peres Claro e Leal de Oliveira.

**ALBERTO ALARCÃO:**  
«Um verdadeiro seguro florestal»

Por seu turno, intervindo no período antes da ordem do dia, o deputado Alberto Alarcão saudou a publicação do Decreto-Lei n.º 488/70, de 14 de Outubro último, que, pela primeira vez, adopta legislativamente em Portugal, medidas de prevenção, detecção e extinção dos incêndios florestais, e pediu providências tendentes a completar as medidas governamentais.

Entre outros pontos de interesse, inspirados na lei espanhola sobre incêndios florestais, o orador sugeriu a criação de um «verdadeiro seguro florestal».

«Poderia, inclusive, justificar-se, a semelhança da vizinha Espanha, a criação de um fundo de compensação

de incêndios florestais», através do qual se satisfariam as indemnizações proporcionais às perdas resultantes dos incêndios nas florestas, os quantitativos de despesas regulamentarmente reconhecidas efectuadas com a sua extinção, bem como as obrigações que derivem de ac-

identes pessoais sofridos por quantos nela colaboram. Por esta forma se fomentaria a criação de um verdadeiro «seguro florestal», que, nos dados e estudos, que viessem a ser coligidos e realizados, encontraria elementos e material para seu posterior desenvolvimento e expansão».

As presenças nas sessões da Assembleia Nacional continuam a aumentar, lentamente. Ontem responderam à chamada 83 deputados. Bem bom.

No período antes da ordem do dia, assumiram particular importância as intervenções a propósito do plano de reformas do Ensino, apresentado ao País pelo ministro Veiga Simão.

Depois de louvar o prof. Veiga Simão por não ter hesitado em expor à crítica nacional as reformas que concebeu, o prof. Miller Guerra fez um reparo. Em seu entender, a autonomia administrativa e financeira a dar às universidades dar-lhes-á mais força e, portanto, novos motivos de encerramento dentro das estruturas que as solidificam e petrificam. O caminho deverá ser outro, paralelo com o primeiro: a fundação de novas universidades, que concorram e estimulem as universidades tradicionais e estéticas.

A «Assembleia Nova» reagiu bem a este espírito reformador, que começou no Governo, e fez ecoar os seus apoios, com particular firmeza, no hemisfério.

Também o deputado Oliveira Ramos, ao reclamar rápida providência para a melhoria da rede rodoviária e ferroviária do distrito de Braga (com alusão mais directa ao caso da ponte da Vila do Conde), elogiu o plano de educação anunciado pelo prof. Veiga Simão e lembrou o interesse e a oportunidade de encerrar a fundação de estudos superiores oficiais na cidade minhota.

Na ordem do dia — a discussão na generalidade das propostas de lei sobre teatro e cinema — o deputado Moura Ramos falou do cinema como «uma arma terrivelmente perigosa» e disse ainda que a maioria dos filmes oferecem inconvenientes físicos, morais ou pedagógicos. Terminou, porém, e inesperadamente, aprovando na generalidade a proposta de lei.

Falando dos problemas do Teatro Português, já com alguma atenção da Câmara, o deputado Silva Mendes fez algumas considerações e reparos ao projecto de lei, que aprovou na generalidade.

Interrompendo o seu colega, o deputado Miller Guerra saudou o ministro da Educação Nacional pelo facto que teve em propor uma reforma que, se ver a ser executada, é das reformas mais importantes da história da cultura nacional. O prof. Miller Guerra acrescentou, entre muitos apoios, ser preciso que outros departamentos do Estado apresentassem reformas da mesma amplitude e profundidade para que o País ficasse sabendo qual é a imagem

MANUEL DE AZEVEDO

## INDUZIA MENORES A ROUBAR BICICLETAS MAS FOI DESCOBERTA PELA POLICIA

A P. S. P. prendeu, para averiguações, Idalina da Silva Mendes, moradora no Largo da Paz, 22, 1.º, esquerda, acusada de ter induzido dois garotos — um dos quais seu

irmão — a roubar duas bicicletas que estavam na garagem do sr. Leopoldo Henrique Heeren, residente na Rua Fernão Lopes Castanheira, 10.

O furto das bicicletas verificou-se há cerca de uma semana. Passados dois dias, a Idalina apresentou-se em casa da vítima a quem informou saber do paradeiro de uma das máquinas, prontificando-

se a acompanhar o sr. Leopoldo ao local indicado. Dada a atitude de Idalina, a vítima ao agradecer-lhe a informação declarou que, caso ela encontrasse a outra, deitaria 500 escudos. Ontem, ao saber que o sr. Leopoldo se dirigia à P. S. P. a fim de participar o furto, Idalina procurou-o e indicou o local onde se encontrava a segunda bicicleta. Uma vez recuperada aquela, dirigiram-se os dois à P. S. P., a fim de o primeiro retirar a queixa e a segunda receber o prémio prometido. Na esquadra, porém, o graduado de serviço não acreditou na história da rapariga, pelo que procurou que a mesma se explicasse melhor. Ao fim de duas horas, ela acabou por confessar o seu acto, recolhendo aos calabouços do Governo Civil.

## O SONO DOS CIDADÃOS

Do sono, dizem os antigos, Manuel de Almeida Vitória, residente na Rua Vitor Bastos, em Lisboa, recebeu a seguinte carta, em que aborda um problema que dia a dia — aliás, noite a noite — ganha maior acuidade em certas zonas da cidade:

Sr. director: «Em primeiro lugar eu pedirei veementemente que permissa a publicação desta carta, pois trata-se de um problema, verdadeiramente humano, que interessa não só a um casal, mas sim a milhares, especialmente na área de Lisboa. Refira-me se desprezo absoluto que se nota, há uns anos para cá, pelo sono e sossego dos municípios. A minha rua (Vitor Bastos), em Campolide, é um genuíno protótipo desse imbróglio infernal, que a desoras avassala a nossa querida Lisboa. Indivíduos que dessem as escadas à 1 hora da madrugada, e às vezes mais, em autêntica algazarra, que continua na rua; carros que à 1, 2 e 3 horas abalam o populoso bairro com o abuso do tubo de escape, transformando ruas tranquilas, ordeiras, éticas, em verdadeiras pistas de corrida; pessoas que, com

extrema falta de amor próprio, pelo próximo, ouem a televisão com o som alto depois da meia-noite, etc., etc.

Eu e a minha mulher temos um filho de 1 ano, que constantemente acordava durante a noite, acordado com essa barulheira. Calcule V. qual é o esforço de um casal, que é obrigado a passar noites de vigília pela falta de civismo dos seus concidadãos, para de manhã erguer-se e suportar um dia inteiro de labuta, tanto no emprego como no lar.

Ao escrever esta novena, sou induzido a formular as seguintes inquirições, para as quais peço a meditação dos responsáveis: se existe uma lei que proíba, da meia-noite às sete horas da manhã, os cidadãos perturbarem o sossego e o sono dos seus semelhantes, porque não se essa lei cumprida? Porque não zelam as entidades competentes pelo cumprimento da mesma? Como podem os municípios serem profícuos e contribuírem com a sua produtividade para o progresso social da Nação, se lhes falta o elemento vital e imprescindível para o bom funcionamento físico, fisiológico e psíquico do seu «que é o sono»?

## ora diga-nos...

— Quantos caloríferos tem em casa?

Fez frio... e os caloríferos tiveram grande procura no mercado.



Respondeu-nos a sr.ª D. Maria Angélica Biapo, auxiliar de enfermagem:

— Tenho um. Eléctrico.

— E chega?

— Bem, a família é pequena...



Por fim, disse-nos a cabeleireira sr.ª D. Dionísia do Rosário Zocero:

— Um; é bom, bastante grande, mas tenho de andar com ele de um lado para o outro.

## o fado e o folclore — restaurantes típicos

**ADEGA MESQUITA**  
cantam: Odete Mendes, Maria Amélia Proença, Fernanda Pinto, Alcindo de Carvalho e Francisco Martinho. Tocam: Jaime Santos e António Proença. Rua «Diária de Notícias» 107. Telefone 328307.

**PARREIRINHA DE ALFAMA**  
cantam: Argemiro Santos, Julia Peres, Lina Maria Alves, Natividade Duarte, Flora Pereira, Leonor Santos e Susana da Conceição. Tocam: Manuel Martins e Miguel Ramos. Consumo mínimo 50\$00. Beca do Espírito Santo 1. Telefone 868209.

**TAVERNA DO EMBUÇADO**  
elenco: João Ferreira Rosa, Vencelão da Câmara, João Braga, Ana Romãozinho e António de Mello. «Correia» Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal. Encerra aos domingos. Consumo mínimo 90\$00. Beca dos Cordeiros, 10. Telefone 868316.

**MARCIA CONDESSA**  
cantam: Teresa Nunes, Norberto Morais, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados.

**BOITE**  
M/21 anos  
SENSACIONAL «SHOW»  
Conjunta: JOSÉ PEDRO  
— WILSON DE VASCONCELOS  
— BALLET SANTIAGO DANCERS  
— Em estreia BEATRIZ DA CONCEIÇÃO  
Largo Biblioteca Pública, 18-20 — Tels.: 35328/362123

**GUERRA DA MADRAGOA**  
Aberta todos os dias. Rua da Esperança, 174. Telefone 661915. Consumo mínimo 50\$00.

**A FURNA**  
Rua Ferreira Lapa 38-D (à Av. Duque de Loulé) — Telefones 534466-561949.  
Música gravada. Cenas até às 3 horas. Encerra aos Domingos.

**ARCHOTE-CLUB**  
Discos: Rua D. Filipe de Villena.

**Candida da Conceição, Julieta**  
Danças pelo Grupo Típico da Vila Franca de Xira. Conções do Milho por Quim Barreiros. «Cons. min. 61\$50 (taxas incl.)». Rua Gilberto Rolz 24. Telefones 362889-328503.

**SOLAR DO MINHO**  
Culinária minhota. Todos os dias almoços e jantares. Dose: 20\$00. Rua do Vigário, 60. Telefone 866811.

**FOLCLORE**  
elenco: Américo Vidal: Fernanda Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro, Marina Rosa, América Lino, António Chalhó, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Aveleiro, Rodrigues, Fernando Matos e Corpo de baile constituído por 20 elementos. «dirigido pelo coreógrafo António Gonçalves». Cons. min. 120\$00. Taxas incluídas. Rua Nova da Trindade, 22-A. Telefone 35007-323406. Encerra ao domingo.

**LUSO**  
elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Emília, Plínio Sérgio (em fados

**HIPOPPOTAMO**  
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A. Tels. 48384. Conl. Heider Reis. Encerrada aos domingos.

**NOCTURNO**  
Travessa Ficus de Deus, 28. Telefone 370889. Poesia com Coreia do Silva. Encerra às 3 e 3.30.

**MAXIME**  
Conjunta: 6. Reação e Maximiliano. «Show» turístico. Vendas internacionais. Praça da Alegria, 58. Telefone 55366.

**GALERIA REAL**  
Estrada de São Pedro 6. SINTRA. Encerra a meia-noite. «Uitijag» novidades em discos, recolhidos directamente dos E. U. A.

**SANZALA**  
Av. Marechal Carmona, 2. Campo Grande. Telefone 770172. Encerra às 3.30.

**de Coimbra, Domingos Camanha**  
(guitarrista) e Jorge Borrados (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Lopes e Ivo de Queluz. 10-16. Telefones: 362889-328503.

**VIELA**  
cantam: Sérgio, Berlo Cardoso, Beatriz Ferreira, Conceição Tavares e Lisete Maria. Tocam: António Lopes e Ivo de Queluz. Cons. min. 50\$00. R. das Taipas, 14. Telefone 327256.

**A KAVERNA**  
cantam: Celeste Maria, Tino Santos, Renato Maia. Tocam: Armando Maia e José Maria Carvalho. Cons. min. 90\$00. Travessa dos Filhos de Deus 37. Telefone 35593.

**LAR PORTUGUÊS**  
cantam: José Borges, Dina Cardoso, Armando Miranda. Folclore pelo Conjunto Típico do Alentejo. Cons. min. 50\$00. R. da Barroca, 133. Telefones 36960 e 30532. Encerra às terças-feiras.

**TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)**  
Conjunta Manuel Viegas. Avenida Duque de Loulé, 73. Telefone 530171.

**BARBARELA**  
Rua da Atafala, 18 (Bairro Alto). Telefone 367136. Encerra às 3 horas.

**SNOB**  
Rua de «O Século», 178. Telefone 33723.

**CASINO DO ESTORIL**  
Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telefones 264521-264526-264596-264621-264946.

**FORTE VELHO**  
Pago. S. João do Estoril. Telefone 261337.

**CURTO-CIRCUITO**  
Rua dos Correios, 216. Telefone 363572. Aberto das 18 às 3.30.

## LOTARIA DE REIS

A primeira extracção extraordinária do ano, vulgarmente designada por Lotaria dos Reis, iniciou-se hoje ao meio-dia, na Santa Casa da Misericórdia, tendo-se realizado pela última vez a sexa-feira.

O primeiro prémio coube ao número 13 414 (9000 contos); o segundo ao número 46 267 (900 contos); e o terceiro prémio ao número 5808 (300 contos).

Como há dias noticiámos, neste ano, a extracção, que habitualmente ocorre às sextas-feiras, passa a efectuar-se de quintas-feiras, pelas 12 horas.

**NUMEROS PREMIADOS**  
13414 — 9 000 000\$  
46267 — 900 000\$  
5808 — 300 000\$

**APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO**  
13413 — 31 050\$  
13415 — 31 050\$

**PRÉMIOS DE 48 000\$00**  
2360; 7768; 8801; 8910; 11357; 14733; 15384; 17395; 22342; 25345; 25407; 32618; 33951; 34090; 38256; 39125; 44150; 47178; 48094; 48646; 53596 e 55058.

**PRÉMIOS DE CENTENA (1800\$00)**  
5801 a 5900; 13401 a 13500 e 46201 a 46300.

**PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS**  
Todos os números cujos três algarismos finais sejam 414 são contemplados com 3300\$00, em cada bilhete. Os terminados em 267 e 808, são contemplados com 2700\$00 e os terminados em 048, 145, 162, 268, 357, 428, 522, 626, 725 e 753, com 1800\$00. Por sua vez, os números cujos dois algarismos finais sejam 14, são premiados com 1500\$00 e os terminados em 08, 20, 45, 67 e 71, com 900\$00. Por último, todos os números cujo último algarismo (terminação) seja 4, têm direito a 600\$00, de prémio, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

## BOM APETITE

**TONI DOS BIFES**  
Av. Prota de Vitoria, 50-A. Tels. 536080.  
AMANHÃ  
PEIXOADA À PORTUGUESA  
DOMINGO  
ARROZ DE PATO NO Forno  
Deliciosa SARRABULHO  
ABERTO AOS DOMINGOS

**SOLAR DO MINHO**  
Rua do Vigário, 60 — Alfama (98.º Estádio) — Tel. 866911.  
COZINHA MINHOTA  
ALMOÇOS e JANTARES  
cada dose 20\$00

**PROGRESSO**  
Restaurante «Snack-Bar»  
Pastelaria  
R. Barroa Salgueira, 4  
Tels. 40 30 30  
Aos domingos especialidade do coxo  
ENSOPADO DE ENGUIAS e COELHO A CAÇADOR  
SERVIÇO DE LANCHES DE CASAMENTO

**JANTE NA TARANTELA**  
EM AMBIENTE FAMILIAR  
Largo D. Estefânia, 22  
SALA NO 1.º ANDAR PARA LANCHES DE CASAMENTOS

**RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE**  
Telheiros do Cima, 144  
Tels. 792111  
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS e DOMINGOS c/ conjunto privativo  
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR  
Premiado pelo S. M. I. (Maiores de 5 anos)

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

**PRÉDIOS ANDARES MORADIAS QUINTAS E TERRENOS**  
COMPRAM-SE  
**ORCOSI**  
Rua 1.º Dezembro, 45-3.º LISBOA

**EMPREGADO**  
Precisa firma importadora de ferramentas para serviços de importação, cálculos de preferência com conhecimentos de Inglês e Francês. Carta manuscrita indicando ordenado pretendido.  
Resposta a este jornal ao n.º 682.

Em ALGÉS o «DIÁRIO» DE LISBOA vende-se na tabacaria do Café Caravela d'Ouro.

**Tagide**  
BOITE  
M/21 anos  
SENSACIONAL «SHOW»  
Conjunta: JOSÉ PEDRO  
— WILSON DE VASCONCELOS  
— BALLET SANTIAGO DANCERS  
— Em estreia BEATRIZ DA CONCEIÇÃO  
Largo Biblioteca Pública, 18-20 — Tels.: 35328/362123

**GUERRA DA MADRAGOA**  
Aberta todos os dias. Rua da Esperança, 174. Telefone 661915. Consumo mínimo 50\$00.

**A FURNA**  
Rua Ferreira Lapa 38-D (à Av. Duque de Loulé) — Telefones 534466-561949.  
Música gravada. Cenas até às 3 horas. Encerra aos Domingos.

**ARCHOTE-CLUB**  
Discos: Rua D. Filipe de Villena.

**HIPOPPOTAMO**  
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A. Tels. 48384. Conl. Heider Reis. Encerrada aos domingos.

**NOCTURNO**  
Travessa Ficus de Deus, 28. Telefone 370889. Poesia com Coreia do Silva. Encerra às 3 e 3.30.

**MAXIME**  
Conjunta: 6. Reação e Maximiliano. «Show» turístico. Vendas internacionais. Praça da Alegria, 58. Telefone 55366.

**GALERIA REAL**  
Estrada de São Pedro 6. SINTRA. Encerra a meia-noite. «Uitijag» novidades em discos, recolhidos directamente dos E. U. A.

**SANZALA**  
Av. Marechal Carmona, 2. Campo Grande. Telefone 770172. Encerra às 3.30.

**TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)**  
Conjunta Manuel Viegas. Avenida Duque de Loulé, 73. Telefone 530171.

**BARBARELA**  
Rua da Atafala, 18 (Bairro Alto). Telefone 367136. Encerra às 3 horas.

**SNOB**  
Rua de «O Século», 178. Telefone 33723.

**CASINO DO ESTORIL**  
Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telefones 264521-264526-264596-264621-264946.

**FORTE VELHO**  
Pago. S. João do Estoril. Telefone 261337.

**CURTO-CIRCUITO**  
Rua dos Correios, 216. Telefone 363572. Aberto das 18 às 3.30.

**Tagide**  
Variedades. Conjunto Zé Pedro. Largo da Biblioteca, 18-22. Aberto aos domingos.

**TAMILA**  
Morão e s/ Conjunto. Avenida Duque de Loulé, 69. Telefone 534117.  
«Matinees» todos os dias. Encerra aos domingos.

**ADAGGIO**  
Apresentação de Teresa Paula Brito no seu novo repertório. Discos recebidos directamente de

**inglaterra, Estados Unidos e Brasil** — Rua Carlos Reis, 51-A. Telefone 775695.

**CASINO DO ESTORIL**  
Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telefones 264521-264526-264596-264621-264946.

**FORTE VELHO**  
Pago. S. João do Estoril. Telefone 261337.

**CURTO-CIRCUITO**  
Rua dos Correios, 216. Telefone 363572. Aberto das 18 às 3.30.

**Tagide**  
Variedades. Conjunto Zé Pedro. Largo da Biblioteca, 18-22. Aberto aos domingos.

**TAMILA**  
Morão e s/ Conjunto. Avenida Duque de Loulé, 69. Telefone 534117.  
«Matinees» todos os dias. Encerra aos domingos.

**ADAGGIO**  
Apresentação de Teresa Paula Brito no seu novo repertório. Discos recebidos directamente de

**inglaterra, Estados Unidos e Brasil** — Rua Carlos Reis, 51-A. Telefone 775695.

**CASINO DO ESTORIL**  
Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telefones 264521-264526-264596-264621-264946.

**FORTE VELHO**  
Pago. S. João do Estoril. Telefone 261337.

**CURTO-CIRCUITO**  
Rua dos Correios, 216. Telefone 363572. Aberto das 18 às 3.30.

**Tagide**  
Variedades. Conjunto Zé Pedro. Largo da Biblioteca, 18-22. Aberto aos domingos.

**TAMILA**  
Morão e s/ Conjunto. Avenida Duque de Loulé, 69. Telefone 534117.  
«Matinees» todos os dias. Encerra aos domingos.

**ADAGGIO**  
Apresentação de Teresa Paula Brito no seu novo repertório. Discos recebidos directamente de

**inglaterra, Estados Unidos e Brasil** — Rua Carlos Reis, 51-A. Telefone 775695.

**CASINO DO ESTORIL**  
Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telefones 264521-264526-264596-264621-264946.

**FORTE VELHO**  
Pago. S. João do Estoril. Telefone 261337.

**CURTO-CIRCUITO**  
Rua dos Correios, 216. Telefone 363572. Aberto das 18 às 3.30.

**Tagide**  
Variedades. Conjunto Zé Pedro. Largo da Biblioteca, 18-22. Aberto aos domingos.

**TAMILA**  
Morão e s/ Conjunto. Avenida Duque de Loulé, 69. Telefone 534117.  
«Matinees» todos os dias. Encerra aos domingos.

**ADAGGIO**  
Apresentação de Teresa Paula Brito no seu novo repertório. Discos recebidos directamente de

**inglaterra, Estados Unidos e Brasil** — Rua Carlos Reis, 51-A. Telefone 775695.

**CASINO DO ESTORIL**  
Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telefones 264521-264526-264596-264621-264946.

</

## o de reporter serviço

Pedro Alvim

### BISCA LAMBIDA EM SEGUNDA CLASSE

Primeiro a lama, a lama das primeiras chuvas, a lama nos sapatos, nas calças, nas peúgas, na pele — e só depois as duas carruagens destruídas. Dois monstros retorcidos na via férrea: o choque fora de noite, treze mortos, dezenas de feridos. A luz de um relâmpago, ao relho de um trovão, entre Sacavém e Póvoa de Santa Iria

Agora, manhã de cinza, fria, de golos levantadas, grossas fúas nas mãos, palavras poucas, operários de ganga azul, azul e suja, desmontavam, a maçarico, as duas carruagens. Objectivo imediato: desimpedir a via. Era o rescaldo do acidente, apanhado de madrugada por camaradas meus, como o Joaquim Letria, tolhido de sono, mas atento ao grito da tragédia que lhe viera, súbito, de um pequeno «transistor» posto (assim é a profissão) na secretária da noite. «Ouvi, comunicou, mandaram-me para lá...» E Letria terminava o seu esforço (já na Redacção, já manhã clara) quando me enviaram até junto da sucatas que ficara sobre as travessas. Ali estava, pois — e primeiro, como disse, era a lama.

Era a lama das primeiras chuvas. Fui imprimindo a sola dos sapatos no terreno, solas de borra-cha, ora me tenho, ora escorrego, ora hesito no piso — e logo não tarda nos olhos a chama azulada dos maçaricos. E aquilo dói, retalha a carne que dos mortos resta na memória. Dói, embora seja na liga das carruagens, na estrutura amolgada, no calxinho das janelas estilhaçadas. Tudo já se sabe, já tudo se encontra escrito, que posso eu agora arrancar dali que não seja ganga para encher linguados? E o pro-

blema não é só meu: o camarada fotógrafo, o Salvador, tanta a busca de um ângulo novo, o plano de um pormenor, e como nada encontra que seja surpresa, coisa ainda não apanhada pelas objectivas, resmunga um desespero contra-relógio com bigode, hálito e fumo. Vejo-o, ele vê-me, temos meia hora para sair dos carris.

Há engenheiros da C. P., guardas-republicanos, bombeiros, um ministro, um governador civil — e, actuando, formigas. Formigas, isto é, operários com serras e maçaricos. Minuto a minuto, eles (elas) vão fraccionando os corpos metálicos das carruagens, depositam a sucatas na bermas das vias, diligentes, olheiras fundas, indiferentes. Fala-se já em tráfego restabelecido, lá para o meio da tarde, normalização para cima, normalização para baixo. E a «Bica» bica, serra-bisca o papel, siglas, abreviaturas, algarismos — e nada, nada que atire o repórter para os linguados com aquela raiva necessária à missão de comunicar com o público. E o tempo passa na lama das primeiras chuvas.

É então, nos últimos minutos de busca, que aparece o duque. Está deitado, e manchado de sangue, no chão de uma das carruagens. Elegante, escuro, quieto. «Morto» — pensa o repórter, surpreso da descoberta. E logo os olhos me caem noutro corpo, e é o corpo de uma dama, e tem (conserva ainda) a graça encarnada das rosas. Identifico os cadáveres no papel branco: Duque de Pousa, Dama de Copas. Ah bisco, bisco lambida dos passageiros de segunda do meu País lamacento!

## CRISE DE TRANSFORMAÇÃO

# A IGREJA ACABARÁ POR ACEITAR UM CLERO CASADO

## —DECLAROU-NOS O PADRE PEDRO BELTRÃO

«A Igreja é uma fortaleza que está a desmoronar-se», afirmam alguns padres do nosso tempo. O celibato eclesástico é contestado na América Latina e, mais isoladamente na Europa, os padres constituem família. A importância do celibato na crise das vocações sacerdotais, a remodelação dos seminários, a Igreja Rebelde da América Latina, a acção eclesástica no perturbado contexto político brasileiro, eis algumas das questões analisadas pelo padre Pedro Beltrão, doutorado em Ciências Políticas e Sociais e em Ciências Económicas pela Universidade de Lovaina, professor na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Gregoriana de Roma e na Universidade Católica de Porto Alegre, director do Centro de Documentação e Pesquisa Populacional e Familiar, o padre Beltrão aceitou em prestar declarações para os leitores do «Diário de Lisboa».

### Jovens: Fuga do sacerdócio tradicional

«D. L. — Fala-se também numa crise de vocações. Na Europa, os efectivos dos seminários têm baixado a ritmo diverso: na Bélgica, de 1947 a 1965, sentiu-se uma quebra de 35%; em Espanha, desde 1950 a diminuição é de cerca de 30%; na Itá-

lia, calcula-se em 10 000 o número de ex-padres... P. B. — O mesmo acontece na América Latina e no Brasil. Sucedeu que muitos seminários fecharam, e outros impôs-se uma transformação de todo o «currículo» de formação sacerdotal, no sentido de uma equiparação completa com a formação dos leigos, tal como exigiam os jovens. Daí o surgir uma certa crise de identidade do sacerdote na sociedade contemporânea.

A escassez de vocações sacerdotais e religiosas que vivemos sofrendo, agravou-se, isso obriga a toda uma reformulação de «empresário» e «apostólico». Por exemplo, os colégios brasileiros estão passando por uma transformação interna, da qual um dos aspectos é o curso ao pessoal docente misto, religioso ou leigo. Há poucos anos atrás, nem se podia pensar em aprovar toda a mão-de-obra feminina educacional que é muito grande. Agora, o colégio sacerdotal misto, é normal. Aconteceu um caso recente no colégio de Porto Alegre, em que o padre «leader» acabou por casar com a filha

que era directora do curso primário. É um sinal dos tempos. Foi um casamento efectuado com as dispensas de ambos, e não causou transtorno nem escândalo.

### Abolição do celibato: Movimento irreversível

«D. L. — Esse ponto que o P. Beltrão refere, sugere outra pergunta. Será o voto de celibato, uma das muitas causas que contribuem para a baixa de efectivos nos seminários?

P. B. — Eu acho que sim, mas, por outro lado, não acredito que a abolição do celibato vá aumentar os efectivos. O problema não está tão focalizado na questão do celibato, mas, de uma maneira geral, na identidade do sacerdote e mesmo, da vocação ou profissão sacerdotal na sociedade actual. Não seria um bom cálculo abolir o celibato, com o fim de obter mais vocações sacerdotais. E depois a Igreja vai chegar, inevitavelmente, a uma situação em que aceitará um ele-

ro casado, tal como existe na Igreja Oriental. «D. L. — Não haverá quanto ao assunto uma dupla orientação; por um lado, o Papa reafirmou a obrigatoriedade do celibato mas na carta ao cardeal Villot deixa antever cautelosamente a possibilidade de ordenação de pessoas casadas...

P. BELTRÃO — Pois o facto é que em relação ao celibato, há um movimento irreversível. O problema vai ser tratado no próximo Sínodo dos bispos. Evidentemente, que Paulo VI não admite a abolição repentina do celibato, como afirmou, o ano passado, ao comentar a reacção de certo clero holandês. No Sínodo haverá uma deliberação válida para toda a Igreja. No Brasil, ao contrário do que sucede na Itália, a instituição dos diáconos já prevê, como uma das condições de admissão, o ser casado. Creio que a Igreja, dentro de algum tempo, irá permitir o exercício do sacerdócio a esses padres que casaram. Avizinha-se uma política de abertura. Pessoalmente, estou convencido que sempre existirá na Igreja, pessoas que optem pelo celibato,

mas de maneira mais livre, não sujeitas a qualquer forma de pressão social, que até agora se exerce, sobretudo nos países latinos, onde a formação sacerdotal não favorece uma verdadeira opção. Em muitos seminários, o ambiente cerrado, o sistema de «controle» no período de férias muito curtas, a ausência de contacto com outros ambientes, canalizam necessariamente a pessoa para esse tipo de vida, sem que ela efectivamente o escolhesse.

«D. L. — A questão tão discutida do celibato, vem ligar-se a exigência de alguns padres em tomar livremente compromissos políticos e sindicais e o direito de exercer uma profissão. É a posição da carta dos 120 padres franceses em Dezembro de 1968.

P. BELTRÃO — Compreendo que um padre se sinta bastante marginalizado se não tem outra profissão. Mas, baseado na minha experiência pessoal, posso concluir que não é fácil combater o exercício da actividade ministerial com uma profissão. Se os padres consideram que o desempenho de



uma actividade, como é o caso dos padres operários, os ajuda a compreender melhor as pessoas a quem dirigem o seu magistério, tanto melhor para todos.

### Igreja no Mundo: Demissão ou combate?

«D. L. — Deverá a Igreja desempenhar uma acção social de intensa intervenção em todos os domínios da ordem temporal, ou confinar-se a esfera espiritual? Face à guerra do Vietnã diante do facto de 30 milhões de pessoas morrerem de fome anualmente, qual a atitude a tomar pela Igreja? Será uma atitude de combate, independentemente das formas de que se reveste esse combate?

P. B. — Justamente, dependeria de que formas se reveste esse combate... Se se fala da campanha contra a fome, aí a Igreja deve e pode colaborar, mas, se se entende por combate um empenho político propriamente dito, como é que a Igreja poderá inserir-se numa acção desse tipo? Ela enfiar-se-ia a uma determinada opção política e ideológica.

Pessoalmente, penso que estes compromissos se podem e devem «pular» o mais possível, para que ela fique aberta a todas as correntes. Cada vez se vê mais que a Igreja pode trabalhar dentro de qualquer regime ou sistema político.

«D. L. — O que se pensa da chamada «Igreja Rebelde» do bispado D. António Fragoso...

P. B. — Pois esse é um pro-

blema pendente. Creio que se podem resolver os problemas da América Latina sem recorrer à violência. Por exemplo, os padres da Colômbia, que se apresentam como Igreja Rebelde, não aprovam o gesto de Camilo Torres, embora compreendam as coordenadas que o levaram a agir daquela maneira. Constitui um grupo de pressão dentro da Igreja, na sociedade que não pode ser ignorado. Parece-me, no entanto, uma posição bastante arriscada do ponto de vista político e religioso, e acredito que, sem chegar a termos de rebelião e ruptura, sem cortar a possibilidade de diálogo, se pode também actuar validamente.

### Brasil: «Subdesenvolvimento cumulativo» e a Igreja

«D. L. — É no Brasil que a acção da Igreja no contexto da subexistência da maioria da população? A receita anual de cada brasileiro é inferior a 130 dólares por ano. No Nordeste é inferior a 150 dólares; para os camponeses será mais ou menos de 20 dólares; em cada quatro trabalhadores rurais brasileiros, só um é proprietário da sua terra, mais de 62% das terras cultiváveis pertencem a menos de 3% da população... Estes dados foram revelados numa alocução em Belo Horizonte, em 1968, do bispado D. António Fragoso...

(Continua na 12.ª página)

## beba energia

a qualquer hora do dia

A VENDA EM TODO O PAÍS



### leite FORTIFICADO

de elevado valor energético, é também um ótimo e agradável refresco.

Preparado com LEITE selecionado e enriquecido com MALTE LACTOSE e VITAMINAS



DISTRIBUIDO ATRAVÉS DE: Cooperativas associadas

ALCOBACA  
ALMADA e SEIXAL  
CALDAS DA RAINHA  
CASCAIS  
CORUCHE  
ÉVORA  
LOURES  
MAFRA  
OBRAS  
PESCOES  
SANTARÉM  
SINTRA  
SOBRAL de MONTE AGRADO  
VILA FRANCA de XIRA

Agentes em:

ALGARVE  
ALMODOVAR  
BRAGA  
BRAGANÇA  
CASTELO BRANCO  
COIMBRA  
ELVAS  
GUARDA  
ILHAYO  
LEIRIA  
LOURINHÃ  
PORTALEGRE  
PORTO  
RIO MAIOR  
SETÚBAL  
TOMAR  
VISEU

conserva-se durante meses sem necessidade de refrigeração

assegurada a aceitação do vasilhame

leite fortificado



## OURIVESARIA EM GONDOMAR (CONCLUSÃO)

# NECESSIDADE DE UMA COOPERATIVA

### Reportagem de José A. Salvador

Quantos ourives há em Gondomar? Quantas oficinas para além das registadas no Grémio? Que salários têm os operários de ourivesaria? Qual o seu contrato de trabalho? O seu horário? Haverá hoje mais ou menos ourives? Que problemas afetam a classe? Que pensa ela do seu futuro? Qual a posição do Sindicato perante o trabalho ao domicílio? Perguntas que poderiam multiplicar-se se houvesse quem lhes respondesse. Respostas que procuramos no próprio Sindicato dos Ourives. Que procuramos em vão. Os seus dirigentes não se dispuseram a esclarecer-nos. Não se dispuseram sequer a receber-nos. Mas nada mais, que o silêncio é mesmo de ouro...

Característica dominante da indústria de ourivesaria em Gondomar é o trabalho ao domicílio. E trabalho que se não esgota na filigrana, como pudemos averiguar: — São faço corda e cadeado — disse-nos Lucinda Vigiário, enquanto trabalhava num cordão de ouro. É do lugar de Atães, freguesia de Forim, onde existem, pelo menos, 102 raparigas e mulheres a fazer o mesmo, além de dois homens. Trabalho eminentemente feminino, como se conclui, e a que não é estranho o mais baixo custo da mão-de-obra feminina.

PRATAS DE ARTE  
Nos nossos Salões encontrará V. Ex.ª Peças dignas do seu bom gosto  
Ourivesaria PIMENTA  
Rua Augusta, 255 — LISBOA

ras, e se for uma volta mais fina leva o dobro do tempo, embora se receba o mesmo. E prosseguindo: — Tenho três «patroões». Nós somos «feitoras». Eles trazem-nos o ouro cá a casa pesada, e temos de entregar



Trabalho a que não é estranho o mais baixo custo da mão-de-obra feminina

carico, uma agulha, uma «buchela» (pinga), um palito e concha (com solda e água), matéria-prima já transformada em «briolas» (rodas pequenas), a tesoura, a bancal, eis a oficina onde a habilidade manual é decisiva.

— Há cinco anos que trabalho nisto. Aprendi com a minha irmã.

E das mãos, do fogo, dos gestos ritmados e repetidos continua a nascer o cordão de ouro, a 20500 cinquenta centímetros, a muitos outros escudos quando alguém o for comprar.

«Patrão» que produz para patrão

Em 1962 era publicado um decreto (n.º 44 776) que passou a regular o exercício da indústria de ourivesaria. Com ele passaram a ser exigidas determinadas condições técnicas para as oficinas, que a maioria delas não estava apta para preencher, além de ser necessário serem dirigidas por técnicos diplomados pelas escolas de artes decorativas.



Há 150 oficinas cuja actividade depende das flutuações do mercado

rivesaria, não estão habilitadas a colocá-los no mercado.

— Não temos liberdade de vender à ourivesaria ou escritório (armazém) — declarou-nos Manuel Vigiário, que logo acrescentou: — Começamos e acabamos uma peça que vale 20500. Vamos vendê-la ao industrial que tem «marca» (está registado no Grémio), e ele após autenticar a peça com a sua «marca» vai ganhar tanto como nós. Eles têm tanto de lucro como nós de apuro. E alguns nem empregados têm. Pos-

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos.  
GRANDE OURIVESARIA DA MODA  
RUA DA PRATA, 257

Actividade dependente das flutuações de mercado

É facto que, após a saída do decreto, o Grémio ainda concedeu «marcas» por vários anos, tendo em 1967 organizado um curso acelerado para submeter a exame candidatos a «marcas». Frequentaram-no 40 «operários-patroões», passaram 9, aos quais concederiam «puncção» se montassem a oficina nas condições exigidas.

Apesar disso, mais de 150 oficinas existem a produzir para industriais com «marcas», dependendo também a sua actividade das flutuações de mercado.

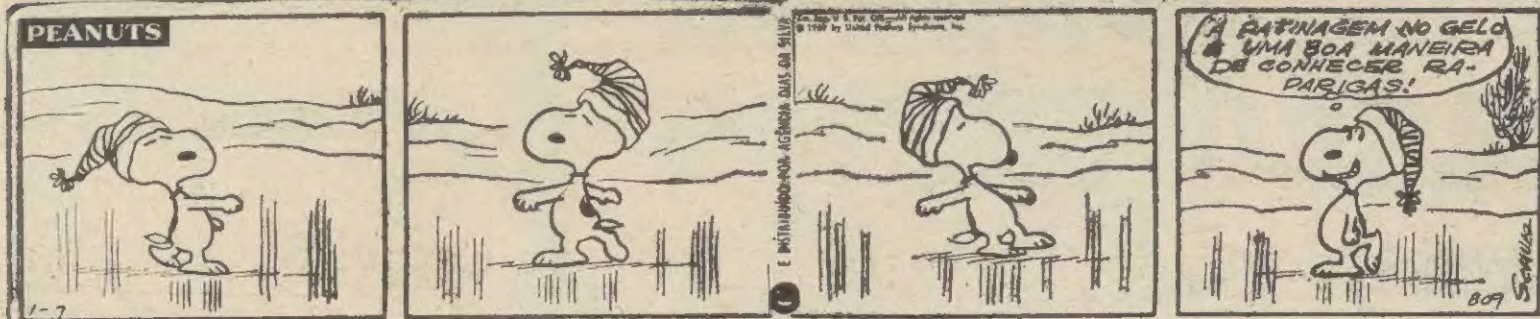
— Tenho 25 anos. Desde os 11 que ando na arte. Tive três anos de tropa e quando vim havia esta lei — dizia-nos Mário Soares dos Santos, que adiantou: — Vou agora aprender outra arte? Não podem produzir para o mercado, mas é-lhes possível vender a produção para os industriais agremiados. E, no entanto, se a obra é falsificada (verifica-o a Contrataria) a responsabilidade abate-se sobre o produtor e não sobre o «marcador».

## PRÉDIOS COMPRAM-SE

SÓ TRATAMOS COM O PRÓPRIO. RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 674

## DACTILÓGRAFAS

De preferência com prática em teclados de máquinas eléctricas. Perfeito conhecimento de português. Resposta a este jornal ao n.º 679.



# Os Peanuts

## HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 8 de Janeiro de 1971 publicava:

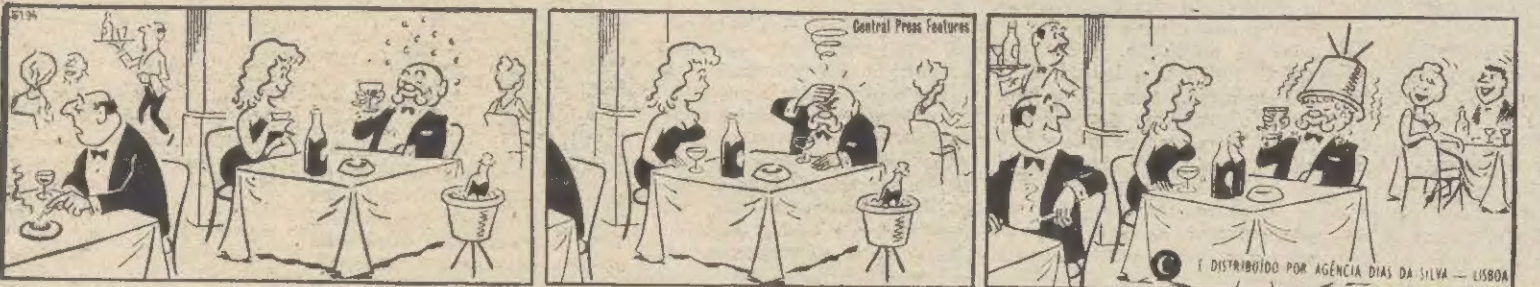
«BELGRADO — Segundo notícias recebidas de Belgrado, a tensão situação nos Balcãs agravou-se ontem com a chegada de um contingente pertencente à esquadra russa do Mar Negro, que entrou no delta do Danúbio e navegou pelo rio acima até Sulina, onde ancorou.

«Sabe-se que a Alemanha e a Rússia têm andado a discutir há umas poucas de semanas, devido a Estaline querer dominar o delta do Danúbio que a Alemanha prefere que continue sob o domínio do Governo romeno que, por sua vez, está debaixo da vigilância alemã. No caso de qualquer movimento da Alemanha nos Balcãs não se aceite pela Rússia, o porto de Sulina podia ser tomado, imediatamente, pelo contingente russo que, neste momento, se encontra lá ancorado.»

# Carol Day



## Aventuras do Tio Carlos



## CASAS PARA POBRES EM LEIRIA

LEIRIA, 8 — Vão ser construídas nesta cidade quarenta fogos destinados a outras tantas famílias necessitadas. A edificação desta primeira fase está prevista, em princípio, nos terrenos a ceder pela Câmara Municipal de Leiria e localizados na Cruz da Areia, frente ao Regimento de Infantaria N.º 7.

# A Igreja acabará por aceitar um clero casado

(Continuação da pág. central)

P. B. — O Brasil é muito variado nas suas regiões: a problemática do Nordeste é totalmente diferente da do extremo sul, onde actua, portanto, é difícil dar uma ideia sumária das diversas posições eclesiológicas daqui e dali. Do ponto de vista da situação política que estamos vivendo, embora não saibamos para que lado se caminhará nos próximos anos, a Igreja tem tido uma posição de grande independência e coragem. Em certos momentos, é quase a única instituição que se rebela, mesmo que em certas áreas se tenha chegado a uma rivalidade que pode ser o prenúncio de um conflito maior. Houve uma prova de força em 1964 e a balança virou: o modo como vamos sair dessa situação não é previsível.

Nas últimas eleições de 15 de Novembro, pelas informações que tive, surgiram três correntes políticas: a ARB-NA, Aliança de Renovação Nacional, o grupo político de apoio do Governo, a oposição Democrática Brasileira, e a terceira linha, discordante das anteriores, que se manifestou através da tática do voto em branco, segundo a palavra de ordem de grupos guerrilheiros, embora daí não se conclua qualquer ligação. Houve uma margem considerável de votos em branco, apesar de aparente-

mente a ARENA ter vencido em todos os Estados, exceptuando o de Guanabara. No Nordeste, existe um movimento consolidado, que a Igreja conduz, pelo desenvolvimento da região, em que se expande a educação de base, as escolas de formação de «leaders», as escolas radiofónicas, as cooperativas rurais e de artesanato. Mesmo a S. U. D. E. N. E. partiu de uma iniciativa do episcopado. A repercussão

nacional e internacional deste trabalho diminuiu após 64/65, mas mesmo envolto em suspensas, a acção da Igreja renovadora persistirá. Entre «uma Igreja tentada pela violência» e a posição da «simultaneidade da doutrina», situa-se a face de esperança do P. Beltrão, enquanto teólogo da renovação no interior da Igreja.

(Entrevista conduzida por Helena Neves)

## FORMAÇÃO DE EMPRESÁRIOS

No Centro de Seleção e Formação Profissional do Grémio dos Industriais de Transportes em Automóveis, inicia-se no próximo dia 15 o primeiro programa de Base, dirigido aos empresários de transportes, e que visa integrar os conhecimentos necessários nas tarefas de Direcção e Gestão das suas Empresas. O programa tem a duração total de 60 horas e é constituído pelos seguintes seminários:

Princípios Gerais de Direcção: A Empresa e o seu Funcionamento; Comunicação e Relações no Trabalho; A análise Financeira e de Projectos de Investimento; Os Planos de Desenvolvimento da Empresa, Previsão, ainda para este ano, o lançamento do primeiro Programa de Aperfeiçoamento para Motoristas, cuja organização está em estudo.

## PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGÁM-SE ESTABELECIMENTOS VALENTIM DE CARVALHO Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

# UM PRELADO NO TRIBUNAL PLENÁRIO

## O bispo do Porto depôs em defesa do abade de Macieira da Lixa

PORTO, 8 — No Tribunal Plenário desta cidade, em São João Novo, prosseguiu, ontem, o julgamento do padre Mário Pais Oliveira, abade de Macieira da Lixa, detido desde 20 de Julho do ano passado, sob a acusação de actividades subversivas. A sessão foi assinada pela deposição, como testemunha de defesa, do prelado desta diocese, D. António Ferreira Gomes.

## Mineiro com cinco filhos violentou uma parteira que mandara chamar para a mulher

PORTO, 8. — Foi entregue ao tribunal da comarca de Penafiel, acompanhado do respectivo processo, e está preso, incommunicavel, aguardando o julgamento, o mineiro José Maria da Rocha Cerqueira, de 35 anos, casado, com cinco filhos, residente no lugar de Outeiro Seborido (Penafiel), acusado de crime grave na pessoa da sr.ª D. Maria Rocha Tavares, de 26

## MELHORADA A SITUAÇÃO DOS PENSIONISTAS ULTRAMARINOS

Um decreto do Ministério do Ultramar, enviado para publicação no «Diário do Governo», vem melhorar as pensões dos aposentados, reformados, pensionistas e sinistrados dos serviços públicos ultramarinos residentes nas províncias de além-mar. O diploma manda integrar nas pensões os aumentos que actualmente incidem sobre as pensões de aposentação e reforma: tanto provisórias como definitivas, de invalidez, preço de sangue e de sobrevivência, dos agentes dos mesmos serviços em qualquer das referidas situações, exceptuando-se no entanto o complemento ultramarino de aposentação.

## ALGÉS — ALBUFEIRA

OTÍLIA DA CONCEIÇÃO RAMOS PATTA FALECEU

Sua família cumpre o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações que foi Deus servido chamar à sua Divina Presença a alma do seu ente querido e que o funeral se realizará amanhã, pelas 11 horas, da capela dos Anjos em Algés, para o cemitério de Carnaxide.

Trata-se de Machado da Costa

## Natália Nunes na Quadrante

A escritora Natália Nunes estará amanhã na Livraria e Cadeira Quadrante, à Avenida Luís Bivar, 85-C, para o lançamento do seu novo livro «Cabeça de abóbora». A sessão está marcada para as 18 e 30.

CAÇA AOS TORDOS

A Comissão Venatória Regional do Centro distribuiu um edital no qual se nomeiam os locais em que, a partir do encerramento da época geral da caça (15 de maio) até 15 de fevereiro, é permitido caçar tordos, galinholas e outras espécies não indígenas.

## Necrologia

### FALECIMENTOS

**Manuel Simões Pereira**  
Faleceu o sr. Manuel Simões Pereira, de 69 anos, gerente comercial natural de Pedrogão Grande, casado com a sr.ª D. Graciete dos Santos Ramalho Pereira. O funeral realizou-se amanhã, às 12 e 30, da Igreja da Penha para o cemitério da naturalidade. Os serviços fúnebres estão confiados à Agência «S. R. A. F.».

### FUNERAIS

**António Jorge Evangelista Junior**  
SEIXAL, 8 — Foi a sepultura no cemitério local o sr. António Jorge Evangelista Junior, de 75 anos, empregado de escritório e sócio n.º 1 do Seixal Futebol Clube.

O extinto, muito considerado pelos seus dotes de trabalho, exerceu durante mais de vinte anos as funções de correspondente do «Diário de Lisboa» nesta vila, granjeando estima geral. A família enlutada apresentamos os protestos do nosso pesar.  
**Rev. Joaquim Vieira Mendes**  
PORTO, 8. — Salu esta tarde, com grande acompanhamento, da capela mortuária do Hospital de Santo António para o cemitério da freguesia de Pietulas (Marco de Canavezes) o funeral do rev. Joaquim Vieira Mendes, que, durante 15 anos, foi capelão daquele hospital, onde faleceu ontem. Foi, também, durante longo tempo, professor da Escola de Enfermagem daquele estabelecimento hospitalar.

## CHICHESTER CHEGOU ATRASADO À GUINÉ POR SE LHE TER PARTIDO A RETRANCA DO BARCO

BISSAU, 8 — (L. e A.N.L.) — Depois de uma viagem tormentosa chegou ao porto desta cidade o célebre navegador solitário «Sir» Francis Chichester que aqui iniciará uma viagem até à Nicarágua, numa extensão de 4000 milhas.  
Eram precisamente 7 horas locais quando o «Gipsy Moth» fundeu no calado frente às instalações navais do comando da Defesa Marítima da Guiné.  
Eram 6 e 30 quando o barco surgiu ao largo de Bissau, ante a expectativa das muitas pessoas que se concentravam no calado e tributaram ao navegador carinhosa recepção.  
Aproximaram-se então do barco os representantes dos órgãos de Informação, mas «Sir» Francis recusou-se delicadamente a fazer declarações dizendo que se encontrava «muito cansado», necessitando de repouso pelo qual iria dormir. Disse que voltaria a terra depois de ter descansado e, nessa altura, conversaria com os jornalistas.  
No entanto, «Sir» Francis manifestou a sua satisfação por ter chegado a Bissau e disse ter gostado de navegar de noite no rio Gêbe. Agradeceu também às gentes portuguesas o interesse que lhe têm dispensado.  
O «Gipsy Moth» chegou atrasado por se lhe ter partido a retranca em duas. A reparação da referida verga (que articula no mastro) durará dois dias e a partida para a Nicarágua está prevista para domingo, não se encontrando ainda fixada a hora.  
Dois operadores da Televisão Inglesa desembarcaram em Bissau na companhia de «Sir» Francis Chichester, presumindo-se que tenham subido para bordo do «Gipsy Moth V» durante a breve escala do late na Ponta de Calé, que fica a cerca de oitenta quilómetros da capital da província, antes de se entrar no estuário do Gêbe e começar a subir o rio.  
Durante todo o dia de ontem houve grande entusiasmo em Bissau, com milhares de pessoas presentes no calado, a aguardarem a chegada do aventureiro que já conseguira, sozinho, dar a volta ao Mundo, pelo que a rainha Isabel II o armará cavaleiro.  
O late de Chichester foi escoltado por uma fragata da Armada portuguesa e por diversas lanchas, nas últimas milhas da sua viagem da Inglaterra para Bissau.

Vindo do Brasil, encontrou-se em Lisboa o prof. Lopes e Silva, que vem reger na Escola Duarte Costa um curso especial de guitarra clássica. Informações pelo telefone 720939.

## Em três linhas

Foram mandados inventariar diversos copos de vidro, da Fábrica de Vista Alegre, século XIX, pertencentes aos herdeiros do comandante Ernesto de Vilhena. Uns com pinturas, outros com caméias representando monumentos ou personagens alguns destes identificados.

Foi exonerado do cargo de presidente da Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, o dr. Artur Correia Barbosa, sendo louvado pela forma como o exerceu.

## DE ONTEM PARA HOJE

**PARA LUANDA**  
Seguiu ontem para Luanda o ministro da Defesa e do Exército, general H. Rêgo de Sá Vilana Rebelo. A despedida estiveram no aeroporto muitos oficiais superiores, incluindo as sras D. Cecília, Súplico Pinto e D. Maria Filomena dos Santos, o major Silva Pais director-geral da Segurança, diversos membros do Governo, Acompanham o ministro o general Paiva Brandão, secretário-adjunto da Defesa Nacional, e os coronéis Almeida Nave, Rui Santos e Silva Cardoso, respectivamente, do Departamento da Defesa Nacional do Estado-Maior do Exército e do Estado-Maior da Força Aérea.

**CAIU DE UMA OLIVEIRA**  
No lugar de Sobral Magro perto de Pampilhosa da Serra, andava na apanha da azeitona o sr. Francisco José, de 64 anos, No sítio da Barroca das Oliveiras, caiu de uma oliveira e morreu logo. Ainda o levaram ao médico, mas este observou um cadáver.

**NOVO CATEDRÁTICO**  
Terminaram ontem as provas para provimento de um lugar de professor catedrático da Faculdade de Farmácia de Lisboa. Candidato era o professor extraordinário da mesma Faculdade dr.

## Alterações ao trânsito amanhã no Porto

PORTO, 8. — Como o «Diário de Lisboa» se referiu em portugal, entram em vigor amanhã, às zero horas, as alterações à postura de trânsito na cidade, que a Câmara Municipal aprovou na reunião de 17 de Novembro findo. Tais alterações constam do edital que a edilidade publicou em 24 de Dezembro.

## Estudos teológicos para universitários

COIMBRA, 8 — Orientados pela equipa do Movimento por um Mundo Melhor, haverá de 15 a 19 de Janeiro, no Centro de Estudos Teológicos, Cursos de Teologia, sobre «A missão comum dos jovens na construção de um mundo mais humano». Informações aos interessados no Centro de Estudos Teológicos, Couraça de Lisboa, 30 (Telef. 22489).

## Os cursos da Aliança Francesa

Dado não ser possível inscreverem-se bastante alunos no 3.º ano do Curso da Aliança Francesa, por não haver vagas e, atendendo ao elevado número de pedidos, foi decidido o desdobramento de uma das classes, que funcionará das 20 e 22 horas.

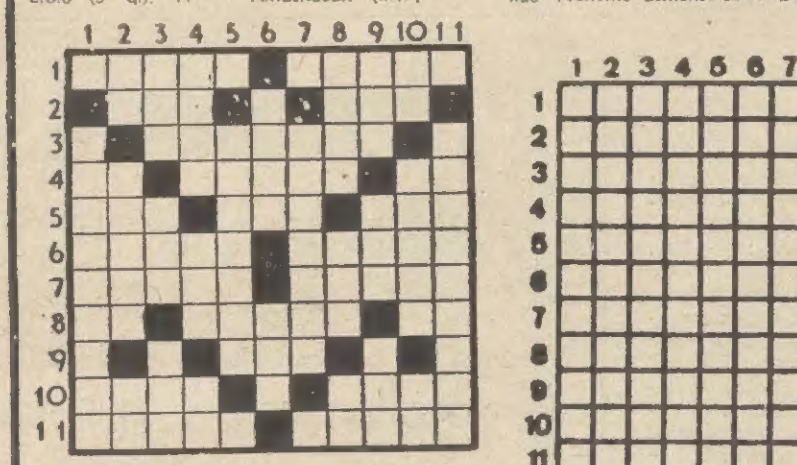
## Curso especial de guitarra clássica

Vindo do Brasil, encontrou-se em Lisboa o prof. Lopes e Silva, que vem reger na Escola Duarte Costa um curso especial de guitarra clássica. Informações pelo telefone 720939.

## Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO) PROBLEMA N.º 5768

HORIZONTAIS: 1 — Cálculo. Igual. 2 — Vai para fora. O mesmo que lan. 3 — Computação. 4 — Pertences. Gargulhos tropicais. Daus dos pastores. 5 — Palavra galega que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. Figura que simboliza o povo americano. Matemática. 6 — No lado posterior. Adjeito. 7 — Vassoura o feno depois de aquecido. Malizar. 8 — Caballo (s. g.). Engula. Senhor. 9 — Ombro. 10 — Apêndice. Aquele que. 11 — Freguesia do concelho do Seixal. Empunhação.  
VERTICAIS: 1 — Marcado de novo. 2 — Artigo definido. Vão e concelho do distrito de Viseu. Prefixo de negação. 3 — Recusa. Greda branca. Negativa. 4 — Saca. Apêndice. Senhor. 5 — Cavaleiro russo recrutado em certas regiões do Sudeste da Rússia. 6 — Um dos estados do Brasil. Governante. 7 — Roto. 8 — Ligeira. Arara. Quantum satis (abrev.). 9 — Medida de líquidos da Alemanha. Mil e dois em romano. Cidade de Espanha. 10 — Sotileza de Jupiter. Perancones. Erro (s. g.). 11 — Amachucar. (Inv.).



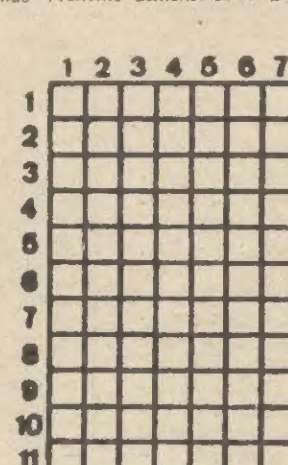
Resolva completamente este problema? Procure agora em segunda posse o PROVERBIO nele inserido

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5767

HORIZONTAIS: 1 — Caçar. Brasa. 2 — AMOR. Amor. 3 — COM. Apó. 4 — Adaga. Algas. 5 — Rolar. Reata. 6 — H. CM. 7 — Coarctar. 8 — Rua. Amó. 9 — Anso. AMOR. 10 — Calas. Troca. 11 — Amola. Atuar.  
VERTICAIS: 1 — Calar. Troça. 2 — Amadas. Usom. 3 — Carol. Cento. 4 — Ar. Gato. Aal. 5 — Cortado. SE. 6 — Mária. Tá. 8 — Rá. Le. Ma. Art. 9 — APAGA. Mamou. 10 — Sapato. Ma. ca. 11 — Aroso. Salar.  
Provérbio: AMOR COM AMOR SE APAGA.

(NOVA MODALIDADE) PROBLEMA N.º 9611

HORIZONTAIS: 1 — Herdeiro (em Goa). Freguesia do concelho de Portimão. 2 — Gloriosa de tropa. Encolheria. 3 — Extremidade do braço. Cabelos brancos. Figura que simboliza o povo americano. 4 — Atmosfera. Uma das Cidades Medias japonesas igual a dos delictos. 5 — Conculvas (fig.). 6 — Filé. Mau cheiro. 7 — Faixa. Pessoa muito gorda e baixa (pop.). 8 — Lavra. Atmosfera. Suspiros. 9 — Troça. Valente. Compato. 10 — Distrito do Índia Portuguesa. Lige. 11 — Empunhar. Renques.  
VERTICAIS: 1 — Nome de jogo. Libré. 2 — Mentira (fig.). Decorativos. 3 — Intimo. Freguesia do concelho de Castelo Branco. Nota musical. 4 — Neste momento. Pela. Botiquim. 5 — De preço elevado. Nome de jogo. 6 — Xale das mulheres. Índias e porcas. Mãe de Rômulo e Remo. 7 — Folgo. Nome de fruto. 8 — Nota musical. Fole. Agora. 9 — Reles. Causa nenhuma. Artigo definido (ant.). 10 — O mesmo que oráculo. Espécie de forragem. (Bras.). 11 — Apêndice. Pronome demonstrativo (pl.).



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9610

HORIZONTAIS: 1 — Tessalónica. 2 — Amil. Varos. 3 — Sorre. Ocas. 4 — Cl. De. 5 — Aos. Cós. Mas. 6 — Romã. Abos. 7 — Lis. Ler. 8 — Al. Morla. Ar. 9 — Berat. Abura. 10 — Ávido. Damos. 11 — Lomas. Asoro.  
VERTICAIS: 1 — Taca. Cabal. 2 — Emalar. Leva. 3 — Sir. Sal. Rim. 4 — Sara. Mimada. 5 — Ale. Casotos. 6 — Do. 7 — Ovo. Saltada. 8 — Naco. Beatos. 9 — Ira. Mar. Uma. 10 — Cadeas. Aror. 11 — Asosa. Braso.

## Actualidade internacional

### NOTA INTERNACIONAL

# A BATALHA DO TEMPO

As conversações de paz para o Médio Oriente começaram no meio de pessimismo geral. Em Washington admite-se, no entanto, que as tréguas entre Israel e os Estados árabes sejam prolongadas.

Entretanto, os dirigentes israelitas não deixaram quaisquer dúvidas quanto à recusa do seu país em regressar às fronteiras anteriores à guerra dos seis dias. Os árabes, por seu lado, reafirmaram o propósito de recuperar os territórios perdidos em 1967, e três derrotas humilhantes, infligidas pelos judeus, não são suficientes para os impedir de falar no desmascaramento de nova guerra. Isso é inteiramente verdade pelo menos no que diz respeito ao Egipto. Quanto à Jordânia, o seu soberano parece mais interessado em defender a sua posição do que em bater-se pela causa dos árabes. A guerra civil em

1970 mostrou que o rei Hussein e os israelitas têm um inimigo comum: os palestinos árabes. Os elos trocados pelo soberano e pelo general Moshe Dayan, ministro da Defesa de Israel, confirmaram certa identidade de pontos de vista.

Russell sabe que a sobrevivência do seu reino (uma criação inglesa depois da primeira guerra mundial) não é viável sem o beneplácito dos israelitas, que retem a parte mais rica da Jordânia. Além disso, a derrota de Israel e a criação de um Estado árabe na Palestina significariam, muito provavelmente, o fim do trono jordano. Daí a ajuda concedida ao soberano pelo Egipto, que auxilia igualmente Israel.

No plano da intervenção das grandes potências no conflito, a balança é, contudo, equilibrada pelo apoio soviético ao Egipto, em homens e em armamento, o que significa,

nem mais nem menos, que os russos fizeram a sua entrada numa zona que há muito lhes estava vedada — o Médio Oriente, cujo petróleo ainda é extremamente importante para o mundo ocidental. Nos três anos e meio que decorreram desde a guerra dos seis dias, criou-se, portanto, uma situação historicamente nova. Em todo o caso, os israelitas têm sido bem sucedidos na batalha do tempo, pois não cederam uma polegada dos territórios ocupados. Esta vez se, nas conversações indirectas com os árabes, por intermédio do mediador da ONU, Gunnar Jarring, Israel conseguirá obter as concessões que o Egipto se tem recusado a fazer. Mas se prolongamento das tréguas já será um êxito israelita, na medida em que se manterá o actual estado de coisas.

NUNO VIEIRA



NACIONALISTAS DA ERITREIA manifestaram-se na varanda da Embaixada da Etiópia em Estocolmo, que ocuparam durante uma tarde. A Frente de Libertação da Eritreia combate o regime do imperador Haile Selassie

## A barragem de Assuão estará concluída no dia 15

CAIRO, 8 — (F. P.) — Há quinze anos, em 26 de Junho de 1956, o presidente Nasser nacionalizou o Canal de Suez, rompeu com o Ocidente e voltou-se para

a União Soviética para construir a grande barragem de Assuão. Hoje, Nasser já não existe, o canal está encerrado e, 1000 km ao sul do Cairo, levanta-se uma barragem no curso do Nilo, de 43 milhões de metros cúbicos de areia, de cimento, de rochas e de granito.

Para realizar este projecto, com que Nasser sonhava ao subir para o Poder, e que nessa época parecia utópico, 36 000 engenheiros, técnicos e operários egípcios trabalharam dia e noite durante onze anos, sob a direcção de cerca de 2000 peritos soviéticos, quatro dos quais e 451 egípcios morreram em acidentes ocorridos durante os trabalhos: explosões de cargas de T.N.T., desmoronamentos de rochas, afogamentos, electrocuições... 425 ficaram feridos.

A barragem de Assuão tem 3830 metros de comprimento, 12 km de largura, armazenando actualmente 78 bilhões de metros cúbicos de água e com uma capacidade de 164 bilhões, cobrindo uma superfície de 6000 metros quadrados — aquilo a que há onze anos se chamava a Nubia. Este lago artificial

que exigiu a evacuação de 50 000 habitantes e o célebre salvamento de Abu Simbel, permitirá o aumento de 2 milhões de efectivos da superfície arável e a transformação da irrigação temporária em irrigação perene. Por outro lado, a barragem comporta doze turbinas hidro-eléctricas que podem produzir 2,1 milhões de quilowatts-hora e fornecer electricidade a 4046 aldeias do país.

O custo dos trabalhos elevou-se a 320 milhões de libras egípcias, das quais 113 milhões foram concedidos pela União Soviética sob a forma de empréstimos reembolsáveis em doze pagamentos, a um juro de 2,5 por cento.

O Egipto já reembolsou 21 milhões de libras de um primeiro empréstimo, de um montante de 35 milhões, bem como a primeira parte de um segundo empréstimo em Janeiro último. Dentro de dois anos o Egipto terá pago tudo à União Soviética.

No dia 15 deste mês em Assuão celebra-se a conclusão dos trabalhos. Mas os peritos soviéticos só regressarão ao seu país em 1975, data em que expira o período de garantia.

O rendimento nacional do Egipto aumentará 235 milhões de libras por ano devido à construção da barragem, indicou o administrador desta e ministro da Electricidade, Helmi El Said.



## MANUEL SIMÕES PEREIRA FALECEU

CASA DA FAMA participa o falecimento do seu associado sócio e amigo, e que o funeral se realiza amanhã, às 12.30 horas, da igreja da Pena, para o cemitério de Pedrogão Grande, celebrando-se missa de corpo presente às 11 horas.

AQ. SRAF — Telef. 86 92 88

## HEYKAL: O Egipto ganhará «aos pontos»

CAIRO, 8 — (A. N. I.) — O director do jornal «Al Ahram», Mohammed Hassen Heykal declara que nem Israel nem o Egipto podem ganhar a guerra, por colocarem o outro «K. O.», mas que o Egipto poderá obter a vitória «aos pontos». As próximas semanas serão decisivas para a crise do Médio Oriente — acrescenta.

A rede de missões soviéticas no Egipto é a mais moderna do mundo, e o conflito — segundo Heykal — parece aproximar-se do fim.

A vitória «aos pontos» será certamente do Egipto, que não é em vão que treina três quartos de milhão de soldados.

A despeito da paciência e da diplomacia, a continua aglomeração de forças armadas levará ao ponto de choque — escreve Heykal — que informou ter-lhe sido decla-

rado por um diplomata norte-americano, com quem conversou em Paris recentemente e a quem mostrou fotografias dos missões soviéticos no Canal de Suez.

«Parece uma floresta. Daqui a pouco já não haverá terras para a agricultura» — disse o diplomata, segundo conta Heykal.

O Conselho de Segurança da ONU vai ser convocado para uma reunião na segunda ou na terceira semana deste mês, para debater a crise do Médio Oriente, mas a reunião terminará sem qualquer resultado. Seguramente haverá uma diligência para a intervenção dos quatro grandes, mas os Estados Unidos não colaborarão porque «semelhante intervenção poderia impor a Israel aquilo que este não está disposto a aceitar».

## ARMAS PARA A RAU E PARA A SÍRIA

WASHINGTON, 8 — (F. P.) — Seis cargueiros soviéticos, ou talvez mais, fizeram entrega nestes últimos dias, de caças e reacção e material militar à Síria e ao Egipto — sonde-se de fonte militar americana.

Segundo os peritos americanos, os navios soviéticos atravessaram os Dardanelos levando uma vinte aviões em caixotes, nomeadamente Mig-21, SU-7 e helicópteros.

Um deles, o «Molodogvardski», teria tentado dissimular a seu destino declarando às autoridades turcas que se dirigia para a Argélia.

Mas aviões americanos viram-no ancorado em 31 de Dezembro em Alexandria. Outros cargueiros desembarcaram uma parte da sua carga em Latakia, porto do norte da Síria.

## CRISE NA FAMÍLIA REAL POR MOTIVO DA AMIZADE DO MARIDO DE MARGARIDA POR UMA JOVEM LOURA

NOVA YORK, 8 — (R.) — O «New York Daily News» revela hoje que a misteriosa companheira loura de lord Snowdon é «lady» Jacqueline Rufus Isaacs, filha do marquês de Reading.

O jornal diz que a amizade entre a jovem de 24 anos e o marido da princesa Margarida, que tem 40, transformou-se aparentemente em algo de mais forte há cerca de um ano.

A história, enviada pelo correspondente do jornal em Genebra, diz que «lady» Jacqueline se retirou para a Suí-

## Um semanário propõe que o Papa resida também na Cidade do México

CIDADE DO MÉXICO, 8 — (F. P.) — Por que não residirá na Cidade do México e Sumo Pontífice? — pergunta o semanário mexicano «Siempre», que faz notas notadamente católicas na Cidade do México do que em Roma. «Siempre» vai mais longe, e Papa poderia transferir-se várias vezes por ano, segundo o ritmo das estações. Os sucessores de Paulo VI viveriam até modo numa eterna Primavera, passando de Roma para o México e do México para Buenos Aires.

O semanário considera que isto é o que efectivamente se fará dentro de algum tempo, não só por

razões de clima, mas também com um objectivo religioso: visto que é na América do Sul que se encontra o maior número de católicos, é normal que a cabeça da Igreja seja ali instalada. Tanto mais, declara «Siempre», que a Itália está a tornar-se um país socialista. O Papa não poderá, portanto, ficar muito mais tempo em Roma.

A revista considera igualmente que o próximo Papa será provavelmente francês; e que ninguém se oporia a que «esse viver algum tempo no México». «Siempre» conclui que, de qualquer modo, a Cidade do México poderia ser a sede de um conclave relativo à reforma do papado.

## A Santa Sé e o reconhecimento de Pequim

ROMA, 8 — (F. P.) — Num artigo assinado pelo padre G. Rulli, «Civiltà Cattolica», revista dos jesuítas italianos, considerou ontem que o reconhecimento da China pelas Nações Unidas facilitaria a posição da Santa Sé relativamente a este assunto.

A Santa Sé mantém relações diplomáticas com o regime de Chiang Kai-shek, que reconheceu quando este estava à frente da China, explica o padre Rulli, «a intransigência com que a China Popular e a China Nacionalista disputam hoje o direito de representar exclusivamente a China na

O.N.U., complica consideravelmente o problema».

«Uma vez esta questão resolvida», prossegue o padre Rulli, «o problema do reconhecimento da China Popular por numerosos países seria provavelmente facilitado ou até suprimido, isso facilitaria igualmente a posição da Santa Sé».

«De todas as maneiras», conclui o autor do artigo, «a Santa Sé sabe guardar com paciência e confiança mesmo que encontre decepções e amarguras». A tradição exige que a Santa Sé tenha como princípio numera ser a primeira a romper as relações diplomáticas.

## Sadat concorda com a criação de uma força internacional

NOVA YORK, 8 — (R.) — O presidente Sadat, do Egipto, numa entrevista transmitida hoje, afirmou que concordará com a colocação de observadores e forças militares internacionais na fronteira israelo-árabe.

Numa entrevista concedida a Walter Cronkite, da estação de televisão CBS, o presidente disse: «Eu aceito a formação de uma força das quatro grandes potências que garanta a fronteira do Estado de Israel e a nossa fronteira também porque nós precisamos mais dessa garantia do que Israel, podem acreditar».

O presidente salientou concordar não só com a presença de observadores estrangeiros, mas também com as forças militares, tanto do lado egípcio como israelita e disse que o ministro dos Negócios Estrangeiros egípcio está actualmente a discutir essa proposta com os governos da França e da Inglaterra.

Sadat acrescentou que os Estados Unidos e a União Soviética já concordaram com esse projecto.

Americanos e soviéticos não tomarão parte directa nessa força internacional, mas concordaram que ela seja criada.

O presidente Sadat declarou noutro ponto da entrevista não perceber exactamente o que pretendem os Estados Unidos no Médio Oriente nem porque razão não de apoiar a ocupação do Egipto.



ANWAR SADAT dirigindo-se a uma multidão durante um comício em Tanta. Sadat tem aparecido em numerosas reuniões deste tipo para explicar a posição do seu Governo em face do reconhecimento das negociações com Israel, sob a égide do enviado da O. N. U., dr. Gunnar

concessões que eu faça?

«O problema para mim não é Israel. O problema é a política dos Estados Unidos».

As perguntas-lhe se as relações entre os dois países teriam melhorado com a ida do presidente Nixon ao funeral de Nasser Sadat respondeu: «Isso teria mostrado interesse em «relação a nós e em relação ao nosso país. Nós somos um povo de emoções e de princípios. Gestos como esse causariam uma grande e boa impressão em nós».

Interrogado sobre a presença naval soviética no Mediterrâneo o presidente Sadat disse: «Nós demonstramos facilidades e não bem continuaremos a dá-las, pois eles estiveram no nosso lado nas horas difíceis».

## O GOVERNO BRASILEIRO CONCORDA EM LIBERTAR OS 70 PRESOS

RIO DE JANEIRO, 8 — (A. N. I.) — O Governo brasileiro concordou em libertar os 70 presos que os guerrilheiros ex-gem em troca do embaixador suíço Giovanni Bucher, raptado há um mês — anuncia-se em círculos militares.

Espera-se agora que o presidente Emílio Garrastazu Médici anuncie que os prisioneiros disseminados por várias cadeias foram reunidos e estão prontos a embarcar para o estrangeiro.

A comunicação de ontem à noite foi o primeiro indício desde o rapto do diplomata de que o Governo e os raptores chegaram a acordo. A lista agora aceita é a quarta apresentada pelos raptores.

Segundo notícias publicadas na imprensa, foram levantadas barreiras em volta do Rio de Janeiro, sendo as pessoas que pretendiam deixar a cidade obrigadas a retroceder.

A Polícia recusou-se a confirmar ou a desmentir as notícias.

## Gunnar Jarring chegou a Israel

TEL-AVIV, 8 — (R.) — O mediador das Nações Unidas para o Médio Oriente, Gunnar Jarring, chegou hoje a Tel-Aviv para se avistar com o primeiro-ministro israelita, Golda Meir, e com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Abba Eban.

Jarring foi directamente do aeroporto Lydda para Jerusalém, onde se realizará o encontro.

Quando os jornalistas lhe perguntaram o motivo porque tinha mudado de opinião e resolvera visitar o Médio Oriente, Gunnar Jarring respondeu que não tinha mudado de ideias mas fora convidado por Abba Eban.

Gunnar Jarring declarou também que não visitaria mais nenhum país e seguiria directamente para Nova York. Sobre o assunto a tratar, declarou: «Todos sabem qual é. É o problema do Médio Oriente e não entrarei em mais pormenores».

Gunnar Jarring foi convidado a visitar Israel por Abba Eban, quando este o informou, na semana pas-

sada, que Israel tentava reconhecer as conversações sobre o Médio Oriente, interrompidas em Setembro.

## Proposta nos EUA a abolição da pena de morte

WASHINGTON, 8 — (A. N. I.) — Uma comissão de estudo, criada pelo Congresso, recomendou que seja abolida a pena de morte, que os delitos relacionados com a marijuana sejam tratados em pé de igualdade com as violações de tráfico e que se proíba o uso de armas individuais.

Nas propostas, que são parte de um projecto destinado a simplificar e lei criminal federal, de acordo com decisões do Supremo Tribunal, recomenda-se também que as pessoas com 15 anos ou mais, autoras de crimes graves, sejam julgadas como adultas.

O grupo de 12 membros, denominado Comissão Nacional para a Reforma das Leis Criminais Federais,

acompanhada pelo irmão, para dar tempo a que a situação se esclareça melhor.

Embora pertença a uma das melhores famílias britânicas, a jovem trabalhou já como modelo em Londres.

Segundo o jornal, a amizade entre lord Snowdon e a jovem «tomou finalmente tais proporções que se tornou a causa de uma crise na família real».

Há dez dias, porém, um informador da princesa Margarida desmentiu as notícias sobre uma separação.

O «Daily News» cita as palavras de uma amiga de «lady» Jacqueline que comentou: «Embora ela tenha ficado emocionalmente presa aquilo que, inicialmente, não passou de um «flirt» sem importância, tenho a certeza de que Jackie nunca sonhou ser um dia o condessa de Snowdon. É uma rapariga que, além de bonita, possui a noção das realidades».

Quando lord Snowdon esteve internado 14 dias numa clínica de Londres, no mês passado, a jovem foi vê-lo.

Entretanto, a mãe de «lady» Jacqueline Rufus Isaacs desmentiu hoje que sua filha estivesse envolvida em qualquer aventura amorosa com lord Snowdon e declarou tratar-se de um boato horrível.

A marquesa de Reading afirmou também que a viagem de «lady» Jacqueline à Sulca, para se esquecer o assunto, era também mentira, pois a filha tinha ido à Sulca para fazer exames.

## ILHA À VENDA

PONZA (Itália), 8 — (A. N. I.) — As autoridades italianas de Ponza anunciam que vai ser vendida a ilha de Zannone, com 200 hectares e habitada por estranhos estrangeiros.

A ilha vai à graça por 18 milhões de libras (850 contos).



O DESAPARECIMENTO DO JORNALISTA MAURO DI MAURO com o irmão, Antonio Buttafuoco, que fora detido há três meses, na Sicília, sob suspeita de estar relacionado com o caso. Admite-se que Mauro di Mauro tenha sido raptado e morto pela Mafia, quando procedia a um inquérito acerca da queda do avião em que pereceu o industrial Mattel.

## VOLTA AO MUNDO EM 41 HORAS E 30 MINUTOS

SAN FRANCISCO (CALIFÓRNIA), 8 — (A. N. I.) — Maurice Rosen completou a volta ao Mundo, em avião de carreira, em 41 horas e 30 minutos — mais hora e meia do que calculara mas, mesmo assim, num tempo que constitui novo recorde.

A marca anterior — 43 horas e 31 minutos — fora estabelecida por um locutor de Rádio, Harry Martin, também de San Francisco.

Rosen partiu com uma máquina de barbear e um livro — esqueceu-se da escova de dentes — e voltou com um ramo de flores e algumas observações sobre os aeroportos que visitou.

A lista dos «recorridos», que foi suscitada pelo Huro de Junho Verne «A volta ao Mundo em 80 dias» (1872), abriu com o nome de Nellie Bly, uma jornalista que fez a volta em 72 dias. Howard Hughes, em 1938, bateu esse recorde. Depois disso, a Força Aérea entrou na lista — mas o seu melhor tempo foi de 45 horas e 19 minutos, marca estabelecida por três «Estrato-foristas», em 1957.

## Deterioração das relações

(Continuação da 1.ª página)

pela imprensa dos Estados Unidos — pedindo que a propaganda americana, e designadamente «A Voz da América», se torne mais militante.

Nestes dois últimos dias surgiram duas manifestações concretas do endurecimento soviético. Seis operários, representando duas fábricas, penetraram no recinto da Embaixada americana — com o acordo, evidente, das sentinelas soviéticas — para entregarem canas de protesto contra o tratamento dos cidadãos soviéticos nos Estados Unidos. Na terça-feira passada, três indivíduos importunaram, a saída de um teatro, o dr. Robie Palmer, segundo-secretário da Em-

baxada americana, com queixas idênticas.

Por outro lado, há três dias, o embaixador da U. R. S. S. em Washington entregou no Departamento do Estado uma nota advertindo as autoridades americanas de que a U. R. S. S. deixaria de garantir plenamente a segurança dos residentes americanos em solo soviético, no caso das manifestações anti-soviéticas prosseguirem nos Estados Unidos.

Uma manifestação de massa em frente da Embaixada americana em Moscovo seria a primeira em quase seis anos. Com efeito, a última manifestação do género, na Rua Tchaikovsky, data de 4 de Março de 1965.

## COZINHA VELHA

QUELUZ — TELEFONE 950232 Informamos os nossos Ex. Clientes que amanhã, sábado, dia 9, a nossa SALA COZINHA VELHA se encontra reservada para um LANCHE DE CASAMENTO, servindo-se em habilitado Almôço, Chás e Jantares na SALA DE BANQUETES.

A DIRECÇÃO

## PENSE NO FUTURO EM PROPRIEDADES O SEU DINHEIRO VALORIZA-SE

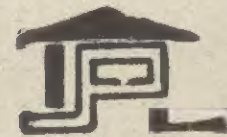
APARTAMENTOS  
MOBILADOS  
DESDE  
150 CONTOS

5 000  
CLIENTES  
SATISFEITOS

# J. PIMENTA, S.A.R.L.



Vista aérea do Pape de Arcos — Nó de ligação à Marginal e conjunto das piscinas para construção imediata



Andares de 2 a 10  
divisões assoalhadas

### UMA CASA PARA CADA CASO

**LISBOA** — Praça Marques de Fomel, 15, 1.º — Telef. 4 58 43/4 78 43  
**QUELUZ** — Rua D. Maria I, 30 — Telef. 95 20 21/22  
**REBOLEIRA** — Amadora — Serviço Permanente — Telef. 93 36 70  
**PAÇO DE ARCOS** — Bairro Comenda de Joaquim Matias — Tel. 343 35 11

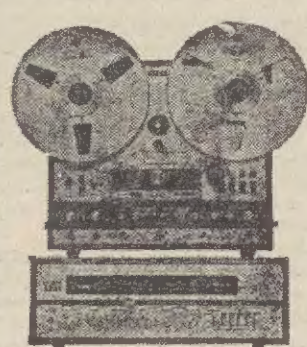
**CASCAIS** — R. Regimento Infanteria 19, n.º 30 — Telef. 28 25 75  
**COIMBRA** — Avenida Fernão de Magalhães, 470-1.º — Sala 1  
**CASTELO BRANCO** — Praça do Rei D. José, com entrada pela Rua da Figueira



SÍMBOLO DA TÉCNICA EM:  
\*alta-fidelidade  
\*gravadores de som

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

**Ondex-Representações Electrónicas, Lda.**  
escrit. e exposição: CAMPO DAS CEBOLAS 39 A 42 (TELEF. 664/665/666)  
serv. técnicos: ARCO DE JESUS S. (TELEF. 661/662) — LISBOA 2



## EXCURSÃO DA C. P.

FIM DE SEMANA  
«NEVE NA SERRA  
DA ESTRELA»

Dias 16 e 17 de Janeiro

A C. P. realiza nos dias 16 e 17 de Janeiro, em colaboração com a Agência de Viagens Empresa Geral de Transportes, uma excursão à Serra da Estrela, incluindo

viagem em comboios de 1.ª classe entre Lisboa e Coimbra-B e ainda um percurso turístico rodoviário às principais localidades da região. Almoço no Restaurante Bodega, em Viseu. Alojamento na Guarda.

PREÇOS

Modalidade 1  
(Hotel de Turismo  
— 1.ª classe) .... 680\$00

Modalidade 2  
(Pensão Alentejo  
— 1.ª classe) .... 595\$00  
Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124), nas Agências de Viagens autorizadas e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa, onde são distribuídos programas descritivos.

## S. R. MINISTÉRIO DA ECONOMIA SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos de art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal da Concelhia de Beja, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, para o estabelecimento, na freguesia de Quintos, no referido concelho, de uma linha aérea a 15 kV, com 1673 m, do apoio n.º 34 da linha Beja Quintos ao posto de transformação de Monte da Lobatinha.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas na referida Direcção-Geral ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repatrição de Licenciamento, em 4 de Janeiro de 1971.

O Engenheiro Chefe  
Guilherme Martins

## Ministério das Obras Públicas

### COMISSARIADO DO DESEMPREGO

1.ª Repartição

### CONCURSO PÚBLICO PARA AQUISIÇÃO DE MATERIAL DE EXPEDIENTE

Na Repartição Central do Comissariado do Desemprego, sita na Rua Almirante Barroso, 15-3, podem ser consultadas as condições de prazo para o fornecimento em epígrafe, em qualquer dia útil, das 9 às 11h30 e das 14 às 17h, e, aos sábados, das 9 às 12 horas.

Os actos do concurso terão lugar na sede do Comissariado, no dia 26 do corrente mês, pelas 15 horas, perante a Comissão para esse fim nomeada.

O depósito provisório é de 1 000\$00 e deve ser efectuado na Tesouraria do Comissariado, mediante multa a pagar pela Repartição Central, até às 16 horas da véspera do dia do concurso, sendo depois elevado para 5 % do valor da adjudicação.

Comissariado do Desemprego,  
em 5 de Janeiro de 1971.

O Comissário,  
**CARLOS MARIA DO CARMO**  
Coronel

## FUTEBOL

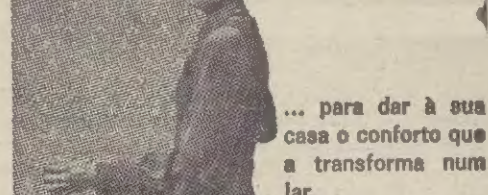
### JOGO VITÓRIA DE SETÚBAL-SPORTING (A realizar em 10 de Janeiro de 1971)

A Empresa de Camionagem «BELOS» assegura o transporte nas 6/ carreiras, entre CACILHAS-SETÚBAL, com partidas de 15 em 15 minutos, destas duas localidades.

Também está assegurado o transporte com partidas de LISBOA (Alcântara-C. N.), às 7h30; 7h50; 8h30; 8h45 e 13 horas.

Há igualmente, uma partida de LISBOA, da Av. 3 de Outubro, 54-C, às 8,00 horas.

## Papel pintado... porquê?



... para dar à sua casa o conforto que a transforma num lar,  
... para que a sua resistência e lavabilidade, lhe permitam a manutenção indefinida do aspecto e brilho iniciais,  
... e, ao fim e ao cabo, há papéis pintados para todas as bolsas.  
... Visite-nos.

## DECOMUR

... para decorurar...

PAPEIS PINTADOS • ALCATIFAS • TECTOS  
CORTINAS • PRESENTES • OBJECTOS DECORATIVOS  
R. CLEMENTE MENDES, 2 PORTO  
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 33-B e C LISBOA

## COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE

CEAL  
S.A.R.L.

CAPITAL 70 000 000\$00

Rua de D. Francisco Manuel de Melo, n.º 23-A,  
5.º, 6.º e 7.º  
LISBOA

Tendo-se procedido em 28 de Dezembro p. p. ao sorteio das obrigações desta Companhia de 5 % 1958, foram extraídos os seguintes números:

|               |       |
|---------------|-------|
| 30535         | 31005 |
| 30540         | 31023 |
| 30723         | 31857 |
| 30731         | 31873 |
| 30748         | 32407 |
| 30903         | 32421 |
| 30950         | 32744 |
| 31751 a 31800 |       |

Lisboa, 6 de Janeiro de 1971.

PELA COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO  
E ALGARVE — CEAL — SARL  
UM ADMINISTRADOR

## CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO ANÚNCIO

### CONCURSO PÚBLICO PARA A EMPREITADA DE OBRAS DE CONSTRUÇÃO E URBANIZAÇÃO DO GRUPO DE MORADIAS POPULARES DO LAGARTEIRO (AMPLIAÇÃO)

Faz-se público que, às 15 horas do dia 29 do corrente mês, se procederá na sala da Biblioteca da Direcção dos Serviços de Urbanização e Obras, no 6.º pavimento do Edifício dos Paços do Concelho, à abertura das propostas referentes ao concurso acima designado.

PREÇO BASE ..... 6 380 000\$00  
CAUÇÃO PROVISÓRIA ..... 150 500\$00

Classificação dos alvarás indispensáveis para concorrer:  
— 1.ª Categoria, 1.ª Subcategoria da 2.ª classe, Subclasse A; e 4.ª Categoria, 1.ª Subcategoria e 5.ª Categoria, 1.ª e 4.ª Subcategoria, 1.ª classe.

Prazo para a apresentação das propostas: até às 17 horas do dia 28 também do corrente mês.

O processo do concurso encontra-se patente até ao acto público do concurso das 9 às 12 horas e das 14 às 17 horas, em todos os dias úteis e aos sábados das 9 às 12 horas, na Secção de Expediente e Contabilidade da Direcção dos Serviços de Habitação — 5.º pavimento do Edifício dos Paços do Concelho, Porto e Paços do Concelho, 4 de Janeiro de 1971.

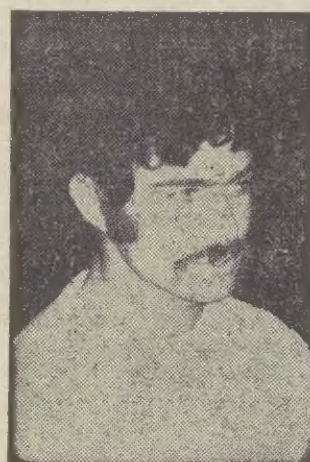
O VICE-PRESIDENTE,  
**MANUEL SOBRAL TORRES**

## R. OYARZUN, LDA.

Comunica a todos os seus clientes e fornecedores que o seu estabelecimento se encontra encerrado para Balanço de 11 a 14 do corrente.

Em ALGÉS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Tabacaria do Café Caravela d'Ouro.

# DESPORTO



Porfírio: o alvo é a baliza do União de Leiria

## PORTUGAL-DINAMARCA NO ESTÁDIO DAS ANTAS

Está marcado para o dia 12 de Maio próximo o encontro de futebol ao nível de seleções entre Portugal e a Dinamarca, a contar para a Taça das Nações. O desafio realizará-se no Estádio das Antas, onde a equipa portuguesa, poderá contar com o tradicional e caloroso apoio do público português.

Entretanto, ainda nas Antas, o F. C. Porto receberá, depois de amanhã, a equipa alemã do Hannover (15 horas), para um jogo particular que servirá para apresentação dos brasileiros Erandy e Joazezinho, recém-chegados à turma azul e branca.

## DOMINGO, MAIS UM «SOLUÇÃO»

# REGRESSA A POBRE TAÇA..

Pobre, de maus tratos. Porque, quanto a jogo, nada menos de 15. E, alguns, com interesse bastante para atenuar a «saúde» do «Nacional»...

Três divisões por clubes de duas Divisões (a 2.ª e a 3.ª): 5 jogos entre clubes da 2.ª; 2 entre clubes da 3.ª; e os restantes misturados.

Do programa avulta o Montijo-União de Leiria, que reúne os dois vice-comandantes das zonas Sul e Norte da 2.ª Divisão. Pelos pontos até agora somados nas respectivas zonas e porque joga em casa, a ideia geral parece ser a de favoritismo do Montijo. Mas Taça é Taça, mesmo quando é... Taça de Portugal. Além de que, adivinhar é proibido...

Sendo assim e, seguros de que nos compreendem, convidamos o leitor, totobolista ou não, a escolher dos «favoritos», relembrando apenas, para facilitar, o «currículo» das equipas em presença, nos torneios (de regularidade) em que estão empenhados. E também de ter em atenção a vantagem de jogar em casa...

Já abordado o Montijo-União de Leiria, passemos, hierarquicamente, aos restantes desafios. Ainda entre clubes da 2.ª Divisão:

Luso-Peniche: múltiplos ambos na zona sul, ocupando, respectivamente o 10.º e o 3.º lugares.

Oriental-Marinhense: 8.º e 4.º das zonas Sul e Norte.

Torres Novas-U. de Tomar: penúltimo e 4.º da zona Sul.

Sesimbra-Penafiel: 11.º e 13.º do Sul e do Norte.

2.ª e 3.ª DIVISÕES — SUL

Chaves (9.º da zona A da 3.ª) — Sp. de Braga (8.º da zona Norte da 2.ª).

U. Coimbra (12.º da zona Norte da 2.ª) — Lamego (2.º da zona A da 3.ª).

Beja (9.º da zona D da 3.ª) — Atlético (1.º da zona Sul da 2.ª).

Anadia (6.º da zona B da 3.ª) — Salgueiros (6.º da zona Norte da 2.ª).

Covilhã (1.º da zona B da 3.ª) — Torrijense (último da zona Sul da 2.ª).

Riopele (10.º da zona Norte da 2.ª) — Naval (7.º da zona B da 3.ª).

Beira Mar (1.º da zona Norte da 2.ª) — Estoril (12.º da zona C da 3.ª).

U. de Almeirim (4.º da zona C da 3.ª) — Vizela (último da zona Norte da 2.ª).

SÓ 3.ª DIVISÃO — SUL

Portalegre-Ferrense: 8.º da zona C e 12.º da B.

Marrazes-U. Santarém: 2.º e 13.º da zona C.

E é tudo e não é pouco. Agora é fácil: basta misturar os «ingredientes» fornecidos e, com um pouquinho de sorte, 1 X 2... sabe-se quem puder. Isto é, sabe-se a Taça... Quem puder. Porque, «só-nha», ela não pode...

## ESTA NOITE HÁ DESPORTO

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa de Reservas: Técnico-Passos Manuel, às 20 e 30; Benfica-Sporting, às 21 e 45; e C. Ourique-Belenenses, às 23, no pavilhão de Campo de Ourique.

ASSEMBLEIA — Geral ordinária do Sporting Clube do Rio Seco, na sua sede, às 21 e 30.

BADMINTON — Campeonato de Lisboa de Equipas-mistas, no Liceu Pedro Nunes, às 21.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da II Divisão: C. D. U. L. Atlético, às 21 e 30, no Estádio Universitário.

HÓQUEI EM PATINS — Torneio de qualificação para o Campeonato Metropolitano da I Divisão: Belenenses-Salésiana, C. Ourique-Benfica e Futebol Benfica-Sporting, a partir das 20 e 15, no pavilhão de Campo de Ourique.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa de Juniores: Costa do Sol-Benfica, às 22, no Liceu de Cascais.

Torneio Aberto de Seniores: Técnico-Sintense, às 21 e 30, no Técnico.

XADREZ — Campeonato Nacional de 1.ª categoria no Grémio Literário, a partir das 20.

## HÓQUEI EM PATINS

# JORNADA COM 39 GOLOS

No torneio de qualificação do campeonato metropolitano da primeira divisão (hóquei em patins) o



A BELA E O «BOXEUR» — A cancionista Maria Valejo apadrinha o regresso do pugilista Carlos Almeida e ringues portugueses. Na quinta-feira, eles estarão no Coliseu dos Recreios

# CARLOS ALMEIDA APRESENTADO À IMPRENSA

O boxe ressurge entre nós. A Lusobox organiza no próximo dia 14, quinta-feira, no

Coliseu dos Recreios, uma sessão verdadeiramente prometedora.

Ontem foi apresentado à imprensa o pugilista português Carlos Almeida que, em vários países da Europa, defrontou alguns dos melhores valores da modalidade.

O programa da reunião mostra-se deveras alucinante. Carlos Almeida combaterá com Yando II, ex-campeão de Espanha (que perdeu o título do meio-médio a favor de Velásquez), numa luta prevista para dez assaltos de três minutos.

No entanto, a sessão contém ainda dois combates dignos de atenção: Costa Rodrigues (outra esperança do pugilismo português) contra o espanhol Carvajal e João Nunes-Castellano.

O Coliseu vai, novamente, conhecer uma noite de grande entusiasmo, como nos tempos, ainda não distante, de Ben Levi e restante «curiosos moçambicanos».

E o público lisboeta, sempre fiel à modalidade, não faltará com a sua presença, apoiando assim o impulso que se lhe pretende dar.

## YUSTRICH CONTINUA NO FLAMENGO

Yustrich, eleito pelos jornalistas brasileiros como «o melhor técnico do ano», acaba de renovar, por mais uma época, o seu contrato com o Flamengo, do Rio de Janeiro.

O «plantel» é disposto

## Acontecimentos DE ONTEM

### BASQUETEBOL

Terminaram os campeonatos de Lisboa das categorias de juvenis e juniores. O Sporting triunfou nas duas competições: em juvenis sobre o Alges (por 49-48) e em juniores perante o C.D.U.L. (50-32).

Equipas de juvenis:

SPORTING — Ferro (6), Rijo (6), Vasques (9), Lopes (12), Costa (14) e Corte Real (2).

ALGES — Valério (8), Piquelredo (12), Parreira (9), Trindade (2), Almeida (14), Jorge (3) e Mário Figueiredo.

Ao intervalo: 25-23.

Formações de juniores:

SPORTING — Salgado (8), Pimenta, Pinheiro (25), Vela (10), Dias (5) e Costa (2).

C.D.U.L. — Barcinio (2), Folque, Reis (11), Sousa (4), Rui (6) e Branquinho (9).

Ao intervalo: 28-17.

O moçambicano Rui Pinheiro foi a «vedetas» da noite.

Jogos de basquetebol da segunda jornada do Regional da segunda divisão: Maria Pia-Oleiras, 78-75 (após dois prolongamentos: 61-61 e 67-67); Pedroços-Queuz, 42-44; Liberdade-Sporting de Torres

Veiras, 39-46; E. Física-Sacavenense, 43-46.

### BADMINTON

Finais do Torneio de Abertura (juniores):

SINGULARES-RAPAZES — Jorge Cruz (B. C. P.) venceu Vilela da Silva (Cascais), por 2-0 (15-6 e 15-6).

SINGULARES-MENINAS — Graça Cruz (B. C. P.) venceu Maria do Carmo (Cascais), por 2-1 (8-11, 11-1 e 11-5).

Nesta categoria terá de haver uma finalíssima entre as mesmas jogadoras, no dia 15, às 21 horas.

O campeonato tem amanhã (às 21 horas) nova jornada.

PARES-MISTOS — Graça Cruz-J. Cruz (B. C. P.) venceram Maria do Carmo-F. Vilela (Cascais), por 2-0 (15-3 e 15-0).

PARES-RAPAZES — Jorge Cruz-João Brás (B. C. P.) venceram José Lopes-D. Carvalho (Benfica), por 2-1 (15-17, 15-1 e 15-3).

Campeonato de Lisboa de segunda categoria:

SINGULARES-HOMENS — João Cruz (B. C. P.)-D. Carvalho (L. Gáldis), 2-0 (15-6 e 15-11); F. Duarte (Benfica)-A. Pimentel (C. I. F.), 2-0 (15-9 e 18-14); M. Sarmento

(C. I. F.)-José Pereira (L. G.), v.t.c.

SINGULARES-SENHORAS — Paula Miranda (Benfica) venceu Luísa Vasconcelos (C. B. L.), 2-0 (11-3 e 11-2).

PARES-HOMENS — Moreira da Silva-Pedro Pimentel (C. B. L.)-João Cruz-F. Rego (B. C. P.), 2-0 (15-2 e 15-5); Azevedo e Silva-L. Relógio (Benfica) — M. Sarmento-A. Sarmento (C. I. F.), 2-0 (15-5 e 15-5); M. Cirilo-Aguilera (L. Gáldis) — J. Martinez-M. Elmi (B. C. P.), 2-0 (15-12 e 15-7).

O campeonato tem amanhã (às 21 horas) nova jornada.

BENFICA A — António Fonseca, Ramiro Mamede, Gastão Nunes, Mário Almeida, Alfredo Melo, José Barros, José Artur, António Brás e Frederico Valsassina.

BENFICA B — Hélder Niri, Jorge Pires, José Moraes, António Madeira, Fernando Cruz, Dins Amaral, Alberto Ramires, Pedro Pereira e Nuno Barros.

BENFICA A — Madalena Canha, Adelaide Canas, Margarida Leite, Leonor Santos, Maria José, Filomena Moreira e Adelaide Patrício.

BENFICA B — Graça Ramos, Isabel Ribeiro, Fernanda Gomes, Gertrudes Maria, Ana Bernardes, Conceição Rendeiro e Maria de Lurdes.

ANDEBOL

Luís Mascarenhas e Oliveira é o novo presidente da Federação Portuguesa de Andebol.

VOLEIBOL

Nos campeonatos regionais de juvenis e senhoras não se realizou o jogo feminino Sintense-C. I. F. por desistência da turma de Sintre. Resultados dos encontros realizados: Benfica A, 3-Benfica B, 2 (juvenis) e Benfica A, 3-Benfica B, 0 (senhoras). Equipas:

BENFICA A — António Fonseca, Ramiro Mamede, Gastão Nunes, Mário Almeida, Alfredo Melo, José Barros, José Artur, António Brás e Frederico Valsassina.

BENFICA B — Hélder Niri, Jorge Pires, José Moraes, António Madeira, Fernando Cruz, Dins Amaral, Alberto Ramires, Pedro Pereira e Nuno Barros.

BENFICA A — Madalena Canha, Adelaide Canas, Margarida Leite, Leonor Santos, Maria José, Filomena Moreira e Adelaide Patrício.

BENFICA B — Graça Ramos, Isabel Ribeiro, Fernanda Gomes, Gertrudes Maria, Ana Bernardes, Conceição Rendeiro e Maria de Lurdes.

ANDEBOL

Luís Mascarenhas e Oliveira é o novo presidente da Federação Portuguesa de Andebol.

VOLEIBOL

Nos campeonatos regionais de juvenis e senhoras não se realizou o jogo feminino Sintense-C. I. F. por desistência da turma de Sintre. Resultados dos encontros realizados: Benfica A, 3-Benfica B, 2 (juvenis) e Benfica A, 3-Benfica B, 0 (senhoras). Equipas:

BENFICA A — António Fonseca, Ramiro Mamede, Gastão Nunes, Mário Almeida, Alfredo Melo, José Barros, José Artur, António Brás e Frederico Valsassina.

BENFICA B — Hélder Niri, Jorge Pires, José Moraes, António Madeira, Fernando Cruz, Dins Amaral, Alberto Ramires, Pedro Pereira e Nuno Barros.

BENFICA A — Madalena Canha, Adelaide Canas, Margarida Leite, Leonor Santos, Maria José, Filomena Moreira e Adelaide Patrício.

BENFICA B — Graça Ramos, Isabel Ribeiro, Fernanda Gomes, Gertrudes Maria, Ana Bernardes, Conceição Rendeiro e Maria de Lurdes.

ANDEBOL

Luís Mascarenhas e Oliveira é o novo presidente da Federação Portuguesa de Andebol.

VOLEIBOL

Nos campeonatos regionais de juvenis e senhoras não se realizou o jogo feminino Sintense-C. I. F. por desistência da turma de Sintre. Resultados dos encontros realizados: Benfica A, 3-Benfica B, 2 (juvenis) e Benfica A, 3-Benfica B, 0 (senhoras). Equipas:

BENFICA A — António Fonseca, Ramiro Mamede, Gastão Nunes, Mário Almeida, Alfredo Melo, José Barros, José Artur, António Brás e Frederico Valsassina.

BENFICA B — Hélder Niri, Jorge Pires, José Moraes, António Madeira, Fernando Cruz, Dins Amaral, Alberto Ramires, Pedro Pereira e Nuno Barros.

BENFICA A — Madalena Canha, Adelaide Canas, Margarida Leite, Leonor Santos, Maria José, Filomena Moreira e Adelaide Patrício.

BENFICA B — Graça Ramos, Isabel Ribeiro, Fernanda Gomes, Gertrudes Maria, Ana Bernardes, Conceição Rendeiro e Maria de Lurdes.

**O prof. Lobato Guimarães**  
— novo director dos Hospitais  
da Universidade de Coimbra

**de Coimbra**

pelo director da Faculdade de Medicina, pelo provedor e director clinica daqueles hospitais etc

Depois de lido e assinado o auto aquele membro do Governo saudou o prof. Lobato Guimarães antigo presidente da Ordem dos Médicos e desejou-lhe as melhores felicidades no desempenho de tão importante missão. O empossado agradeceu.

No final, o prof Lobato Guimarães recebeu expressivos cumprimentos.

| FUNDOS DO ESTADO           | Etec.   | Compra | Venda   | Ultramarinos                | Etec.   | Compra  | Venda   |
|----------------------------|---------|--------|---------|-----------------------------|---------|---------|---------|
| Consolidado 2 3/4%         | ---     | ---    | 500\$   | Aç 3 Tome e Princípio ..... | ---     | 250\$   | 300\$   |
| Consolidado 3 1/2%         | ---     | ---    | 502\$   | Boruz .....                 | ---     | 130\$   | 150\$   |
| Consolidado 3 1/2%         | ---     | ---    | 612\$   | .....                       | 72\$    | 111\$   | 4\$     |
| Caritativas 4%             | ---     | ---    | 1.400\$ | Labinha .....               | 2.28\$  | 1.98\$  | 2.00\$  |
| Orgão                      | ---     | ---    | 1.000\$ | Diamantes .....             | 66\$    | 65\$    | 65\$    |
| Tesouro 5%                 | 1.000\$ | ---    | ---     | H e Revult .....            | ---     | ---     | ---     |
| Extmo 3ª Série .....       | 370\$   | ---    | ---     | .....                       | ---     | ---     | ---     |
| Extmo 3ª Série C .....     | ---     | ---    | ---     | .....                       | 186\$   | 85\$    | 87\$    |
| Extmo 3ª Série .....       | ---     | 700\$  | ---     | .....                       | ---     | 410\$   | ---     |
| Extmo 3ª Série .....       | ---     | ---    | ---     | Sonete n .....              | 435\$   | 435\$   | 440\$   |
| Cauteias 3ª Série .....    | ---     | 140\$  | ---     | Sonete o .....              | 765\$   | 765\$   | ---     |
| Cauteias 3ª Série .....    | ---     | ---    | ---     | Zamozia .....               | ---     | ---     | ---     |
| OBRIGAÇÕES                 |         |        |         |                             |         |         |         |
| Diversas                   |         |        |         |                             |         |         |         |
| Aguas Lisboa 5%            | ---     | ---    | ---     | Cidre .....                 | ---     | 6.800\$ | 6.900\$ |
| A P T 5% 50 .....          | ---     | 860\$  | ---     | Cim Leira .....             | ---     | 4.200\$ | ---     |
| A P T 5% 50 .....          | ---     | 800\$  | ---     | Cim Leira .....             | 7.600\$ | 7.500\$ | 7.200\$ |
| C P 4 1/2% 65 .....        | ---     | 905\$  | ---     | Cim Leira .....             | ---     | 1.650\$ | 1.700\$ |
| C P 5 1/2% 67 .....        | ---     | 920\$  | 950\$   | Col Navagado .....          | 1.599\$ | 1.59\$  | 1.600\$ |
| C P 5 1/2% 68 .....        | ---     | 900\$  | 920\$   | Inc Alvaço .....            | ---     | ---     | ---     |
| Gás Elect 4% 48 .....      | ---     | 842\$  | ---     | Col Navagado .....          | 3.950\$ | 3.900\$ | 3.970\$ |
| Gás Elect 4 1/2% 51 .....  | ---     | 830\$  | ---     | Petrúquico .....            | 1.555\$ | 1.500\$ | 1.560\$ |
| Gás Elect 5% 58 .....      | ---     | ---    | ---     | Port e Cávado .....         | ---     | 1.300\$ | 1.400\$ |
| Gás Elect 5% 58 .....      | ---     | ---    | 780\$   | Port Cevalose .....         | 4.150\$ | 4.150\$ | 4.200\$ |
| Gás Elect 5% 59 .....      | ---     | ---    | 780\$   | Port Peça .....             | ---     | 695\$   | 700\$   |
| Gás Elect 5% 62 .....      | ---     | 955\$  | ---     | Port Tabacos .....          | 4.000\$ | 4.000\$ | 4.300\$ |
| Gás Elect 5% 63 .....      | ---     | 905\$  | ---     | Soc .....                   | 2.600\$ | 2.580\$ | 2.610\$ |
| Gás Elect 5% 65 .....      | ---     | 915\$  | ---     | Siderurgia Nat .....        | ---     | 3.350\$ | 3.400\$ |
| Gás Elect 5% 67 .....      | ---     | 900\$  | ---     | Soc .....                   | ---     | ---     | 1.600\$ |
| H E Alentejo 5% .....      | ---     | ---    | ---     | T Tabaco de Portugal .....  | ---     | ---     | ---     |
| H E Cávado 5% .....        | ---     | ---    | ---     | Tabaqueira .....            | 6.700\$ | ---     | 6.75\$  |
| H E Cávado 6% .....        | ---     | ---    | ---     | U F Azoto .....             | 760\$   | 750\$   | 770\$   |
| H E Douro 5% .....         | ---     | 700\$  | ---     | Aguas Elect e Gás           |         |         |         |
| H E Douro 6% .....         | ---     | ---    | ---     | Aguas Lisboa 4 .....        | ---     | 400\$   | ---     |
| H E Norte Port 5% .....    | ---     | ---    | ---     | Aguas Lisboa 34 .....       | ---     | 402\$   | ---     |
| H E S Estrela 6% .....     | ---     | ---    | ---     | Aguas Lisboa 36 .....       | ---     | 400\$   | ---     |
| H E Zebrene 5% 25 .....    | ---     | 760\$  | ---     | C Electricidade .....       | 1.203\$ | ---     | 1.204\$ |
| H E Zebrene 5% 27 .....    | ---     | 700\$  | ---     | C Electricidade nom .....   | 1.190\$ | ---     | 1.190\$ |
| Lisboa 6% .....            | ---     | 920\$  | ---     | C Electricidade 969 .....   | ---     | 683\$   | 690\$   |
| Metropolitano 4% .....     | 890\$   | ---    | ---     | Elc Be aç .....             | ---     | 483\$   | 455\$   |
| Metropolitano 5 3/4% ..... | 905\$   | 905\$  | 910\$   | H e Alentejo .....          | ---     | 85\$    | 185\$   |
| Mocimboa 5% .....          | ---     | ---    | 710\$   | H e Norte Portugal .....    | ---     | 240\$   | 260\$   |
| Nac Elect .....            | ---     | ---    | ---     | H e S Estrela .....         | ---     | ---     | ---     |
| Nitratos 5% 50 .....       | ---     | 850\$  | ---     | Nac Electricidade .....     | ---     | ---     | ---     |
| Petroquímico 5% .....      | ---     | ---    | ---     | U F .....                   | 206\$   | 200\$   | 205\$   |
| Port Celul 5% .....        | ---     | ---    | ---     | ---                         | ---     | ---     | ---     |

Em efetivamente, um condensador de rádio o objecto estranho encontrado a bordo do cargueiro «Nacalas». A Companhia Nacional de Navegação, regressado de África com tripulação reduzida em trabalhos de polividência. O condensador, a princípio tomado como um engenho explosivo, foi encontrado dentro no porão n.º 2 por peritos da Lloyd's que se encontravam a bordo para uma operação de reclassificação. O «Nacalas», atracado em Alcântara, vai entrar em doca seca para reparação.

O dia Lança de Moraes foi louvado pelo ministro pelos serviços prestados ao Gabinete de Coordenação para os Assuntos de Emigração, a qual dera esqueleto, desligasse assim deste sector que passa a ser da competência exclusiva do Secretariado Nacional de Emigração, recentemente oriado.

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que faleceu em combate, na província de Moçambique, o soldado n.º 13514769, Amadeu dos Santos Francisco, natural de Vilares, concelho de Vila da Feira, filho de Arlindo Francisco Capitão e de Maria Pereira dos Santos.

| AÇÕES               |        |        |
|---------------------|--------|--------|
| Bancos              |        |        |
| Agricultura         | 2.690  | 2.690  |
| Alentejo            | 1.185  | 1.180  |
| Anglo               | 3.900  | 3.850  |
| Bumay               |        |        |
| Cris. Prodial       |        | 4.000  |
| E. Santo            | 25.000 | 24.950 |
| E. Santo n          |        |        |
| Fonsecas S. p       |        | 2.400  |
| Fomento             |        |        |
| L. & Apores p       |        |        |
| M. & C. S. S. S. S. |        |        |
| P. Atlantic p       | 6.120  | 3.100  |
| Portugal n          | 3.700  | 3.100  |
| Portugal p          |        | 5.120  |
| Tafra Altona        | 5.630  | 5.650  |
|                     | 3.850  | 3.850  |

|                  | 31/12/70 | 7/1/71 | 8/1/71 |
|------------------|----------|--------|--------|
| <b>GERAL</b>     | 151,5    | 153,7  | 155,0  |
| <b>METROPOL.</b> | 146,4    | 148,6  | 149,0  |
| <b>ULTRAM.</b>   | 188,8    | 190,9  | 191,0  |

|           | PAISES                   | Compras | Vendas  |
|-----------|--------------------------|---------|---------|
| 2.700,00  | África do Sul — Rand     | 3575,00 | 3880,00 |
| 1.185,00  | Alémânia — Marco         | 787,0   | 880,00  |
| 3.900,00  | América                  |         |         |
|           | —Dollars de E. e 2....   | 2890,00 | 2890,00 |
|           | — " de 5 e 20.....       | 283,90  | 283,90  |
| 25.000,00 | — " de 50 e 1000         | 283,50  | 283,50  |
|           | Argentina — Peso Novo    | 53,50   | 53,50   |
|           | Austria — Schilling..... | 9,56    | 9,56    |
|           | Bélgica — Franco.....    | 43,50   | 43,50   |
| 2.500,00  | Bolívia — Cruzeiro.....  | 273,70  | 273,70  |
|           | Canadá — Dólar.....      | 387,0   | 387,0   |
|           | Dinamarca — Coroa.....   | 540,3   | 540,3   |
| 6.120,00  | Essohia — Libra.....     | 580,0   | 580,0   |
|           | Francia — Franco.....    | 1380    | 1380    |
| 4.300,00  | Holanda — Florim.....    | 675,00  | 675,00  |
| 5.700,00  | Inglaterra — Libra.....  | 504,4   | 504,4   |
| 4.000,00  | Índia — Lira.....        | 5100    | 5100    |
| 4.300,00  | Marrocos — Dirham.....   | 3385    | 3385    |
|           | Noruega — Coroa.....     | 583,5   | 583,5   |
|           | Suécia — Coroa.....      | 635,8   | 635,8   |
|           | Suíça — Franco.....      |         |         |
| 1.900,00  | Ouro                     |         |         |
| 1.125,00  | Inglaterra—Libra leabe   | 2904,00 | 3100,00 |
| 2.000,00  | Inglaterra — 1/2 Libra   | 2904,00 | 3100,00 |
| —         | Ouro Fino — Barra        | 3595,0  | 3700,00 |

|        | J. BURNAY, L. | DA | Notas estrangeiras |
|--------|---------------|----|--------------------|
| 795,00 |               |    | Papéis de          |
| 640,00 |               |    | Tab. 2312          |
| 430,00 |               |    |                    |

|  | RUA DO OURO, 72 |  |
|--|-----------------|--|
|  |                 |  |

ALCANTARA — Estei No-  
greira, R de Alcantara  
5-A (637563)  
ALMIRANTE REIS — An-  
tolin Lda., Av. Almiran-  
te Reis, 89-B-C (41173)  
s Magalhães, Av. Almir-  
ante Reis, 4-D e 4-E  
149479  
ALVALADE — Albie, Av.  
da igreja, 4-B-C (7 681)  
s Marçal, Av. Alvalade,  
8-A (1775235) s Celso  
Rua Moura, 3700. 3-  
(Te 11062)  
AMOREIRAS — Amoreiras  
Praça Agos Lúres, 8-B  
(68 515)  
AREÍLO — Lusitano, Av.  
da Roma, 3-A (125448)  
s Childe, Rua Agosti-  
nho Lourenço, 5-B (Tel  
1703)  
ARROIOS — Fanezac, Rua  
Carvalho Azeite, 46-B (Te  
184708)  
AVENIDAS NOVAS — Pa-  
vidente, Rua 2- Figue-  
ra de Viana, 9-C (170824)  
s Sã de Abadeira, Rua  
Marquês 30 do Bandeira  
35-42, (41 961-55672)  
s Oliveira Viagas, R. Virio-  
to 29-A (48956-553601)  
BAIRRO DA ENCARNACÃO  
— Zena, P. do Castelo  
Nova Lota 56 12-0-0  
BAIXA — Fermoim, P.

● **LISBOA** — dos Restauradores, 8 (30927); ● Normal, Rua do Prata, 220 (32 342-32553); ● Benfica — Benfistas, 44-A (Telex 18.6006) ● Progresso, Lda, Estrada A-do-Canal, 64-C (702226) ● Macao, 44-C do Povo do Chão 69-C (703697)

**CAMP-DE OURIQUE** — Lillade, R. Correio Borçalo 30 (660955) ● Finder, Rua D. Mano Pina 514 (651949)

**CAMPOLIDE** — Real, Rua B-11 (170703) ● B-11 (170703) ● 1283959.

**PRINCIPLE REAL** — Gonalves, Lda, Rua do Rosa 16-18 (256687)

**SANTO AMARO** — Botânica, Lda, do Juncal, 28-AV (1658 32)

**S. BENTO** — Miguel, R. do Benito 380-381 (Tel. 662 62) ● Açoreano, Largo do Camo Barbo, J 165-350

**DE SANTA APOLONIA** ADO **BEATO** — Madre do Deus R. do Viagem, 5-B (852470) ● S. Sebastião, Lda, do Choro, 40-A, Dnro, 36 (866 26) ● Zeme, Rua General Justino Paço 10 Colégio dos Carabanchos 21 (882580)

**LUMIAR** — Patetele, Herdeiros, R. do Luvor 27 ● 124 (790332) ● 124 (790332) ● Douro, Al das Linhas de Torres, 93-A-B (791 371)

**OLIVAIS** — Simão, R. Cidade, 6-A (171)

**PALHAVA** — Cento, Est. dos Laranjeiras, 202-B (178084)

**PEDROUCOS** — Niglus, R. de Pedrouços, 50-52 — 16 0480

**PENHA DE FRANÇA** — Dalton, Av. Moza de Al-duscarova, 1-A (845371)

**QUEIRAS** — Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058)

**PARADE** — Grêmia, Av. do Republico, 87-A (Telex 247 204)

**ESTORIL** — Madrede Santa, R. Ferreira, 2-A, 15 (Tel. 260116)

**CASCATE** — Cardeira, Av.ª Comb G Guerra 40 (Tel. 280170) ● Nave, Est. do Rio de Ave, 24-Fontinhas (Tel. 281044)

**S. PEDRO DO ESTORIL** — S. Pedro (Tel. 263052), 9710231.

● **Linha de Sintra**

**AMADORA** — Melo, P. D. João — Lote 45, Bairro Jovenero (Tel. 921256)

**LOUSADA** — Lousada, Lda, 40127-40128, 40129, 40130, 40131, 40132, 40133, 40134, 40135, 40136, 40137, 40138, 40139, 40140, 40141, 40142, 40143, 40144, 40145, 40146, 40147, 40148, 40149, 40150, 40151, 40152, 40153, 40154, 40155, 40156, 40157, 40158, 40159, 40160, 40161, 40162, 40163, 40164, 40165, 40166, 40167, 40168, 40169, 40170, 40171, 40172, 40173, 40174, 40175, 40176, 40177, 40178, 40179, 40180, 40181, 40182, 40183, 40184, 40185, 40186, 40187, 40188, 40189, 40190, 40191, 40192, 40193, 40194, 40195, 40196, 40197, 40198, 40199, 40200, 40201, 40202, 40203, 40204, 40205, 40206, 40207, 40208, 40209, 40210, 40211, 40212, 40213, 40214, 40215, 40216, 40217, 40218, 40219, 40220, 40221, 40222, 40223, 40224, 40225, 40226, 40227, 40228, 40229, 40230, 40231, 40232, 40233, 40234, 40235, 40236, 40237, 40238, 40239, 40240, 40241, 40242, 40243, 40244, 40245, 40246, 40247, 40248, 40249, 40250, 40251, 40252, 40253, 40254, 40255, 40256, 40257, 40258, 40259, 40260, 40261, 40262, 40263, 40264, 40265, 40266, 40267, 40268, 40269, 40270, 40271, 40272, 40273, 40274, 40275, 40276, 40277, 40278, 40279, 40280, 40281, 40282, 40283, 40284, 40285, 40286, 40287, 40288, 40289, 40290, 40291, 40292, 40293, 40294, 40295, 40296, 40297, 40298, 40299, 40300, 40301, 40302, 40303, 40304, 40305, 40306, 40307, 40308, 40309, 40310, 40311, 40312, 40313, 40314, 40315, 40316, 40317, 40318, 40319, 40320, 40321, 40322, 40323, 40324, 40325, 40326, 40327, 40328, 40329, 40330, 40331, 40332, 40333, 40334, 40335, 40336, 40337, 40338, 40339, 40340, 40341, 40342, 40343, 40344, 40345, 40346, 40347, 40348, 40349, 40350, 40351, 40352, 40353, 40354, 40355, 40356, 40357, 40358, 40359, 40360, 40361, 40362, 40363, 40364, 40365, 40366, 40367, 40368, 40369, 40370, 40371, 40372, 40373, 40374, 40375, 40376, 40377, 40378, 40379, 40380, 40381, 40382, 40383, 40384, 40385, 40386, 40387, 40388, 40389, 40390, 40391, 40392, 40393, 40394, 40395, 40396, 40397, 40398, 40399, 40400, 40401, 40402, 40403, 40404, 40405, 40406, 40407, 40408, 40409, 40410, 40411, 40412, 40413, 40414, 40415, 40416, 40417, 40418, 40419, 40420, 40421, 40422, 40423, 40424, 40425, 40426, 40427, 40428, 40429, 40430, 40431, 40432, 40433, 40434, 40435, 40436, 40437, 40438, 40439, 40440, 40441, 40442, 40443, 40444, 40445, 40446, 40447, 40448, 40449, 40450, 40451, 40452, 40453, 40454, 40455, 40456, 40457, 40458, 40459, 40460, 40461, 40462, 40463, 40464, 40465, 40466, 40467, 40468, 40469, 40470, 40471, 40472, 40473, 40474, 40475, 40476, 40477, 40478, 40479, 40480, 40481, 40482, 40483, 40484, 40485, 40486, 40487, 40488, 40489, 40490, 40491, 40492, 40493, 40494, 40495, 40496, 40497, 40498, 40499, 40500, 40501, 40502, 40503, 40504, 40505, 40506, 40507, 40508, 40509, 40510, 40511, 40512, 40513, 40514, 40515, 40516, 40517, 40518, 40519, 40520, 40521, 40522, 40523, 40524, 40525, 40526, 40527, 40528, 40529, 40530, 40531, 40532, 40533, 40534, 40535, 40536, 40537, 40538, 40539, 40540, 40541, 40542, 40543, 40544, 40545, 40546, 40547, 40548, 40549, 40550, 40551, 40552, 40553, 40554, 40555, 40556, 40557, 40558, 40559, 40560, 4056

**Renascença Gráfica S.A.R.L.**  
Administração e Publicidade  
Rua Castilho 185-1  
Telex 65 45 31-2-3-4  
Redacção e Serviços Técnicos  
Rua Luz Soriano 44  
Telex 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5  
End. Tel. DIBOA Telex 1363  
Lisboa — Portugal

## o tempo

### INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

**SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE** — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado em várias regiões e a ventos fracos ou moderados e predominava de Sudeste; havia nevoeiro em alguns locais do interior.

**TEMPERATURAS E TREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE** — Máxima: Estoril, 5°; mínimo: Bragança, —4°.

**TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE** — Porto, 5°; Penha, 4°; Aveiro, 3°; Coimbra, 5°; Portalegre, 8°; Lisboa, 4°; Faro, 11°; Funchal, 17°.

**TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SUL AS 9 HORAS DE HOJE** — No atmosfera, 6°; no água do mar, 12°.

**PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:**

Nascer às 8 e 55  
Oculto às 18 e 32

Céu geralmente pouco nublado; vento fraco ou moderado de Leste ou Sueste; neblina ou nevoeiro matutinos nos vales e terras baixas; formação de geada nas regiões abrigadas do Norte e Centro.

**MARÉS:**  
PREIA-MAR: Hoje — 2 e 37 (3,5 m); 14 e 40 (3,5 m); Dia 9 — 2 e 32 (3,7 m); 15 e 05 (3,6 m); Dia 10 — 3 e 25 (3,8 m); 15 e 56 (3,7 m).

BAIXA-MAR: Hoje — 7 e 20 (1,4 m); 19 e 40 (1,4 m); Dia 9 — 8 e 05 (1,2 m); 20 e 22 (1,3 m); Dia 10 — 8 e 58 (1,1 m); 21 e 11 (1,2 m).

### COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

#### AVISO AOS CONSUMIDORES

A nossa rede de distribuição de energia eléctrica requer frequentes trabalhos de ampliação e conservação, perante o constante aumento de consumidores. Assim, no próximo Domingo, teremos de interromper a corrente para trabalhos indispensáveis, nos seguintes Sectores e Zonas, apenas durante as horas indicadas:

4.º Sector — Concelho de Lisboa: Rua da Casquilha (total), Rua João Frederico Ludovice (total). (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector — Av. Defensores de Chaves lado ímpares, entre a Av. Miguel Bombarda e Av. Duque d'Ávila. (Das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — Concelho de Oeiras: Oeiras: Alto de St. Amaro, Rua Dr. José Joaquim de Almeida, Rua Dr. José Diogo da Silva, Rua Dr. Francisco de Almeida, Rua S. Pedro do Arneiro, Rua Infante D. Isabel e imediações. (Das 8 às 15 horas).

2.ª Zona — Oeiras: Rua Desembargador Faria, Est. de St. António, Rua Marquês de Pombal, L.º Marquês de Pombal, Rua 7 de Junho, Nova Oeiras (parte) e imediações. (Das 8 às 15 horas).

3.ª Zona — AMADORA: Rua Elias Garcia, Est. da Pala-

## Novo e grandioso empreendimento da Torralta: um milhão e meio de contos para o conjunto urbanístico de Tróia

Concebido de forma a inscrever-se nos esquemas de exploração da Torralta — sociedade promotora de todo o empreendimento — o conjunto turístico da Ponta do Adoxe e a importância que atingirá vai dever-se, em grande parte, ao facto de ter sido concebido de forma a integrar-se nos esquemas já utilizados por aquela entidade com a garantia não apenas de uma cobertura turística a âmbito nacional mas, também, por servir os interesses duma população extraordinariamente numerosa.

Essas foram as bases reveladas ontem na reunião promovida no restaurante que a Torralta tem já a funcionar na península de Tróia, fase inicial do empreendimento que envolve grandioso conjunto turístico orgânico em milhão e meio de contos. A reunião constituiu significativa homenagem aos correspondentes do jornal «The Herald Tribune», que anualmente se congregam num dos países onde possuem representantes. Acompanhando-os os srs. Robert T. MacDonald, e Richard Morgan, director-geral da empresa editora e director dos serviços de publicidade e os promotores da iniciativa, srs. Agostinho da Silva, vice-presidente do conselho de administração da Torralta e os administradores da «Soltróia», srs. Dr. Mário de Sousa e comandante H. Ilegardo de Noronha.

Presentes ainda o sr. arquitecto Conceição e Silva, responsável pelo plano urbanístico e os srs. Álvaro Ruas e Jorge Ramos, da direcção da Torralta. A longa experiência e os resultados obtidos pela Torralta neste tipo de iniciativas

permitem que o projecto se baseasse num programa realista, partindo de dados concretos e certezas que de outra forma seriam impossíveis de obter.

Explicando os objectivos do grandioso empreendimento, disse, em dado momento, o sr. comandante H. Ilegardo de Noronha: «Há cerca de um ano, com o propósito de acelerar o desenvolvimento desta península, já apreciada desde os tempos dos romanos, criou-se a Sociedade Turística Ponta do Adoxe. Foram seus sócios fundadores, a SOLTRÓIA, proprietária da península e que, desde alguns anos, vem procurando resolver os complexos problemas da implantação de um grande conjunto turístico-residencial, a ARQUITECTURA E CONSTRUÇÕES, firma sobejamente conhecida no sector especulativo, a TORRALTA, que, no Algarve, se vem impondo no fomento das actividades turísticas.

Também com o propósito de conseguir um desenvolvimento acelerado da região, é nossa intenção, promover a organização de mais duas sociedades, uma para coordenar as infra-estruturas e serviços de abastecimento necessários ao pleno funcionamento do núcleo da Ponta do Adoxe e outra que permita um transporte fluvial rápido e eficiente entre SETÚBAL e TRÓIA.

Torna-se evidente o propósito de servir uma população numerosa, dado que o grandioso empreendimento se propõe atender uma população flutuante prevista para 20/25 mil pessoas por fim-de-semana, nos meses de Verão, constituindo uma autêntica «cidade-turística», com clube

de pesca e caça (primeira iniciativa a realizar), e grande centro de atracção da população de Lisboa, aliciante para importantes núcleos populacionais pela base acessível de títulos. Vai conseguir-se, assim, a participação directa de elevado número de acionistas, expressão dilatada em interesses de importância expressiva.

A larga experiência e os resultados obtidos pela «Torralta» neste tipo de iniciativas permitiram que os habitantes deste conjunto tenham a sua disposição zonas comerciais, constituídas por ruas, enquadradas por grandes espaços de convívio e recreio, restaurantes localizados nos pontos de maior interesse turístico e relacionados com a praia, parques de jogos para adultos e crianças, zonas desportivas e diversos conjuntos de piscinas.

Dada a sua posição geográfica e as espécies caracterís-

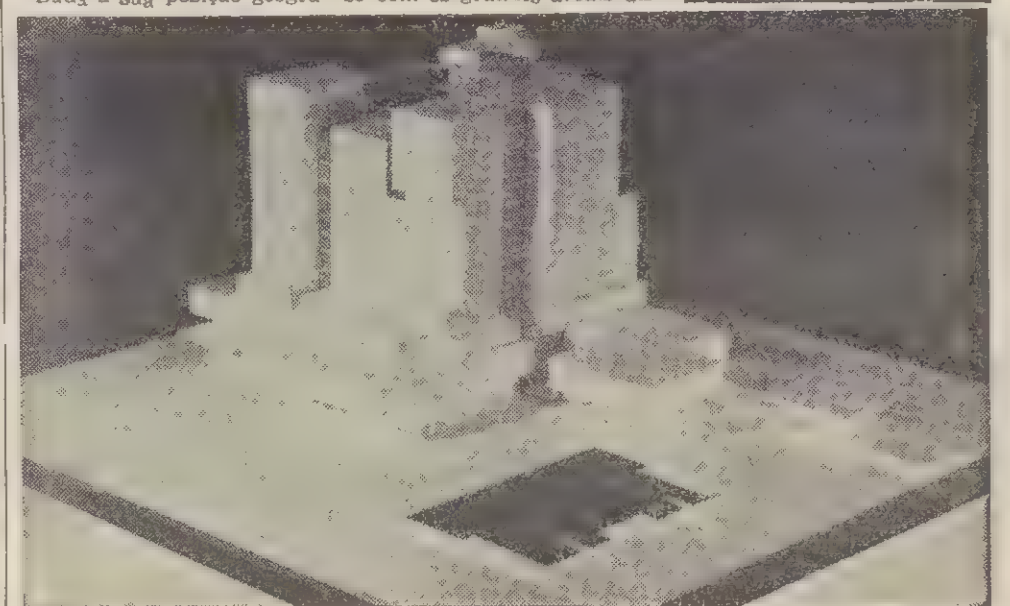
ticas que a Península de Tróia apresenta, proporcionar-se-á ainda desportos de pesca e de caça, pelo que se resolveu iniciar a construção imediata de um Clube Hotel com 350 camas.

O conjunto turístico da Ponta do Adoxe foi projectado para absorver as correntes turísticas do País nas melhores condições, proporcionando-lhe não só situações

poníveis, mas também pelas infra-estruturas preparadas para esse efeito, garantindo uma total utilização de toda a Ponta do Adoxe.

Para os convidados, cantaram Amália Rodrigues e Vi-

cente da Câmara. Guitarras e vozes portuguesas marcaram presença numa reunião internacional. E ouviram farto aplausos.



A maquete do Clube-Hotel de caça e pesca, que vai ser construído em Tróia.

ram Amália Rodrigues e Vi-

cente da Câmara. Guitarras e vozes portuguesas marcaram presença numa reunião internacional. E ouviram farto aplausos.

Para os convidados, cantaram Amália Rodrigues e Vi-

cente da Câmara. Guitarras e vozes portuguesas marcaram presença numa reunião internacional. E ouviram farto aplausos.

Para os convidados, cantaram Amália Rodrigues e Vi-

cente da Câmara. Guitarras e vozes portuguesas marcaram presença numa reunião internacional. E ouviram farto aplausos.

Para os convidados, cantaram Amália Rodrigues e Vi-

cente da Câmara. Guitarras e vozes portuguesas marcaram presença numa reunião internacional. E ouviram farto aplausos.

Para os convidados, cantaram Amália Rodrigues e Vi-

cente da Câmara. Guitarras e vozes portuguesas marcaram presença numa reunião internacional. E ouviram farto aplausos.

Para os convidados, cantaram Amália Rodrigues e Vi-

cente da Câmara. Guitarras e vozes portuguesas marcaram presença numa reunião internacional. E ouviram farto aplausos.

Para os convidados, cantaram Amália Rodrigues e Vi-

cente da Câmara. Guitarras e vozes portuguesas marcaram presença numa reunião internacional. E ouviram farto aplausos.

Para os convidados, cantaram Amália Rodrigues e Vi-

cente da Câmara. Guitarras e vozes portuguesas marcaram presença numa reunião internacional. E ouviram farto aplausos.

Para os convidados, cantaram Amália Rodrigues e Vi-

cente da Câmara. Guitarras e vozes portuguesas marcaram presença numa reunião internacional. E ouviram farto aplausos.

Para os convidados, cantaram Amália Rodrigues e Vi-

cente da Câmara. Guitarras e vozes portuguesas marcaram presença numa reunião internacional. E ouviram farto aplausos.

Para os convidados, cantaram Amália Rodrigues e Vi-

cente da Câmara. Guitarras e vozes portuguesas marcaram presença numa reunião internacional. E ouviram farto aplausos.

Para os convidados, cantaram Amália Rodrigues e Vi-

cente da Câmara. Guitarras e vozes portuguesas marcaram presença numa reunião internacional. E ouviram farto aplausos.

Para os convidados, cantaram Amália Rodrigues e Vi-

cente da Câmara. Guitarras e vozes portuguesas marcaram presença numa reunião internacional. E ouviram farto aplausos.

Para os convidados, cantaram Amália Rodrigues e Vi-

cente da Câmara. Guitarras e vozes portuguesas marcaram presença numa reunião internacional. E ouviram farto aplausos.

Para os convidados, cantaram Amália Rodrigues e Vi-

cente da Câmara. Guitarras e vozes portuguesas marcaram presença numa reunião internacional. E ouviram farto aplausos.

Para os convidados, cantaram Amália Rodrigues e Vi-

cente da Câmara. Guitarras e vozes portuguesas marcaram presença numa reunião internacional. E ouviram farto aplausos.

Para os convidados, cantaram Amália Rodrigues e Vi-

cente da Câmara. Guitarras e vozes portuguesas marcaram presença numa reunião internacional. E ouviram farto aplausos.

**CASA DA SORTE**  
ABRIU O ANO A VENDER  
**PRÉMIOS GRANDES**  
5808 — 3.º PRÉMIO — 300 CONTOS  
DISTRIBUIDOS HOJE AOS BALCÕES DA  
**CASA DA SORTE**

**Conta Infantil**  
BANCO DO ALENTEJO

# Quantos somos, quem somos, como somos

CARLOS CARVALHAS

Para uma melhor compreensão, o estudo da população interessa à economia por dois motivos fundamentais:

a) A população é o fim último de toda a actividade económica, pois a economia, enquanto actividade, propõe-se, ou devia propor-se, a satisfazer as necessidades da comunidade humana. b) O trabalho, considerado como factor de produção, é fornecido pelo elemento humano. Quer dizer a população é ao mesmo tempo a produtora e receptora de bens económicos e a sua capacidade de produção depende grandemente não só da quantidade, mas sobretudo da sua qualidade.

O seu estudo pode fazer-se segundo duas ópticas diferentes: observar um determinado agrupamento num dado momento, analisando as suas características fundamentais, como o volume: quantitativo de indivíduos que o constituem; a estrutura demográfica: sexo, idade, etc.; a densidade populacional e a distribuição regional. Este, portanto, um estudo do «estado» da população numa perspectiva estática, como se se tratasse de uma fotografia, o que se faz por recenseamentos que, entre nós, se levam a efeito de dez em dez anos.

Uma outra óptica consiste em estudar todos os movimentos, natalidade, mortalidade, migrações, que alteram a população,

isto numa perspectiva dinâmica. Estas duas análises completam-se, pois o estado da população é sempre a resultante da acção destes movimentos.

Tudo isto vem a propósito do recenseamento que se está a efectuar (inclui todo o território (1) regido pela constituição portuguesa à excepção do Estado da Índia) e que nos dirá como, quantos, quem somos e também como habitamos. Efectivamente, os seus dados não só nos dirão quantos somos, como permitirão determinar a média aritmética das idades (idade média), a relação de masculinidade ou seja o número de homens para cada 100 mulheres, a razão de envelhecimento — razão entre o número de indivíduos maiores de 60 e menores de 20 anos — densidade populacional, distribuição geográfica, etc., etc., dados que irão ser utilizados e condicionarão a política económica.

Na verdade se em termos gerais podemos dizer que a produção de um país será tanto mais quanto mais for a sua população, também podemos afirmar que pode haver duas economias iguais em volume, mas com diferentes capacidades de trabalho. Daí o interesse em saber a sua estrutura, pois, por exemplo, as necessidades de uma criança não são as mesmas das de um adulto e as suas capacidades de

trabalho são bem diferentes. Além disso a estrutura interessa para definir as perspectivas de evolução futura de um agrupamento no que respeita à sua renovação, pois apenas uma fracção da população pode contribuir para ela. E não é indiferente a um país ter uma população jovem ou ter uma população envelhecida; o envelhecimen-

to da população tem consequências económicas, aumenta progressivamente os efectivos da população a «carga», sobrecarregando a população activa. Também não é indiferente saber qual a sua distribuição, quais os distritos que têm repulção populacional, quantas pessoas tiveram de emigrar, quanto aumentaram os distritos de atrac-

ção com todos os problemas que daí advêm na sobrecarga das infra-estruturas (mais escolas, hospitais, creches, etc.).

### UM RECENSEAMENTO MAIS PERFEITO

Para já, este recenseamento mostra-nos como se trabalha e senão ve-

jamos: Tanto o «boletim de família» como o da «habitação» trazem inúmeros dados mais perfeitos e completos do que há dez anos, mas, quanto a nós, não se teve em conta o «estado» da população o que é um paradoxo, pois trata-se de uma operação para avaliar o seu «estado». Na verdade, quantas pessoas

Cont. na pág. 4



## Planeados e clandestinos

NUNO PORTAS

### OS PLANOS

1. Suponho que a ideia mais difundida, mesmo entre os técnicos, é a de que a existência de aglomerados clandestinos se explica pela negligência, incompetência ou corrupção da administração municipal diante dos especuladores («e dentre estes os mais «qualificados»») — e, inversamente, que essa lepra urbana, deixava de existir no dia em que se sanele e reforce o respectivo corpo de fiscais e polícia ou ainda, de um modo mais geral, no dia em que o governo aprovasse efectivamente os planos e imponha drasticamente o seu cumprimento rigoroso.

Antes de aceitar esta explicação como boa não deixa de ser necessário investigar se os planos que conhecemos podem ser cumpridos e se o seu cumprimento traz necessariamente benefícios para a maioria da população, designadamente para a mais insolvente (em relação ao mercado) e, portanto, beneficiários compensadores do aumento do controle administrativo e repressivo que se reivindica.

Parecerá estranha esta dúvida de princípio que deixa aflorar uma suspeita sobre as proverbiais vantagens da ordem (o plano), sobre a desordem (a prática) suspeita que só tem razão de ser se se admitir que a ordem que se procura impor pode ser demasiado arbitrária e até servir interesses de um dado estrato social em detrimento dos de outros e, ainda, que a desordem que se impõe na prática pode ser mais aparente que profunda e representar entretanto melhor os conflitos, insanáveis a nível urbanístico, do contexto socio-económico.

PLANOS RÍGIDOS OU ADAPTATIVOS?  
É sabido hoje — sobretudo por analogia com a cibernética — que tem de haver contínua troca de impulsos ou de energia entre um sistema que queremos regular (no caso o sistema físico da cidade-região) e o seu contexto socio-económico e cultural e que toda a imposição inicial de rigidez de organiza-

cão nas relações funcionais e na uni(formidade) do corpo se opõe à agilidade de adaptação à mudança e à manifestação da heterogeneidade insuflável desse contexto social. As formas conhecidas de planeamento urbano têm um óbvio horror à complexidade e à espontaneidade — que não consideramos necessariamente benéficas, sobretudo quando se sabe que o urbanizador não é a população mas o «semeador» que se serve dela: i. é, tende a adoptar tácticas sucessivamente mais defensivas da integridade do seu modelo mesmo que, cada dia, vá este ficando mais cortado da prática, logo mais inútil.

Como se na psícoses de evitar a infecção do corpo se prefere deixar este definir, restando-lhe esperar por algum milagre.

Parece-me assim hoje mais útil e mais compatível com o radicalismo crítico que se impõe orientar o engenho (e a manha) do planificador para a agilidade da adaptação do seu sistema de sistemas urbano à mudança das condições e ao uso dos instrumentos de que pode efectivamente dispor (incorrendo na adopção de desordem e de atropelos) como «preço necessário da realidade» do que afeitar-se às preocupações de unidade e coerência (de uma técnica ou de uma estética, que não do contexto...) e pedir sempre mais aparatosos aparelhos de controle repressivo.

A verdade é que quanto mais poderoso for este aparelho menos probabilidade teremos de evolução nos critérios e métodos do planeamento no sentido dessa agilidade de regulação com o mínimo de gasto: menos oportunidades para verificar a justiça das opções tomadas em cima em face dos acontecimentos desejados «em baixo», incluindo os marginais. E, evidentemente, teremos mais instáveis as consequências dos vícios dos mesmos planos que passam a acomodar só no futuro de «uma» sublocução, por exemplo, e que, presentemente, temos as claras como seus membros mal-conscientes e barbaes. Evidentemente que se não se trata de um sistema de controle (emissor e receptor) mas a aplicar flexivelmente e de

Cont. na pág. 6



# ASSIM VAI O MUNDO



## Engenharia

Determinar o perfil do engenheiro civil europeu do futuro e definir a livre circulação dos engenheiros na Europa, tais os objectivos do colóquio «Formação do engenheiro civil na Europa», realizado, em Paris, pela Associação de Estudantes da Escola Especial de Trabalhos Públicos Cívicos e Industriais.

Neste participaram uma centena de estudantes e professores de sete países europeus, tendo-se concluído que nenhum país recruta ou forma os seus engenheiros do mesmo modo, tal como a duração dos cursos não é idêntica em toda a parte. E assim, tendo estas condições presentes, a referida Associação pretende abrir algumas vias que facilitem contactos prolongados entre as Universidades, para que os estudantes possam procurar, noutro país da Europa, o complemento da formação de que têm necessidade. Cada país, efectivamente, possui uma formação dominante em matéria de engenharia ou especialistas nesta ou naquela disciplina.

Quanto ao problema do exercício da profissão num país diferente daquele que outorga o diploma, levantam-se questões de natureza jurídica cuja resolução parece ainda longínqua.

Anteriormente, havia sido concedida, oficialmente, equivalência de diplomas de arquitectos franceses e estrangeiros.

tem consciência de que é a boa combinação.

Se nos contentarmos com por especialistas uns a seguir aos outros, a experiência prova que eles não passarão o bebé uns aos outros. Nos Estados Unidos onde se gaba tanto o trabalho de equipa, 85% das inovações não saem das grandes empresas, mas de homens isolados ou de pequenas equipas.

## Estudantes

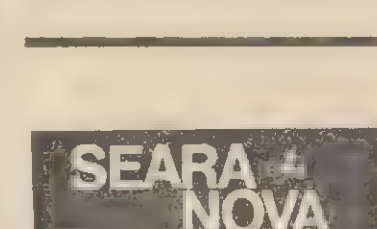
Tem sido muito inconstante, em França, a participação dos estudantes nas eleições para os seus organismos. Muito elevada nos Institutos e Escolas Superiores, é, geralmente, fraca nas Faculdades de tipo clássico.

No Instituto Nacional Politécnico de Toulouse, as percentagens de votantes-estudantes vão de 91,7% a 37,4%. Na Universidade de Montpellier III, somente 5,8% dos «psicólogos» acorreram às urnas, mas o Instituto Psico-pedagógico contou 52,8% de participação estudantil nas eleições.

Em Limoges, regista-se também uma grande variação: 18,1% em Letras e Ciências Humanas, 7,4% em Direito e Ciências Económicas, 44,1% em Ciências Exactas e Naturais; 62,7% em Medicina e Farmácia e 87% no Instituto Universitário de Tecnologia.

## Gigantes

A General Motors tem um «chiffre d'affaires» superior ao produto nacional bruto da Holanda. A United States Steel produz quase tanto aço como toda a Alemanha Ocidental e este gigantismo está bem patente no facto de as primeiras 500 firmas americanas produzirem cerca de 50% de todos os bens e serviços do seu país.



Vivemos na convicção generalizada das vantagens do trabalho de equipa em relação à investigação individual. Mas parece que nem sempre é assim, que há sectores e sectores. Maurice Bartholin, professor da Escola Central de Lyon, vai ao ponto de uma reabilitação, do inventor isolado: «Penso, e escrevi-o, que uma ideia nasce no cérebro de um só homem. A dado momento a combinação apresenta-se, e ele

## Brasil-U. R. S. S.

Quarenta por cento do mercado soviético de café será abastecido pelo Brasil, segundo um contrato recentemente concluído entre este país e a U. R. S. S. No decorrer dos próximos cinco anos serão fornecidas à União Soviética 75 mil toneladas de café, recebendo o Brasil, em troca, equipamentos e instalações para centrais hidroeléctricas. O negócio equivale, pelos preços actuais, a 400 milhões de cruzeros.

## ASSIM VAMOS NOS

### «Desenvolvimento»

Em Junho do ano passado, nas primeiras páginas dos jornais, falava-se de associação do Vale do Tejo e de Desenvolvimento. A associação cristalizou, após a Feira do Ribatejo. Existem sócios, uma direcção e uma sede, em Santarém. Mas os sócios desconhecem a actividade da associação. Na próxima Feira do Ribatejo, muito provavelmente, a associação renascerá. Virão deputados de Lisboa. Virão técnicos. Haverá complicadas exposições verbais. Depois, a associação receberá novas quotas. A sede voltará a ficar vazia. O debate será nulo. Os sócios esperarão, novamente, pelos dias de festa. A não ser que...

### Seguros

Portugal, a partir deste ano, é um dos quatro países europeus onde os automobilistas podem conduzir sem seguro obrigatório, depois de na Itália se ter adoptado este regime a partir de 1 de Janeiro. Os outros três comparsas são a Bulgária, Roménia e Grécia.

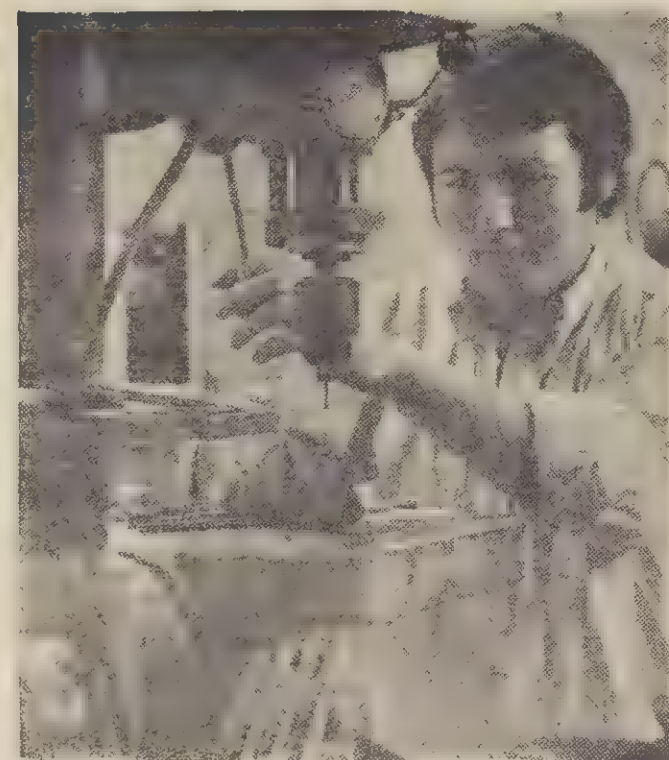
### «Seara Nova»

Entrou no seu quinquenário de publicação a revista «Seara Nova».

O número de Janeiro deste ano, com 48 páginas, e um aspecto gráfico melhorado, promete: «A ideia de renovação, que sempre esteve nos nossos espíritos, que foi impetuosa e transformadora no enfrentar das maiores contradições, ganha neste momento nova dimensão, exige maior responsabilidade».

Com uma tiragem que ultrapassa já os vinte mil exemplares, a actividade editorial da Seara não se confina à publicação mensal da revista. Os livros também estão incluídos na sua actividade e, para breve, a saída de «Para onde vai a Alemanha?», de Heinz Abosch, e «Para a História do Sindicalismo em Portugal», de Alexandre Vieira.

Entretanto, a revista deste mês compreende — «Anotações à proposta de lei de revisão constitucional», por Alberto Costa, «Uma introdução à lei de meios para 1971», por Luís Amado Passos, e de Maria Antónia Palla, «Rosa Lima: que liberdade?». Colaboram ainda Mário Ventura, Sérgio Ribeiro, Sobomayor Cardia, Vítor de Sá, Francisco Kell do Amaral, João José Cochofel, Urbano Tavares Rodrigues e André Gorz. «Factos e documentos» uma secção habitual que marca a sua presença, assim como António Sérgio com um texto na contracapa.



Segundo essas novas disposições, os diplomados de cinco escolas estrangeiras, poderão exercer a profissão de arquitectos em França. Assim, estão incluídas na lista as seguintes instituições e diplomados:

- Universidade de Laval, no Quebec;
- Escola Cranbrook Academy of Arts, em Bloomfield Hills, Michigan, nos Estados Unidos;
- Escola Politécnica de Craiova;
- Universidade Ion Minou, de Bucareste;
- E os titulares do diploma do 3.º ciclo da Faculdade de Arquitectura de Belgrado.

Este regime fica em vigor até 31 de Julho de 1975, data em que será eliminado ou confirmado após prévio exame. No que respeita aos diplomados de Belgrado, a data foi fixada em 31 de Julho de 1972.



## Eco

No n.º 222-3, de Vértice, dedicado a Aires Redol, insere-se uma «contribuição para uma bio-bibliografia» do escritor, que é um primeiro passo para uma bio-bibliografia completa.

Al se escreve: «Em particular dos nossos leitores e amigos que vivem no estrangeiro pedimos o favor de uma consulta aos ficheiros das bibliotecas das cidades onde residem para tentarmos conseguir formar uma lista das edições estrangeiras da obra de Redol».

Fazemos eco deste pedido junto dos leitores do «Diário de Lisboa» residentes no estrangeiro colaborando assim no estabelecimento de uma bio-bibliografia completa que constituirá um elemento de estudo da obra do importante escritor.

### Capitais estrangeiros

Nos últimos números da «Seara Nova», J. Cândido de Azevedo, reproduz os seguintes dados: capitais externos entrados em Portugal em 1961 — 1 milhão 102 mil contos; em 1965 — 2 milhões 827 mil contos; em 1968 — 5 milhões 803 mil contos.

Em 1961, o capital estrangeiro participava em cerca de 600 empresas nacionais.

E J. Cândido de Azevedo adverte: «Apesar de todos os investimentos externos, privados ou públicos, directos ou não, ainda nenhum país subdesenvolvido conseguiu, por essa via, romper definitivamente com o subdesenvolvimento. A razão: os detentores destes capitais procuram apertá-los onde a rentabilidade é maior, independentemente de todas as considerações de plano económico».

### Conservas

Em Outubro os nossos principais compradores de conservas foram a Itália (869 t), E. U. A. (776 t), Inglaterra (544 t), Alemanha (332 t), Bélgica-Luxemburgo (203 t), e França (208 t). A principal espécie exportada foi a sardinha.

## ESCOLHA DOS GOVERNANTES

# Autoritarismo e Democracia

AMADEU LOPES SABINO

Os constitucionalistas ocidentais modernos distinguem dois grandes tipos de regimes políticos: os autocráticos e os democráticos.

Assinala-se quanto esta distinção é exígua e quanto estas designações são equívocas. A autocracia e a democracia são formas jurídico-políticas que escondem as mais variadas relações de classe e o específico carácter de classe de um Estado em concreto. Regimes ditos autoritários podem realizar formas populares de exercício da soberania. Há, pelo menos, exemplos históricos: a convenção francesa e o sovietismo. Por outro lado, as formas democráticas podem recorrer inequivocamente (tutariamente) ao absoluto poder de um grupo ou de uma classe, como hoje se verifica nos Estados Unidos da América.

A própria origem histórica da democracia ocidental radica aliás numa formação social (Athenas) em que apenas uma minoria de cidadãos participava do poder, dele estando excluídos os escravos, como coisas que juridicamente eram.

Referindo-se à distinção autocracia-democracia, Maurice Duverger analisa várias formas de designação e escolha dos governantes — nomeadamente da chefia do Estado.

Procurando retirar dessa análise os aspectos descritivos, vejamos quais os modos de escolha dos titulares dos órgãos do Estado indicados em «Les regimes politiques».

A conquista do poder, afirma Duverger, é historicamente o primeiro. Os novos regimes nascem através de um acto de força — até porque os que os antecediam organizaram o poder de tal modo que este lhes não escapasse. O caso da II República espanhola, instaurada após uma votação organizada em plena Monarquia de Afonso XIII, é quase ímpar.

O acto de conquista pode ser um golpe militar — e nesse caso reveste quase sempre características antipopulares — ou uma revolução, isto é, um levantamento popular contra o Estado.

### A LEGITIMAÇÃO... OU NÃO

A conquista instaura um novo direito político, de acordo com o qual os novos governantes fundamentarão o seu poder.

Se a nova ordem não altera os alicerces, do regime socioeconómico anterior, os recém-chegados ao poder procurarão legitimar-se através de um título, de uma eleição ou de um plebiscito. D. João

I exibiu a sua paternidade, e o regime saído do 28 de Maio organizou um plebiscito.

Se o novo regime destrói o antigo Estado e organiza o poder político de uma classe até então dominada, os governantes preocupam-se acima de tudo com a edificação dos novos órgãos do novo Estado, verificando-se uma ruptura absoluta com o Direito anterior. Não há propriamente uma legitimação do novo Estado; é a violência revolucionária que é descrita como legítima. Assim em França em 1793 e na Rússia em 1917. E a Cuba de Fidel não se preocupou com a organização de quaisquer plebiscitos ou eleições.

A hereditariedade foi, até à ascensão da burguesia, um dos modos mais praticados de escolha dos governantes. A realidade foi hereditária durante a Idade Média europeia e as assembleias políticas das monarquias incluíam sempre membros hereditários. Todas as monarquias actualmente existentes (com excepção do Papado) são hereditárias.

Referindo-se à distinção autocracia-democracia, Maurice Duverger analisa várias formas de designação e escolha dos governantes — nomeadamente da chefia do Estado.

### MONARQUIA E REPÚBLICA

Hoje esta hereditariedade recobre regime, e sistemas políticos que nada têm a ver com as monarquias «asiáticas» ou medievais. Se há autoritarismos monárquicos — da Espanha ao Irão e da Itália fascista aos principados do Golfo Pérsico, esses autoritarismos não se fundamentam no poder monárquico. «Há vinte e cinco anos», afirmava Marcello Caetano em 1951, «pensava e escrevia eu que as ditaduras só podiam alcançar sentido nacional quando apoiadas no espírito de continuidade e na consciência de responsabilidade dinástica de um monarca. Mas entretanto o mundo deu muita volta e viu-se que não era Afonso XIII quem sustentava Primo de Rivera, e sim Primo de Rivera quem sustentava Afonso XIII; como não era Vitor Manuel quem aguentava o fascismo, e sim o fascismo quem aguentava Vitor Manuel».

As «ditaduras» podem hoje legitimar-se na hereditariedade e no sangue de um rei — a sua essência radica porém inequivocamente no domínio de uma classe social cujo reacçãonismo lhe não permite dizer-se republicana.

## TRADUÇÕES TÉCNICAS

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO

EST. BENFICA, 390 — AtoHer



Prof. Marcello Caetano: «em 25 anos, muita coisa mudou»

A própria distinção entre República (em princípio em electiva) e Monarquia (em princípio hereditária) perdeu o significado. Há repúblicas coroadas (a Inglaterra, a Suécia, a Noruega, a Dinamarca) e repúblicas monocráticas. A Grécia dos coronéis que depôs o rei e nomeou um regente para a chefia do Estado será uma Monarquia ou uma República?

A cooptação, escreve Duverger, consiste na designação do Governo futuro pelo Governo em função, na designação do

sucessor pelo predecesor.

A maior parte das ditaduras modernas tentou e tenta ressuscitar este sistema. No condado francês, não competia ao eleitorado eleger os governantes mas apenas votar listas de confiança com nomes que reputasse dignos de serem chamados ao exercício das funções públicas. O órgão supremo do poder político era o Senado Conservador, formado por 80 senadores vitalícios e inamovíveis, cujas vagas seriam preen-

chadas por escolha dos próprios senadores. Ao Senado competia designar, a partir da lista nacional de confiança, os membros do Corpo Legislativo e do Tribunal e os titulares dos mais altos cargos públicos.

Na Itália fascista, o Duce (chefe do Governo) propunha ao Grande Conselho Fascista, os nomes a apresentar ao rei para escolha do seu sucessor.

Na Espanha, assistiu-se, no ano que acaba de terminar, à escolha, pelo generalíssimo Franco, do seu sucessor na chefia do Estado.

### A RACIONALIDADE DEMOCRÁTICA

Para Duverger, «os regimes democráticos representam um esforço para estabelecer o edifício governamental em bases racionais».

Esta afirmação que só podia partir da boca de um «democrata». Todo o regime político é «racional» de acordo com a perspectiva de classe que o move.

A racionalidade da democracia formal é aquela que a burguesia europeia, na sua fase ascensionista, era possível. O mundo assistiu estupefacto à «racionalidade» de outros regimes burgueses: nazismo, fascismo, etc...

A partir do séc. XVIII a burguesia impôs sucessivamente à aristocracia a electividade pelo terceiro estado (por sufrágio censitário, i. e. por sufrágio dos que pagavam impostos, dos burgueses) dos governantes.

A burguesia e a sua democracia desempenharam assim um papel «progressista», que permitiu criar o quadro institucional apto ao desenvolvimento das forças produtivas euro-americanas.

A concentração monopolista e o imperialismo vieram porém emprestar à democracia formal um inequívoco carácter conservador que permite à classe dominante exercer o seu poder sem contestação «perigosa», «revolucionária». O voto (seja em que partido for) é a aceitação do sistema «democrático».

Nesta medida, a distinção entre «autocracia» e «democracia» é interna aos vários poderes políticos das várias burguesias, mundialmente dominantes.

Consoante a relação de forças dominantes (barbas) dominados o exige, assim a classe no poder é «democrática» ou «autoritária». As fórmulas jurídicas de escolha dos governantes no Ocidente recobrem essa realidade.

## nós escolhemos...

As negociações Portugal-C. E. E. (iniciadas em 24 de Novembro), as acusações, afro-asiáticas a Portugal a propósito da invasão da República da Guiné, a discussão parlamentar da política pró-europeia do Governo, a participação portuguesa no encontro dos ministros dos Estrangeiros da NATO, a visita a Lisboa de Lopez Bravo, trouxeram às primeiras páginas dos jornais no final do ano transacto o nome do dr. Rui Patrício. Duas deslocações do ministro a Bruxelas e uma conferência de imprensa na «capital provisória» da Europa, duas notas oficiais rejeitando qualquer responsabilidade governamental na empresa guineense, centraram então as atenções da imprensa internacional no chefe da diplomacia lusitana.

«Vossa Ex.ª, Sr. Dr. Rui Patrício», disse o primeiro-ministro ao investido no cargo ministerial (16 de Janeiro de 1970), «é um homem novo pela idade e um homem bem da sua geração. Mas depois de uma brilhante carreira escolar, adrestrou-se com sólida preparação teórica trabalhando na própria Universidade que o formou. Daí passou, há quase cinco anos, para um posto do Governo, o de subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino (...). Também não foi alheia a escolha a circunstância de V. Ex.ª estar tão bem informado sobre o Ultramar português. A grande tarefa da diplomacia portuguesa consiste em zelar, explicar, defender a nossa política ultramarina».

Rui Manuel de Medeiros, d'Espinau Patrício tem 38 anos, é formado em Direito, leccionou na Faculdade de Direito de Lisboa e no Instituto de Estudos Sociais, chegou a secção de estudos económicos do Gabinete de Estudos da SACOR. De Março de 65 a Janeiro de 70 foi subsecretário do Fomento Ultramarino, funções que acumulou com as de subsecretário dos Negócios Estrangeiros após o afastamento do dr. Franco Nogueira (Outubro de 1969).

Em Bruxelas, no dia 24 de Novembro, o ministro teve o ensejo de reafirmar aos seus colegas europeus a crença de Portugal no futuro da Europa, recordando que as exportações de Portugal europeu para a Comunidade representam 24 por cento das exportações totais para o estrangeiro; e que para as importações, a percentagem correspondente é de 40 por cento. Quanto aos territórios africanos de Portugal observou que o seu estado de desenvol-

## Rui Patrício



volvimento impõe um tipo muito diferente de tratamento dos problemas decorrentes das suas relações com a Comunidade Económica Europeia.

Mais tarde, na conferência de imprensa, Rui Patrício informava que da C. E. E. provém 31 por cento das importações efectuadas pelos territórios portugueses em África e que os países do Mercado Comum compram 27 por cento das exportações respectivas.

Para a Inglaterra, a Commonwealth tem sido um obstáculo nas negociações com a Europa. Certos países da Comunidade Britânica exportam artigos industriais (Canadá, Índia, Hong-Kong) e produtos agrícolas de clima temperado (Canadá Austrália e Nova Zelândia). A Associação da Commonwealth é C. E. E. implicaria a abertura dos mercados europeus à concorrência de países melhor dotados de condições naturais (no caso dos produtos agrícolas) ou que exploram uma mão-de-obra barata (no caso dos produtos industriais). É compreensível a resistência da C. E. E. a essa associação.

Algo de diferente se passa com os territórios africanos da Comunidade Portuguesa — exportadores de produtos tropicais, de matérias-primas e até de mão-de-obra.

A respectiva associação ao Mercado Comum ampliaria essa nova Euráfrica que Paris, Bonn, Roma, Bruxelas e a Haia estão empenhadas em construir e da qual já fazem parte 18 Estados africanos.

As políticas europeia e africana do Governo de Marcello Caetano não são pois contraditórias. Ninguém melhor do que um «ultramarino» para bater à porta da Europa.

A. L. S.



# Bragadas e Quintais: até quando a «clandestinidade»?

JOSÉ JOÃO LOURO

No limite do concelho de Vila Franca de Xira, perto da Póvoa de Santa Iria, cresceram, de um e do outro lado da auto-estrada, dois bairros clandestinos: Bragadas e Casal dos Quintais. Segundo um apuramento de 1968, Bragadas tinha mais de 500 habitantes e Casal dos Quintais quase duas centenas. A população cresce de ano para ano, atingindo nos dois aglomerados cerca de um milhar de habitantes.

As duas povoações têm conjuntamente uma série de características que os definem como exemplos típicos de bairros clandestinos onde predomina a autoconstrução. Vale a pena alinhar algumas das características comuns aos dois povoações:

1—Os dois bairros estão situados até ao limite extremo do concelho de Vila Franca de Xira. Ambos têm a linha-limite do concelho a um metro exacto das habitações extremas.

2—Estão situados na proximidade das empresas fabris, algumas das quais empregam com a condição de os trabalhadores viverem nas proximidades.

3—Ambos têm uma certa percentagem de autoconstrução (homens a viver na habitação que construíram): Bragadas tem cerca de 55 por cento de habitações próprias e Casal dos Quintais cerca de 30 por cento (dados de 1968).

4—Nos aglomerados existe uma certa percentagem de indivíduos ligados a actividades de construção e obras públicas (Bragadas com cerca de 35 por cento da população activa; Casal dos Quintais com 27,5 por cento da população activa), (dados de 1968).

5—Em ambos os aglomerados, pela proximidade do local de trabalho, a maioria dos habitantes deslocava-se a pé, diariamente. Em Quintais 66 por cento, contra 15 por cento de bicicleta, motorizada ou automóvel. Em Bragadas 68 por cento, contra 6 por cento de bicicleta, motorizada ou automóvel e seis por cento de comboio.

6—Uma reduzida percentagem utilizava transporte colectivo. Em Bragadas, apenas sete por cento utilizavam, nas suas deslocações diárias, o autocarro ou o comboio. Em Bragadas, apenas 0,61 por cento utilizavam transportes colectivos.

Semelhantes dados permitem definir estes bairros clandestinos como o tipo de habitação que surge de uma necessidade das populações trabalhadoras das proximidades. Até onde essa necessidade de criar as suas próprias habitações foi explorada por determinados indivíduos, é uma questão que se pode deixar. No contacto que tivemos com a Comissão de Senhores de Bragadas e Quintais, a maioria das pessoas responsabiliza a administração

camarária, pela situação de permanente ilegalismo em que ali se vive.

Bragadas não tem água, não tem luz, não tem esgotos. Tem vários cartazes administrativos da Câmara Municipal afirmando que não se responsabiliza pela água, pela luz e pelos esgotos. Tem um latão de 5000 litros, onde desaguam as «bichas» dos habitantes. Não tem escola, nem consegue um transporte colectivo, apesar de 80 crianças irem para a Póvoa todos os dias, a pé. Mas as empresas recusam-se a ir lá buscar as crianças. As estradas são tão más que nem os Bombeiros Voluntários querem lá ir. Mas os carros dos construtores com mais de 20 lotes, vivendo da indefinição camarária, passam facilmente. Em Quintais, as rendas de casa subiram ultimamente a oitocentos escudos.

## CONDIÇÕES SOCIAIS

Vale a pena alinhar alguns dados (também

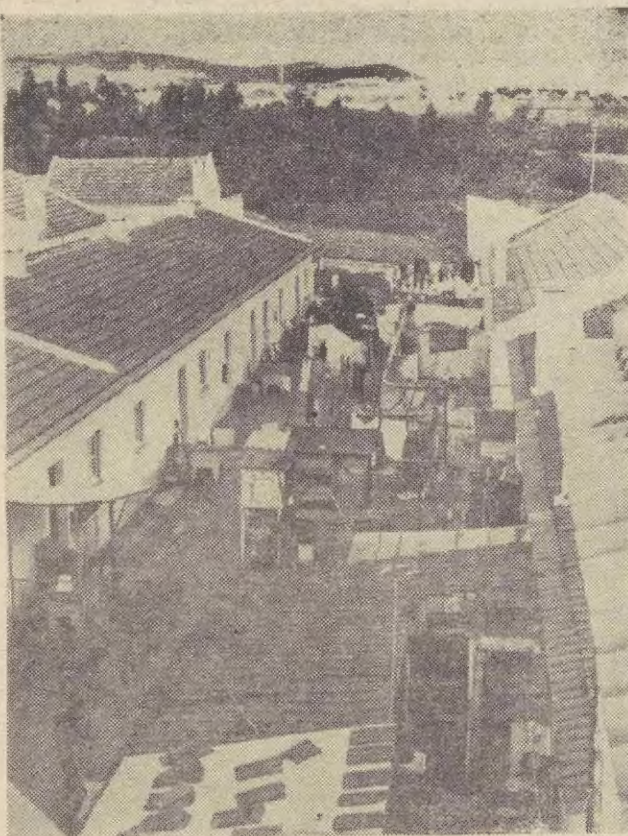


Imagem aérea, mesmo sem plano

de 1968) sobre as condições sociais em Bragadas. É um bairro de população predominantemente jovem (90 por cento de habitantes tem menos de 45 anos), o que permite prever uma certa estabilização social. Toda a via, sessenta por cento dos habitantes com mais de 15 anos são analfabetos ou não têm a 4.ª classe.

Isto ajuda a pôr o problema das dificuldades da população em exprimir os problemas mais sentidos.

Mas, dados os «passos perdidos» da Comissão de Bragadas desde 1967, tem de pôr-se claramente esta questão:

—Se a Câmara não desconhece as graves condições em que se ha-

bita em Bragadas, como pode adiar a solução de determinados problemas, que põem em risco a saúde, a higiene, e limitam decisivamente a vida quotidiana nestes bairros à porta de Lisboa?

A questão põe-se com mais acuidade dado que a Câmara realizou um apuramento em 1968, e quatro arquitectos realizaram um antepiano de urbanização. Ora, às vistas dos fiscais da Câmara, o antepiano foi totalmente ultrapassado pela construção clandestina. Quem são os responsáveis? Porque se deixa agir estes indivíduos a coberto da clandestinização dos bairros?

O bairro de Bragadas data de 1963. O primeiro operário a construir no local ficou conhecido como o «Brasileiro». Imediatamente após as primeiras construções, alguns operários organizaram-se e começaram a criar determinados serviços. Esse germe de comissão teve a vantagem de, durante todos estes anos, manter um diálogo com a Câmara Municipal, con-

dições a preencherem esses espaços que se pretendiam ter uma função social.

Salvo neste último período em que a presença dum antepiano para aprovar criou uma excitabilidade e especulativa.

a actividade de construção em Bragadas é predominantemente de autoconstrução.

Quintais tem características diferentes de Bragadas. Maior concentração de construção (cerca de 29 metros quadrados

por habitante em 1968), maior percentagem de habitação alugada (67 por cento em 1968). As casas estão amontoadas actualmente umas nas outras, formando, um nó estranho no estilo algarvio. Não há ruas e o aglo-

## Planeados e clandestinos

Cont. da pág. 1

acordo com uma estratégia do próprio plano. Ora quantos planos farão a distinção clara e provada entre o que é imediatamente executável ou aberto (porque preço e com que consequências), o que devia ser imediatamente executável se a administração tomar tais e tais providências (e qual o preço e as alternativas se as não tomar em tempo útil) e, finalmente, o que poderá apenas vir a ser executável se o mecanismo do desenvolvimento socio-económico obtiver os benefícios que seria legítimo esperar. Mas fazer planos, que suponham que este terceiro estágio seja a realidade, parece puro desgaste de energia.

Entretanto, continuamos a ter como planos «póses» da cidade ou da região numa dita futura relativamente arbitrária, em vez de um mecanismo de decisão que tendo apenas um «modelo do sistema» de funcionamento da vida urbana no espaço disponível — modelo de referência ele próprio provisório — vá propondo sucessivas frentes de acção, cliente das relações-chave entre uns e outros sub-sistemas, para perder ou ga-

nhar pontos, logo modificar as tácticas, introduzir compensações e, retroactuando, rever a própria estratégia.

Voltarei ao tema da eficácia do planeamento, tão actual quanto pouco sujeito a balanço crítico.

## OS CLANDESTINOS E OS PLANOS

O aglomerado clandestino é o porque brotou onde o plano de urbanização não previa desenvolvimento urbanístico ou onde se estava fora do alcance desses planos. Já o proprietário rural ou o intermediário jogaram na venda ao desbarato da propriedade, em vez de jogar na aprovação do loteamento e futura venda menos barata. Noutros países de mais violenta pressão urbanística este promotor não chega a existir: a ocupação dos terrenos (invasões, se chamam na América Latina) é forçada inteiramente pela iniciativa dos próprios imigrantes urbanos.

Em consequência do processo o município desconhece, daí em diante, todo o que na área se faça ou seja, deixa de fiscalizar a segurança das construções (que pode chegar à dezena de andares sem «cálculo da estabilidade») e deixa de prover aos serviços municipais

merado fecha-se em si próprio.

No interior, existem em vários planos terraços onde partem novas habitações. Deste ponto partem duas ou três filas de moradias de rés-do-chão, ocupando zonas livres,

mesmo as previstas como «verdes», no antepiano de urbanização.

Um contramestre da Fábrica Covina detém aqui, um número relativamente grande de construções que actualmente aluga por 800 escudos

(sem esgotos, sem luz). Operários de empresas da zona preferem estas casas às da Póvoa de Santa Iria. São maiores, mais baratas e servem especialmente as famílias grandes. O preço das rendas de casa em zonas ur-

banas, impede proibitivamente outra opção. Em 1968 a média das rendas de casa era baixa. Para 43 fogos havia 106 assoalhadas (pouco menos de três assoalhadas médias por

Cont. na pág. 8

AMÉRICO MARUJO

JOAQUIM SILVESTRE



fiscalizar a segurança das construções (que pode chegar à dezena de andares sem «cálculo da estabilidade») e deixa de prover aos serviços municipais

elementares — o que significa que as custas de um processo em que as culpas são desiguais vão ser pagas apenas pelos habitantes, na sua segurança, saúde e promoção, aqueles cuja «culpa» foi a falta de ter casa própria e a inexistência no mercado da oferta adequada.

É certo que, muito mais tarde a colectividade pagará, a dobrar, a legalização do que fingira desconhecer.

Ora que têm os planos a ver com a inexistência do que chamel oferta adequada? O plano de urbanização nasce sob o signo da ambiguidade: restringe a área urbanizável segundo critérios às mais das vezes não demonstrados (tanto para ser aqui como mais além, tantos hectares como o dobro) e, consciente ou inconscientemente, decide sempre enriquecer muito uns e pouco ou nada outros. Enriquecendo tanto mais os primeiros quanto menor área deixa urbanizar pois para igual procura restringe a oferta potencial permitindo a alta dos preços ao consumidor (enquanto a grande maioria do solo disponível for propriedade das rendas).

Até agora, até à aplicação da nova legislação sobre terrenos, o plano prefere desconhecer que grupos sociais vão beneficiar desta ou daquela área (ou seja, a que custo vão ser postos à venda os edifícios, custo esse que escolhe a classe social e em seguida a probabilidade de receber equipamento, etc.) uma vez que se desliga a técnica de planeamento da técnica de administrar.

## AS CAUSAS DA CLANDESTINIDADE

Insere-se neste processo o fenómeno da proliferação dos bairros clandestinos nas áreas de urbanização mais intensiva e nos países de distribuição de rendimento mais desigual: porque existe aqui uma vasta procura real que não é contemplada pelas urbanizações planeadas dos promotores privados nem o pode ser, a tempo, pelos programas públicos de habitação e outros equipamentos, sempre insuficientes.

Os bairros clandestinos estão neste caso para a política do urbanismo como os bairros de lata o estão para a política da habitação, não sendo por acaso que uns e outros sirvam de cabeçalho às recriminações da opinião pública e dos técnicos e, agora, de alvo das promessas de saneamento da administração.

Mas repare-se: estes dois campos, mais visados pelas medidas imediatas, são também aqueles onde o melhor se deve à iniciativa e ao trabalho dos próprios habitantes — apesar da interferência dos especuladores, sobretudo nas fases adiantadas — e aqueles onde o pior que têm se deve à falta do que competia ao serviço público. Estes dois casos típicos juntam a marginalidade aos planos (daí a degradação das condições físicas de habitabilidade) e a marginalidade ao mercado protegido pela lei, pois que permite a obtenção, por preços relativamente inferiores aos correntes, de certos benefícios que esta cidade tornou muito valiosos — a proximidade do trabalho nuns casos, o acesso a casa própria noutros.

Naturalmente, o desenvolvimento urbano, acelerando-se, tende a valorizar os bairros-facto-consumado, atraí em

empresários mais próximos do sector legal, chama a atenção para as condições dehumanas, faz aproximar a data inevitável da legalização da iniciativa selvagem e justifica, pela proximidade ou pela rareza da oferta rendas cada vez mais altas (com uma segunda especulação de alguns dos pioneiros mais empreendedores ou de promotores de fora) acabando por beneficiar de tais atenções que as vantagens da marginalização se perdem para muitos dos moradores e se passam para os promotores que em vista do êxito se lançaram, algures, na abertura de outras «margens». E, para já, valorizando os terrenos circundantes, se antes não se fizeram as expropriações generalizadas que a nova lei vem permitir.

É evidente que não pode deixar de se dar aos núcleos clandestinos e a grande parte dos legais que, salvo as infra-estruturas têm carências não menores, as condições de vida urbana mínimas — começando por integrá-los na rede urbana e no cesso aos equipamentos sociais (que podem não ser no centro da aldeia...) o que implica, para muitos não a sua conservação numa redoma mas a sua expansão deliberada, através da cedência em direito de superfície dos terrenos vizinhos previamente expropriados.

Desse modo ganharão escala e vida urbana com dimensão para justificar equipamentos mais próximos e as onerosas vias e redes de abastecimento da sua ligação à cidade legal.

## AS CONDIÇÕES DE SOLUÇÃO

Mas um problema é a recuperação das áreas já ocupadas e a sua expansão; outro é o dispositivo de crescimento da área urbanizada capaz de desencorajar o alastramento do processo especulativo sem repousar no reforço dos corpos de repressão.

Pode observar-se a coincidência marginalidade ao plano — marginalidade ao mercado normal: como se o plano e as telas burocráticas que o acompanham fosse o indispensável definidor e protector do mercado. Do mercado a que não pode aceder mais de metade da população urbanizada a não ser em condições patológicas bem conhecidas: subordinação dos orçamentos familiares pelas rendas e transportes, subordinação generalizada, superlotação das casas pequenas... Patologia por patologia (quem sabe onde se vive pior?) deve dizer que prefiro as formas que enriqueçam menos proprietários e promotores e mostrem mais o que os próprios interessados, os moradores, são capazes de fazer com a própria iniciativa e, até, com insuspeitados recursos (!). Se forem apoiados... em vez de entregá-los aos urbanizadores marginais.

Essa capacidade e estes recursos que o planeamento subestima e os bairros convencionais não aproveitam, em pura perda (porque apenas interessa a liquidez da renda) constituem dados de uma procura real que, monetariamente, não pode alcançar as condições da oferta do sector privado mesmo se menos especulativo é, numericamente, esmagado a oferta do sector público mesmo se esta deixar de vir a conta-gotas. Já noutras ocasiões justifiquei o pessimismo desta afirmação — perante as possibilidades reais, em face da estrutura da nossa economia, das prioridades de investimento e da própria viscosidade administrativa não se podem propor, de ânimo leve, grandes programas de realizações difíceis de cumprir e mais ainda de pagar (quer pelo Estado quer depois pelos utentes sob a forma das mensalidades).

De facto, mesmo que se pudesse cumprir um plano de eliminação do défice, por exemplo, em 18 anos, não podemos desconhecer que a maior parte desse défice existe já e que a necessidade de uma qualquer instalação foi, é e será inadiável; não tendo condições de solvência monetária terão de fugir ao mecanismo lucrativo legalizado e, como alternativa, procurar sempre soluções «à margem».

Dai que considere que, quando se fala em repressão destas formas clandestinas de instalação e se pretende acelerar a sua substituição se escolhe uma estratégia de aversão ao desconhecer a força numérica e a fraqueza monetária da procura que essa massa suburbanizada representa. (2)

## A ALTERNATIVA REALISTA

Qual pode ser, então, a estratégia alternativa que para o ser efectivamente teria que atingir, logo de início, o maior número e em condições competitivas com as formas marginais, se possível ainda mais favoráveis? Não vejo outra, para já, senão a ajuda institucional à iniciativa popular, ou seja oferecer (em vez de reprimir) através de operações em extensão e evolutivas (em vez de integralmente executadas mas fixas e frágeis poucos). A viabilidade desta alternativa depende agora mu...

Cont. na pág. 8

## Os passos perdidos

A Comissão de Bragadas fundou-se em 1963 e foi batendo à porta da Câmara Municipal, ano após ano. Vale a pena referenciar os passos perdidos, nessa caminhada quase inútil para os Paços do Concelho de Vila Franca de Xira. Uma vez conseguiram um depósito de ferro oxidado outra vez promessas. Muitas vezes promessas. Quase todas as vezes promessas.

1963 — Apareceram os primeiros moradores do bairro. Três deles agruparam-se para a solução dos problemas que iam surgindo, como abrir ruas, bomba no poço para fornecimento de água, etc.

1964 (19/12/64) — Realizou-se a primeira reunião com elaboração de acta e organizou-se a comissão.

1965 (12/11/65) — A comissão responsabiliza-se pelo pagamento do levantamento topográfico pedido pela câmara que efectivamente foi pago por toda a população.

Janeiro a Maio — Realizam-se 6 reuniões para discutir problemas.

3/5/65 — EXPOSIÇÃO AO PRESIDENTE DA CÂMARA PELAS COMISSÕES DE BRAGADAS E QUINTAIS EM QUE SE PEDIA:

— O estudo urbanístico pelo Gabinete de Urbanização da Câmara oferecendo a população a colaboração necessária e possível.

— Anexa a essa exposição enviaram o levantamento topográfico. A Câmara Municipal não acusou a recepção dos dois documentos.

De Maio a Setembro — Diversas reuniões da comissão em que se debateram novamente problemas de saneamento e racionalização de água por já ser muito insuficiente para a população.

Setembro de 1965 a Maio de 1967 — Não se realizaram reuniões. A comissão onde se reflectiam alguns dos interesses de membros do grupo resol-

vem reunir-se quando houvesse problemas a tratar.

1967 (27/8/67) — Exposição da Comissão de Bragadas, ao Presidente da Câmara pedido para o abastecimento de água ser feito por um autotanque da Câmara, uma vez que a água do poço já era insuficiente. (Este pedido foi deferido. A partir desta data a água passou a ser fornecida pela Câmara).

15/10/67 — Exposição aos Serviços Municipalizados pedindo um estudo de possibilidade de construção de um depósito de água provisório, de forma a evitar que o autotanque perdesse tanto tempo ao fornecer directamente água aos habitantes. Em resposta a Câmara colocou no bairro um depósito de ferro, talvez novo na altura, mas hoje velho e ferrugento.

1968 — EXPOSIÇÃO AO PRESIDENTE DA CÂMARA pedindo os materiais de construção para um depósito definitivo de forma a poder ser aproveitado quando da instalação da rede de água. A população oferecia para esse fim o seu trabalho. O Presidente não concordou.

Até 1970 não houve reuniões apesar de a comissão contar desde 1968 com o apoio dos Serviços de Promoção Social da Direcção-Geral de Assistência. A justificação dada para a inactividade da comissão foi a de que o Presidente da Câmara achava que não se devia fazer qualquer benefício no bairro enquanto o plano de urbanização não fosse aprovado.

1970 (2/5/70) — EXPOSIÇÃO AOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS propondo duas hipóteses de solução para o problema da água: Uma que fosse fornecida pelo concelho de Loures, se possível, e outra a construção do depósito definitivo com uma capacidade de 25 000 a 30 000 litros e que provisoriamente podia ser abastecido pelo autotanque da Câmara.

Num contrato posterior (12-5-70) da comissão com o eng.º Costa Ferreira daquele serviço soube-se da viabilidade da segunda hipótese, prometendo este funcionário propor na sessão da Câmara a aprovação duma verba para o custo do material. Nunca a comissão, até agora, foi informada, do resultado da proposta.

2/5/70 — Exposição aos Serviços da C. R. G. E. pedindo: — Orçamento de instalação eléctrica no bairro, enviando anexo a lista dos moradores interessados. Os moradores comprometiam-se a pagar a parte competente à Câmara.

2/7/70 — Em sequência do problema escolar (transporte de cerca de 80 crianças de Bragadas e Quintais para a Póvoa de Santa Iria) realizou-se um contacto com uma empresa para sondar a possibilidade de ela assegurar o transporte diário dessas crianças. A empresa enviou uma resposta negativa.

7/7/70 — Contacto da Comissão com o Engenheiro Escarpeira, responsável pelo estudo das infra-estruturas para pedir um estudo de localização do depósito de água.

Este técnico visitou posteriormente o bairro. Quanto ao estudo a comissão não teve qualquer informação.

7/7/70 — Contacto da comissão com o Eng.º Álvaro Serra, da Direcção-Geral de Urbanização para pedir informação sobre o andamento do plano.

Este técnico informou que o plano já tinha sido enviado ao ministro para despacho.

29/7/70 — Nesta reunião combinou-se enviar à C. R. G. E. uma fotocópia da planta do bairro segundo o pedido daquela companhia.

12/8/70 — O Presidente da Câmara deslocou-se ao bairro e fez sobressair alguns factos:

— Pediu a colaboração do bairro no que respeita à contribuição monetária para o centro de urbanização. — Chamou à responsabilidade a comissão no sentido de evitar novas construções clandestinas.

— Pediu a colaboração do bairro

## Clandestinos

Cont. da pág. 7

nhelo e mais de capacidade de decisão administrativa e técnica: consiste numa imediata e larga oferta de solo com infra-estruturas (substituindo o loteador clandestino em melhores condições de localização e preço) que apenas terá de obedecer a uma condição — a de ter por detrás um forte esquema mínimo de objectivos: para o transporte popular (metro, comboio e autocarros), as áreas preferenciais de trabalho e os pólos de equipamento escolar e sócio-cultural. Esquema esse lançado à escala da cidade-região que sirva de estrutura mínima a uma cidade que se irá fazendo sem forma pré-determinada, melhorando e reajustando-se à melhoria das condições económicas e humanas (porque prevista desde o início com essa possibilidade, insisto). E não será pior do que o que se passa actualmente com «planos» a mais e «planeamento» a menos.

Há alguns meses atrás, um programa deste tipo não seria exequível (ou teria de dar outras voltas); agora, parece haver um instrumento decisivo — a nova legislação sobre solos urbanizáveis — que pode ser usado prioritariamente em extensão para integrar na rede urbana os mais chandicados como indíci de inclinação, ou, ao contrário, se se seguir a rotina técnico-administrativa, apenas para fazer uns bairros sociais pagando o terreno mais barato... É evidente que, na concepção de urbanismo com que iniciel este artigo, o simples aparecimento da nova legislação provoca ne-

cessariamente um processo imediato de revisão dos planos de urbanização e a mudança de tática dos corpos técnicos e dos administradores camarários. Antes que se faça tarde e os atentos promotores refaçam suas defesas.

(2) Para cidades latino-americanas contou J. Turber, um dos melhores especialistas neste domínio, que o total dos investimentos dos clandestinos ultrapassou sistematicamente o investimento do sector público em bairros sociais e não tem comparação o número de famílias abrigadas num e noutro dos sectores.

(3) Ouvesse dizer com frequência, agora também num repetido anúncio da TV que o problema da habitação existe porque o afluxo à cidade provoca a falta de casas, logo resolvia-se construindo muitas mais casas. Também os industriais reduzem o problema a este aspecto quantitativo, afirmando alguns deles, em consequência, estar na pré-fabricação a resposta a esta carência na medida em que nas condições actuais de mão-de-obra pode produzir mais casas em menos tempo. Ora quem queira ver todo o problema não pode deixar de constatar que antes, há é falta de rendas justas e falta de recursos familiares capazes de amortizar os custos (crescentes) da construção. O que complica um pouco o nosso problema sobretudo se se puser em dúvida que seja a habitação um sector prioritário nos escassos investimentos sociais públicos, e se não desejar que o chamarriz à casa venha a ser novo factor de pauperização relativa...

## Bragadas

Cont. da pág. 7

fogo) e a renda na altura era em média inferior a 400 escudos (381 escudos de renda média). Ainda assim, comparando estas às do bairro da lata da Azinhaga da Póvoa, às Galinheiras (200 escu-

dos) ou às da Curraleira (10 por cento das casas inquiridas numa reportagem-inquérito pagavam entre 200 e 700 escudos de renda), é-se obrigado a preferir, especulação por especulação, as do Casal dos Quintais.

### HABITAÇÕES EM QUINTAIS E BRAGADAS (Dados de 1968)

|                                                                              | Quintais             | Bragadas              |
|------------------------------------------------------------------------------|----------------------|-----------------------|
| Total de prédios .....                                                       | 29                   | 108                   |
| Fogos .....                                                                  | 43                   | 165                   |
| Prédios considerados pela Câmara M. de V. Franca de Xira em bom estado ..... | 75 %                 | 57 %                  |
| Famílias/Fogos .....                                                         | 45/43                | 131/165               |
| Habitações próprias .....                                                    | 30 %                 | 55 %                  |
| Habitação alugada .....                                                      | 67 %                 | 25 %                  |
| Casas com casas de banho .....                                               | 40 %                 | 44 %                  |
| Casas com cozinha .....                                                      | 100 %                | 71 %                  |
| Média de quartos por fogo .....                                              | 75/43=1,74           | 1,24                  |
| Superfície construída .....                                                  | 2.104 m <sup>2</sup> | 17.554 m <sup>2</sup> |

O preenchimento das zonas verdes era assunto «tabu». Quando o repórter, na sua ingenuidade pôs o problema natural

de conhecer o nome dum dono dum prédio de 2 pisos (em breve três) e doze fogos na zona considerada verde pelo antepiano teve a surpresa de o saber incógnito. Depois de um certo debate, um dos elementos da comissão, de acordo com todos, afirmou, pura e simplesmente:

— As pessoas que preenchem os espaços livres foram avisadas e não atenderam ninguém, continuando a construir.

Sobre os principais construtores soubemos que José Pinheiro Fernandes tem 18 fogos. Este proprietário, ou quem ele representa, ocupou a chamada «zona verde» de Bragadas prevista no actual antepiano, com um prédio de 12 fogos e 2 pisos com possibilidade de subir. Artur Pombinho é um dos principais proprietários em Quintais e operário especializado na Soda Póvoa.

— Tenho dez fogos em Quintais — afirmou-nos Artur Pombinho. — Ocupo a zona verde porque na altura não tinha conhecimento do antepiano.

O problema da ocupação das zonas verdes realizado pelos principais proprietários de terrenos só é importante porque prejudicou a legalização do antepiano. Por outro lado a ocupação põe claramente a questão de os antepianos poderem transformar-se nos casos dos bairros clandestinos em esquemas rapidamente ultrapassáveis pela realidade de construção.

Na conversa havida em Bragadas, registámos os depoimentos, de mais alguns habitantes.

Américo Marujo é um inquilino, varredor da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira:

— Pago 500 escudos de renda de casa, para quatro assalariadas. Tenho oito filhos e noutro local nem com três contos conseguia uma casa em condições. A água e a escola é aquilo de que necessitávamos com urgência. É só olhar a cara dos meus garotos. Há tanta guerra por causa da água... que leva o povo deste bairro ao desespero constante.

— Mas espera uma solução rápida? — Estas coisas têm de dar muitas voltas. Mas depois da água, queria a escola e primeiro a escola do que a igreja. Dou dois dias de trabalho para a escola — disse-nos, a concluir, o sr. Marujo.

Quanto ao problema da água, Joaquim Boavida quis afirmar:

— A Câmara encheu o depósito na quinta-feira (era domingo), e até hoje nunca mais. Isto está tão mau que os bombeiros se recusam a vir cá. Pedimos resíduos à Soda Póvoa mas a Câmara não



«O Brasileiro»

autorizou que espalhassem esses resíduos na estrada.

Uma questão final surgiu em Bragadas. Uma questão legítima, por parte de quem não especula, mas de quem paga sãs, das casas por ele construídas:

— Se nós damos o trabalho e estamos dispostos a dar dinheiro, porque é que, a Câmara não nos permite viver?

A Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, ignorando, adiante, a resolução de situações emergentes não resolve o problema. Abre caminho à acção dos verdadeiros especuladores, dos que já não farão as casas para si próprios. Dos que comprarão lotes e lotes, para explorar os que não querem viver mais em bairro de lata ou em quarto alugado.

JOSÉ JOÃO LOURO



JOAQUIM BOAVIDA



JOSÉ PINHEIRO

# Assalariadas domésticas: situação a rever

HELENA NEVES

Embora no conjunto da população activa mundial, o peso das assalariadas domésticas seja pouco significativo, nos países de menor desenvolvimento constituem ainda uma camada que a nível social é apreciável, cuja promoção social é sistematicamente ignorada.

Considerando esta ausência de protecção jurídica e social, da Conferência Internacional de Trabalho, reunida em 1965, saiu a resolução de estudar a situação das assalariadas domésticas no Mundo. Assim o BIT elaborou um questionário, distribuído em 1967 pelos Governos dos Estados Membros e em meados de 1969, 58 dos Estados inquiridos entregavam os resultados da pesquisa efectuada.

### DISTRIBUIÇÃO DO SERVIÇO DOMÉSTICO NO MUNDO

Segundo as conclusões da pesquisa dirigida pelo BIT, existem diferenças nítidas na distribuição do pessoal doméstico entre os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos e entre os países socialistas e os não socialistas. Acontece que nos países da Europa Ocidental e da América do Norte, o emprego doméstico atinge um nível médio com tendência a decair; nível baixo mas estável na Austrália e Nova Zelândia, «quantitativamente indeterminado» mas abrangendo vasto grupo em países em vias de desenvolvimento da Ásia, América Latina e África, enquanto nos países socialistas da Europa do Leste, este tipo de serviço diminuiu bastante, sendo «activamente desaconselhado».

A forte proporção de trabalhadores neste sector é do sexo feminino, mas em alguns países avolumam-se os efectivos masculinos; constituídos essencialmente por mão-de-obra estrangeira. É o caso de numerosos emigrantes na Suíça. Nos países de menor desenvolvimento, avulta um predomínio acentuado de elementos jovens, mais re-

ceptivos e indefesos à exploração e ignorantes dos seus legítimos direitos.

### FORMAÇÃO PROFISSIONAL: QUESTÃO CONTROVERSA

Uma formação profissional organizada é pouco frequente, principalmente a nível oficial e os estabelecimentos privados, além de não estabelecerem obrigatoriedade de frequência, têm sobretudo fins lucrativos. Nalguns países de escolaridade obrigatória, as escolas ensinam vagas noções de economia doméstica. Isto e os conselhos das mães, é tudo o que «arma» a futura empregada doméstica.

Independentemente da análise dos moldes adequados desta formação profissional, a questão revela-se controversa: Segundo as concepções consideradas mais evoluídas, deve existir toda uma orientação que afaste os jovens das profissões domésticas, pouco produtivas no conjunto da actividade económica ou social, e portanto, a formação profissional neste sector não será prioritária; outros advogam a necessidade de uma especialização como factor de prestígio social para a profissão. Também existe divergência na qualificação a conceder ao serviço doméstico: nos países mais desenvolvidos, este trabalho é considerado pouco qualificado.

Alheando-nos do conjunto destas opiniões, um facto resalta, como se prova pela pesquisa efectuada nos 68 países: o assalariado doméstico é uma espécie de «homem dos sete ofícios», não se lhe exigindo nenhuma especialização num único ramo: entregue aos cuidados da cozinha, limpeza, roupas, crianças, terá de fazer tudo bem... Embora nos países socialistas, se assista a uma especialização dos serviços domésticos, isto ocorre a níveis não privados: empregados de lavanderia, cantina, creches, apelchados de noções técnicas de tra-

tamento de roupas, dieta, pedagogia etc. Mas até que ponto este pessoal é abrangido pelo conceito de «domésticos»?

### CONDIÇÕES DE EMPREGO

O recrutamento é feito mediante contactos privados ou através de agências, cujos objectivos comerciais não possibilitam uma fundamentação legal do salário mínimo a partir do mínimo nacional.

No entanto, quase sempre o salário é estipulado por acordo oral entre ambas as partes, oscilando segundo

quer dos casos, os empregados oficialmente não declarados ou registados, (maioria dos que vivem em regime de alojamento em casa do patrão), e os sujeitos a tempo parcial, são sempre excluídos. Quanto à protecção salarial, acontece ser feita por via legislativa e em reduzido número de países africanos existe uma fundamentação legal do salário mínimo a partir do mínimo nacional.

Em alguns países, é obrigatória a efectivação do



O contraditório mundo das empregadas domésticas

contrato por escrito, outros dispensam-no claramente. Quando o contrato é estabelecido por escrito, regulamentando a data de entrada em serviço, o horário, a remuneração, em caso de rescisão, há a vantagem de recurso a tribunal.

Na República Federal da Alemanha e na Suíça, as condições de emprego são fixadas por lei ou pela via de acordos colectivos, noutros países, o Código de Trabalho incluiu algumas disposições especiais referentes ao empregado doméstico. Em qual-

a relação oferta-procura. Daí deriva uma grande variedade na remuneração a nível regional e por grupos de idade, sucedendo que os mais jovens são sub-remunerados.

### HORÁRIOS, TEMPOS LIVRES E FÉRIAS

Em quase todo o Mundo este tipo de assalariados trabalha a tempo inteiro e frequentemente sem limitação de horas suplementares como é o caso dos alojados nos lares privados que servem. Mesmo nos países em que a regulamentação se faz por contrato ou via legislativa a duração de trabalho é bem mais longa do que noutros ramos de actividade, não se estabelecendo, quase nunca, os períodos de repouso quotidiano. O descanso semanal permanece apenas de 24 horas e, em raros países, o direito a férias pagas abrange um período inferior (1 a 3 semanas) à média dos outros sectores activos. Só 1/3 dos países inquiridos reconhecia o direito a dias feriados oficiais, religiosos e civis. Em alguns países, se um certo tempo de serviço tiver sido prestado, em caso de doença, a lei garante o pagamento de salário por prazo determinado. A desprotecção generalizada à maternidade e gravidez deste sector de

assalariados, tem, raras excepções no Mundo. Quanto muito, é passível de recurso ao tribunal, o despedimento no período pré-natal.

### SEGURANÇA SOCIAL: AUSÊNCIA QUASE TOTAL

Em dois terços do conjunto de países inquiridos, a prestação de serviços sociais e o seguro, não são regulamentados. Exceptuam-se a existência de algumas disposições particulares em caso de acidentes de trabalho. As prestações a longo termo, em caso de velhice, invalidez ou impossibilidade do chefe de família são objecto de ausência de preocupações. Os assalariados a tempo parcial estão excluídos de qualquer tipo de segurança social. Os outros, salvo as manchas pouco marcantes de alguns países constituem, no mapa do Mundo do trabalho, uma das camadas mais desprotegidas. Em Portugal quantas mulheres velhas arrastam miséria sem acesso à reforma, depois de anos, sem vida própria, sem tempo para viver, servindo afo-

jadas até que a decrepitude as torna não «aptas»?

Vindas em contingentes das famílias mais pobres do meio rural, munidas de uma instrução rudimentar, sem qualquer formação profissional, desde crianças sujeitas a um trabalho duro, isoladas, fechadas. Quantas empregadas domésticas existem ainda, nestas condições em Portugal? Dispersas por aí (dispersão que a natureza privada do emprego favorece) ignoram-se e ignoram os direitos que lhes cabem como pessoas humanas e como trabalhadoras. Trabalhadoras apenas de uma fase transitória de desenvolvimento, trabalhadoras cujo trabalho numa perspectiva histórica média tende a desaparecer. Mas neste momento, elas existem e permanecem não sindicalizadas, não reconhecidas à face da lei. E não é possível que se continuem a ignorar os seus problemas. Numa revista do BIT em que se analisava o assunto, «esta categoria de trabalhadoras me-e-a que a consciência pública não fique indiferente à sua sorte». No entanto, a nós parece-nos que a questão não se resolve a nível de consciência pública.

## SENSACIONAL

Vá a Madrid, na Páscoa, OFERTA JOVICA, 30 Viagens (15 prémios iguais para 2 pessoas) 5 dias, viagem em auto-pluma de luxo, Hotel de 1.ª, visita à cidade e Vale dos Caídos, etc. Sorteio a realizar em 27/3/71, autorizado pelo Ex.º Sr. Governador Civil de Lisboa. E na altura da compra recebe logo o RND DE JOVICA para todos os clientes

## TELEVISORES

Desde 100\$00 Mensais, oferta da antena para os dois programas

## FRIGORÍFICOS

Desde 100\$00 Mensais

## ESQUENTADORES

Desde 100\$00 Mensais

## MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA

Desde 150\$00 Mensais

## MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA

Desde 150\$00 Mensais

## SEM ENTRADA FIADOR

## JOVICA

LISBOA: Largo D.ª Estefânia, 12-D  
Telef. 53 45 36  
Avenida 5 de Outubro, 53-C  
Telef. 4 77 69

FILIAIS: CACÉM — SINTRA — CASCAIS  
VENDA NOVA

## APOSTAMOS CONSIGO...

Foi pensando em si que melhorámos O SEculo ILUSTRADO e o apresentamos agora novinho em folha, com mais páginas, todas impressas em papel «couché». Quando vir e ler O NOVO SEculo ILUSTRADO, você estará mais perto do acontecimento, da actualidade viva, que só a fidelidade de reprodução aliada ao bom papel e às reportagens oportunas lhe poderão transmitir. Apostamos consigo em como estamos a oferecer-lhe, todos os sábados, momentos agradáveis que valem muito mais do que 7\$50.

tem  
a  
palavra  
o leitor

## Para lá dos exames...

Subordinado, é epigrafe do comentário ao artigo de Ersílio Cardoso: Exames — supressão ou aproveitamento? (publicado nos dois últimos números do suplemento Mesa-Redonda) foi-nos enviado pelo nosso leitor António Miguel Silva Avelãs, de Lisboa, o texto que a seguir reproduzimos:

«Este ano os exames acordaram» (nos) mais cedo. Anteciparam a sua subida à cena, a (já) crônica e imprescindível subida anual...

Comecarei por afirmar que estou de acordo com o que nos veio dizer (relembra, re...) o sr. Ersílio Cardoso. Só que me parece haver uma perspectiva de aná-

lise que terá sido (creio) algo descurada: a inserção deste flagelo (os exames) num flagelo-obsessão, mais amplo, mais englobante, que se espalha sobre nós: O INDIVIDUALISMO EXALTADO, E... EXALTADO, ESTIMULADO, ETC., ETC., ETC.

Nesse campo, os exames integram-se bem, muito bem mesmo, nesta triste luta desenfreada por um lugar ao sol: (neste caso) lugar pelo quadro de honra (?), pelos prémios «escolares», pelas «bolsas», pela SUPER-AFIRMAÇÃO do EU como superior, como «o melhor», o herói. E se esta escalada for acompanhada da «destruição» dos outros...

quão mais heróica será a vitória!

Assim considerados, talvez os exames ganhem «sentido» nesta sociedade; os exames, a luta pela nota, são apenas um aspecto da «concorrência» a que aceitamos (?) submeter-nos. Talvez isso explique porque, apesar de desmascarado, há quase 100 anos — como bem nota o sr. E. C. —, eles continuam, com toda a sua gama de estupidez e ridículo, persistem, persistem... e persistirão (?)

Certamente eles têm bom lugar num sistema de «concorrência» de afirmação (quase feroz) da SUPERIORIDADE DO EU-INDIVÍDUO. Daqui resulta que...

supressão dos exames — só por si — pode nada significar numa sólida reforma do ensino. O mesmo se diga do seu «aproveitamento» (com maior razão ainda...).

Evidentemente, preciso a sua abolição, mas (parece-me) o que deve, de facto, ser abolido é este processo de «luta» pela «superioridade», de que os exames são (no ensino) apenas um exemplo.

Pode acabar-se com os exames, sendo este espírito ainda mais exacerbado, e enquanto tal realidade se mantiver, creio difícil qualquer válida transformação da estrutura do ensino — independentemente de todas as reformas — oportu-

nas e inoportunas — que possam ser «inventadas».

Mais que abolir os exames é necessário combater esta mentalidade, o que não me parece estar a ser tentado. Pelo contrário.

Talvez que este «espírito» ajude a explicar as hesitações do sr. E. C. sobre os «objectivos da educação» — objectivos que podem, perfeitamente, permanecer... sem exames.

De resto, o artigo em questão não «sugere» qual a solução no caso de os exames serem abolidos; da sua leitura ressalta que o sistema de

exames seria o ideal, se fosse possível evitar toda a subjectividade e contingência em que o actual sistema incorre. Ora é isso que me leva a discordar do conteúdo global deste artigo.

Sou pela «supressão dos exames», mas não só, nem principalmente, pelas razões que o articulista aponta: «imperfeição de provas», «subjectividade da apreciação», «problemas de higiene mental», etc. Sou contra os exames porque sou contra qualquer método que sobreleve o espírito de competição e concorrência à cooperação humana.

## ao acaso da rua

Cont. da pág. 9

ma, nada. Porque não nos haviamos de sindicalizar? O mal é que só nos encontramos ao domingo, e somos poucas (só conheço três criadas na zona), e a folga é para namorar. Mas às vezes falamos.

Ilda dos Anjos, outra assalariada doméstica, viúva com quatro filhos e uma vida difícil. Também desenraizada. Tam-



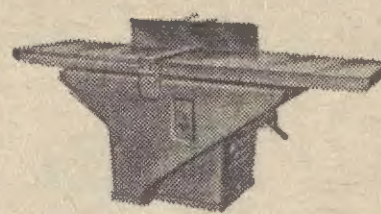
bém de longe. Guarda nas falas, o sotaque transmontano: — Trabalho a dias mas o dinheiro é pouco. Se estou doente, não tenho Caixa e ninguém me ganha para os meus filhos. Sem o agasalho de um homem (enviei-o cedo), com as crianças e sem reforma, como a ir para a idade, não sei o que será... O tempo e Deus o dirão.

## COMISMAR

COMISSARIOS DE AVARIAS PERITOS DE NAVIOS RECOLHA DE AMOSTRAS PREVENÇÃO DE SINISTRALIDADE

R. DO ARSENAL, 148, 4.º, DT.º Tel. 328511/368896

## «MIDA»



GARLOPA Mod. GA

Fábrica: — TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA: AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MAQUINAS PARA AS INDUSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

lemos  
para si

Pela Editorial Inova, do Porto foi publicado, a título póstumo, o primeiro volume das obras de Mário Sacramento.

O livro a que especialmente nos queremos referir é «Fratria — Diá-

## Política do Vaticano

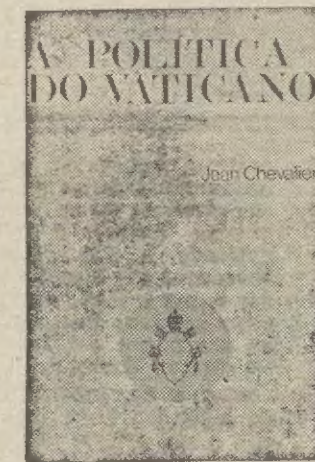
Quinhentos e trinta milhões de baptizados católicos, 1 milhão de religiosos, 400 000 seculares padres, 3 000 cardeais e bispos — residenciais ou titulares — eis um império chamado Igreja Católica Apostólica Romana (sede em Roma, Cidade do Vaticano, Itália, Europa).

Este império tem uma diplomacia. Há Nunciaturas em toda a Europa Ocidental e Central, em toda a América, Latina (excepto no México), doze na África e uma nas Filipinas. As delegações apostólicas estendem-se a toda a América do Norte (Canadá, Estados Unidos e México), por toda a Europa do Norte, por quase toda a África, pela Ásia

do Sudeste e pela Coreia e pela Oceania. Há inter-núncios na África, (Etiópia e RAU) na Ásia, na Turquia, na Síria, no Líbano, no Irão, no Paquistão, na Índia, na Indonésia e no Japão. Na sessão inaugural do Concílio Vaticano II estiveram representados 79 Estados e 7 organizações internacionais.

A política e a diplomacia do Vaticano, são o tema de «A Política do Vaticano», de Jean Chevalier, agora editado pela Inicia.

Quatro capítulos recolhem elementos para uma história da diplomacia da Santa Sé, o pequeno Estado de 900 habitantes que administra a Igreja Católica. A discutidíssima política de Pio XII du-



rante a II Guerra Mundial e a construção da paz do pós-guerra, que culminam com o «aggiornamento», dialogante de Vaticano II, são talvez as maiores tarefas da Igreja perante a revolução no Terceiro Mundo (e no Primeiro).

Por semelhante «pecado» foi o autor de «Ensalos de Domingo», criticado em certos meios. Na verdade, valeria a pena «perder tempo» numa espécie de diálogo de surdos, em ambiente tão il-

mitado como a típica cidade de província portuguesa? «A verdade porém é que eu sou — ou quero ser — um intelectual de base, um adversário intransigente do vedetismo e do culto da «personalidade» carreirista, um professor primário do pensamento e da acção. A micropalpação de Aveiro é um facto: a sua vida cultural é nula. (...) Mas não quero figurar no who's who, — sequer no de cá... Pretendo, sim, ser cidadão no canto que me coube — fosse este ou outro. E por ele me irei gastando, a puxar a si-ga...» — justificou-se Mário Sacramento.

Ser cidadão digno do canto que lhe coube e respeitar — lutando por um mundo melhor — as necessidades e direitos humanos do povo que compartilha esse canto foi lema na vida do autor de «Bca de Queirós, uma estética da ironia». Nesta base se compreende o diálogo essencialmente travado nas columnas do semanário «Litoral» e no qual intervieram, como dialogantes, os católicos Filipe Rocha (padre) e dr. Mário da Rocha, além do jovem Aníbal Regala. Materialista dialéctico, Mário Sacramento não podia desconhecer a evidência e importância do catolicismo em Portugal. Negá-lo não seria dialéctico. Pô-lo em causa como catolicismo, à luz do Con-

cílio Vaticano II, era tarefa atraente que permitia — como permitiu, apesar de tudo — levantar em parte o véu que vinha encobrindo a problemática aguda do povo português. «O diálogo não é impossível nem indesejável entre nós, o que está é imaturo ainda» — afirmou. E se o fosse, «o Concílio Vaticano II teria ficado encaixado na nossa fronteira» e que seria feito da unidade da Igreja? É assim impossível que a única atitude praticável seja a de regatearmos a caridade. E o diálogo é o mínimo que podemos fazer pelo bem dos outros. Diálogo directo ou indirecto, é-me indiferente. Mas diálogo, em qualquer caso: isto é, boa vontade activa».

De qualquer modo, e a um nível mais profundo, interessava-lhe levantar o problema — ou querela — entre a religião e a ciência; ou a da atitude da Igreja, perante a realidade avassaladora do futuro do mundo, assente em bases científicas. Tudo isto sem esquecer que «as transformações sociais de cada povo são um problema interno seu. E a filosofia que a uns ou outros caiba não pode nem deve influir na especificidade que cada país implica. Também ser católico não obriga a uma hipótese política, embora haja, ainda, quem fo-gue nisso. Podendo afir-



mar-se sem receio de erro, que há hoje tantos matizes, ao nível social, do catolicismo como do materialismo dialéctico. O que, tudo somado, só pode significar que vivemos numa época de grandes transformações qualitativas, a que é preciso estar atento».

Inteligência acima do dogma, para M. Sacramento não bastava negar. Negar ou contestar é um acto de crítica activa, construindo. Estar atento às coisas grandes e pequenas é estar atento à própria vida. O diálogo de província reunido neste volume de 270 páginas é um exemplo construtivo do que pode a inteligência, a perspicácia, o amor pelas coisas do povo, a compreensão justa do fenómeno social em que vivemos.

## CORRIGENDA

## Beethoven, homem político

O artigo de Mário Vieira de Carvalho intitulado Beethoven: se soubessem o que ele pensa na sua música... publicado na «Mesa-Redonda» de 18 de Dezembro p. p., apareceu com alguns lapsos tipográficos que tornam ininteligível uma parte do texto relativo ao Homem Político, a qual deve ler-se como segue:

De resto, a personalidade de Napoleão só atraiu Beethoven enquanto se identificou real ou aparentemente com os ideais revolucionários. O facto de Beethoven ter rasgado a primeira página da «Sinfonia Bonaparte» (depois «Heróica») quando soube que Napoleão se fizera coroar imperador, que outra coisa pode significar senão a segurança

das suas convicções políticas (expressa, aliás, no comentário: agora «vai tornar-se um tirano igual aos outros e calcar a pés os direitos humanos») De pouco antes data uma carta escrita aos editores em que, respondendo irónicamente à proposta de compor uma sonata revolucionária, esboça já uma crítica a Bonaparte: «Será que o diabo, senhores, anda a tentá-los a todos? Virem-me agora com a ideia de uma tal sonata? — No tempo da febre revolucionária, muito bem — estaria disposto a isso, mas agora... agora que toda a gente procura acomodar-se de novo aos velhos hábitos, agora que Bonaparte assinou uma concordata com o Papa — uma tal sonata? — Ainda se fosse uma «Missa pro Sancta Maria a tre voces», ou umas «Vésperas» — então, sim, metia logo mãos à obra — e não seria preciso muito tempo para escrever, com grandes notas quadradas um «Credo in Unum»; mas, Deus meu! uma tal sonata — nos tempos que vão correndo, nestes novos tempos cristãos — Oh! Oh! — não pensem nisso — nada feito (...). O que têm a fazer é expedir para todo o universo o meu sermão: é dele que o vulgo está à espera; além disso, bem sabem que é dedicado à imperatriz — e a canalha onde se sente bem é na cidade e na corte imperial».

Os cadernos de conversação (nos quais, devido à surdez Beethoven, os seus interlocutores escreviam o que diziam quan-

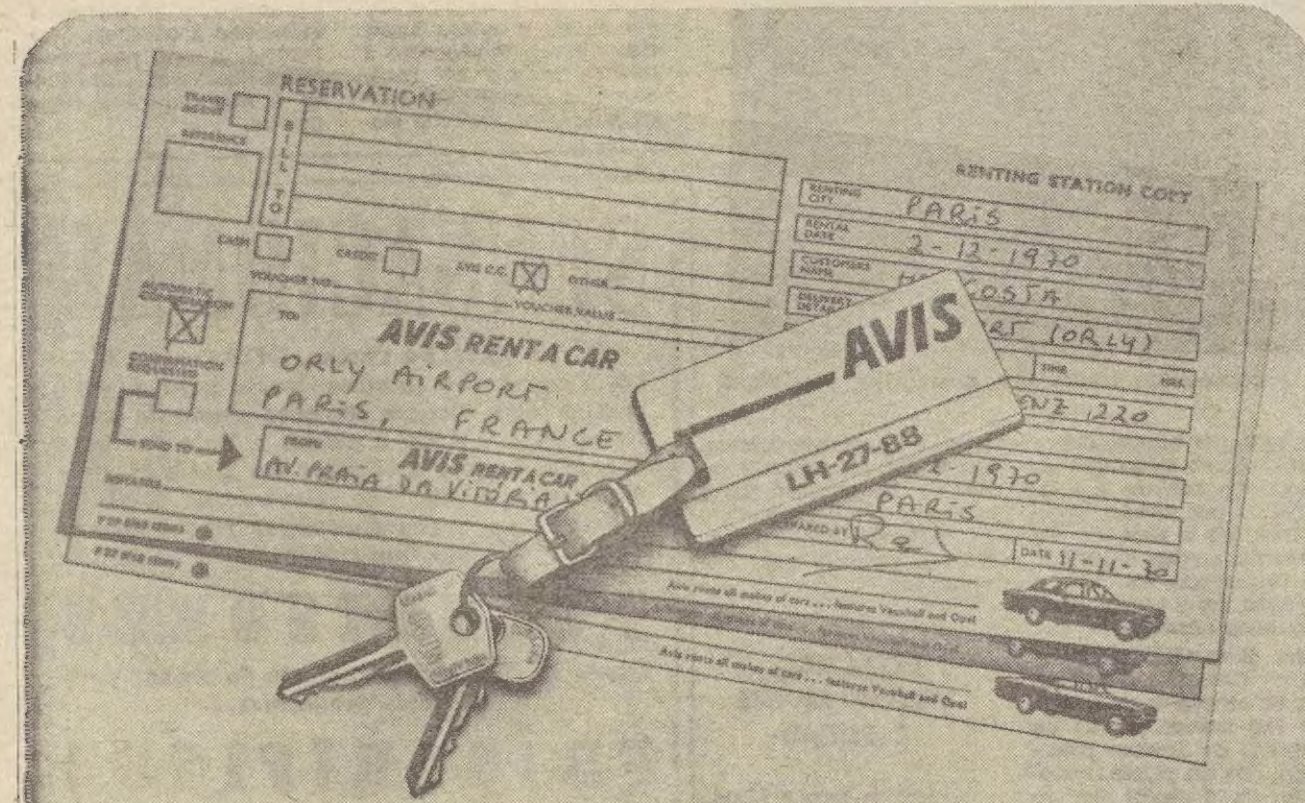
do conversavam com ele) são extremamente elucidativos a este respeito: depois da música o tema que mais ocupa Beethoven é a política. E também aqui se percebe que é ele sempre o principal animador das conversas e quase sempre aquele que parece colocar-se nas posições mais avançadas (deduzidas indirectamente das afirmações dos interlocutores). Cerca de 1819, locutores). Cerca de 1819, ao tempo da promulgação das Ordenações de Karlsbad, através das quais Metternich espera liquidar com a ajuda de Deus a Revolução alemã (fortalecendo o poder absoluto do imperador e anulando todas as medidas que tendiam para uma ordem de tipo constitucional; reforçando a censura de todos os escritos; estabelecendo medidas severas de prisão e trabalhos forçados a aplicar a indivíduos conhecidos pelas suas ideias republicanas; elaborando listas negras de suspeitos e expulsando-os do exercício de funções públicas e dos estabelecimentos de ensino; etc.) reuniam-se em casa de Beethoven algumas das mais representativas figuras de Viena ligadas pelas mesmas convicções liberais e progressistas. Toda a actualidade política era ali discutida: a democracia inglesa, as sublevações liberais em Espanha, a insurreição italiana, os movimentos de independência da América Latina, a luta dos gregos pela libertação do jugo turco, a oposição do povo francês à restauração dos Bourbons.

## Profissionais de Panificação

Assinada por trinta e seis operários da indústria de panificação, recebemos uma carta, dirigida à Redacção, do teor seguinte:

«Um grupo de operários da Indústria de Panificação, abaixo assinados, enviam cumprimentos de Boas Festas ao Corpo Redactorial do «Diário de Lisboa» e agradecem o interesse carinhoso com que os seus assuntos de classe têm sido tratados no Jornal e no suplemento «Mesa-Redonda».

## Ao descer no aeroporto... um automóvel às suas ordens!



AVIS

Nada mais triste do que, ao chegarmos a uma terra estranha, encontrarmos-nos sòzinhos num aeroporto.

Um aeroporto é frio, impessoal, quase agressivo nos seus enormes espaços e corredores.

Por isso é muito agradável ouvir: «Mr. Costa e Sousa? Aqui estão as chaves do seu carro — e boa viagem!»

E aí está você já bem disposto, com um carro garantido nas mãos, para se desvencilhar no trânsito de um país estrangeiro (mas você guia bem e é descontrado)...

Mesmo que se trate de uma viagem de negócios a aventura começa. Uma aventura bem encaminhada e agradável que acabará sempre bem, porque uma grande companhia, a AVIS, vela por si. E para isso basta telefonar-nos.

ALUGAMOS AUTOMÓVEIS

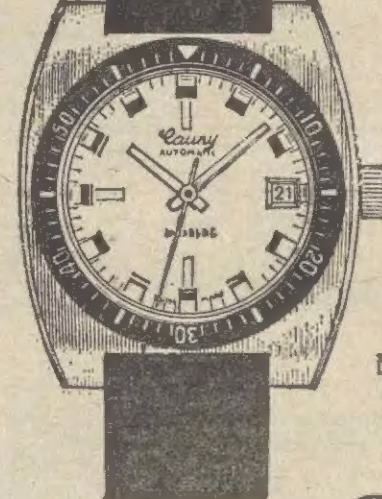
C. SANTOS S.A.R.L.

Lisboa - Av. Praia da Vitória, 12-C - Tel. 561177  
Porto - R. de Santa Catarina, 180 - Tel. 37971  
Faro - R. Horta Machado, 42 - Tel. 24538  
Praia da Rocha-Gal. Ext. Hotel Júpiter-Tel. 33258

## CALENDÁRIO

AUTOMÁTICO

100% Impermeável



Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa

Mudança de data ultra-rápida

CAUNY

A mais alta precisão suíça

## MOBILIÁRIO MODERNO

tipo nórdico

Para quartos, salas de jantar e de estar. Grande variedade de mapas e sofás, estofados em tecidos exclusivos

a melhor qualidade aos melhores preços

Exposição e vendas na:

Avenida Almirante Reis, n.º 30-C  
Lisboa  
telefone 831150

Num dos nossos números anteriores falava-se de Geismar e de Angela Davis, apresentando-os como exemplos dos que vão contra a corrente dos tempos, corrente que impõe modéstia aos desejos de transformação. Podia ter-se acrescentado o nome de Mishima, o escritor nipónico que fez hara-kiri em protesto contra a actual feição «materialista» do seu país.

Qual era a ideologia de Mishima? Dar-nos-á uma ideia este parágrafo do seu testamento político: «A prosperidade do Japão levou ao desprezo dos próprios fundamentos do Estado. O povo perdeu todo o sentido do espiritual e só se interessa pelas coisas sórdidas. O Japão tombou na hipocrisia e na letargia do espírito. A nossa política está submersa pelas contradições e os nossos políticos agarram-se tenazmente aos seus interesses e ao seu apetite de poder. Votaram-se completamente ao reino dos hipócritas. Pode dizer-se que o Japão abandonou o seu futuro nas mãos das potências estrangeiras». Mishima sonhava restabelecer o poder militar e imperial do Japão.

Poucos dias antes de se suicidar, tentou, com o seu grupo militarizado, o rapto do comandante de um regimento da guarnição da capital, para obrigar os soldados a participar num golpe de estado.

Mas o seu discurso aos militares foi acolhido com gargalhadas e mofo. Mishima estava contra a corrente. O vexame deve tê-lo determinado a acabar com a vida.

Contra a corrente: do governo, dos partidos de esquerda, da grande imprensa, atacaram violentamente a tentativa de



Mishima

«putsh» e a morte espectacular que Mishima se deu. O indivíduo tinha a arte da encenação, pode dizer-se (pois ele o disse a Jean-Marc Pottiez), que era um exibicionista.



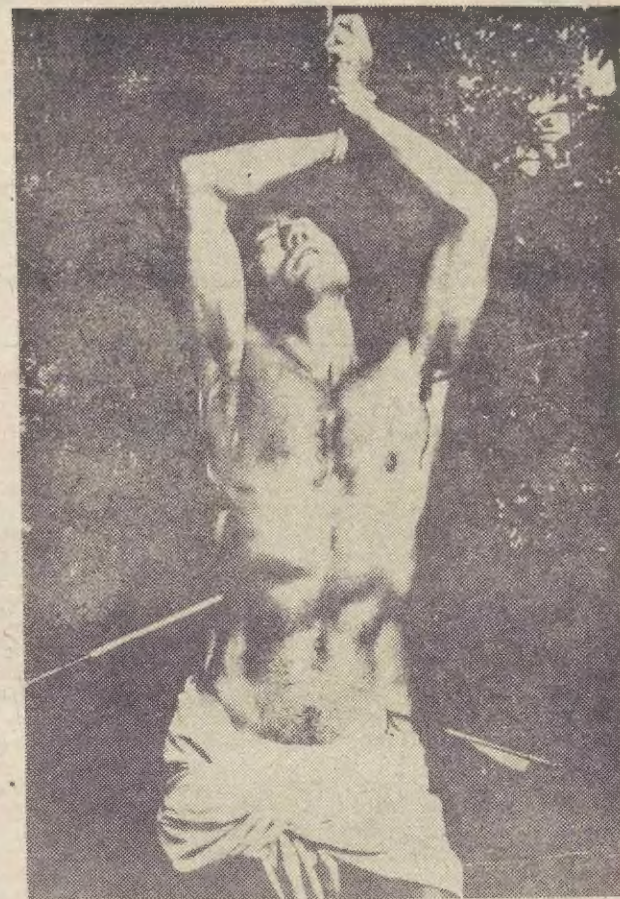
Após o golpe de estado falhado, foi entregue ao editor o último volume do seu romance em quatro volumes, «O Mar da Fertilidade», e «convidou» secretamente a televisão para o seu «hara-kiri» de modo que duas horas depois do suicídio os japoneses puderam seguir no pequeno «écran» todos os episódios «até ao «hara-kiri» propriamente dito» (Guillain), quer dizer toda a cerimónia do «seppuku» até ao momento do sabre se enterrar no ventre. (A sociedade do espectáculo põe os seus limites ao espectáculo, se é que não pensa que a cena imaginada tem mais impacto do que a imagem televisiva).

«Só Mishima seria capaz deste sonho absurdo. O Japão moderno, demo-

crático, industrial, profundamente diferente dos dos generais de antanho, guarda rancor a este exaltado e aos poucos obcecados que o seguirem por terem tentado ressuscitar os maus fantasmas de um tempo detestado» — escreve Guillain.

Mas o correspondente do «Monde» termina assim o seu artigo: «A terrível morte de Mishima talvez tenha aberto uma grave ferida no compromisso oficial e na auto-satisfação do sistema. O Japão poderá descobrir neste momento, que o seu grande esforço de reconstrução material já não sabe muito bem o que faz da sua cultura e da sua alma».

O Japão empreende a sua revolução cultural neo-capitalista. E se o



Mishima ou o gosto dos extremismos

«putsh» e Mishima fez rir os militares, o seu suicídio espectacular, esse já não fez rir e provocou... rancor. É que um eventual neo-imperialismo japonês dispõe desde agora do seu mito. Roger Gre-

nier tem razão: «Se as coisas começarem a ir mal para os japoneses, a morte de Mishima pode tornar-se a data de nascimento de uma nova era de militarismo e de ultranacionalismo».

## A exportação de capitais

Após a 2.ª Guerra Mundial, a exportação de capitais desenvolveu-se a ritmo acelerado. A frente dos países exportadores, desde o fim da Primeira Grande Guerra, encontramos os Estados Unidos.

Nesta exportação de capitais são, sobretudo, os capitais públicos os que predominam. Entre 1951 e 1961, nos 71 biliões de dólares dos capitais exportados, 40 biliões foram capitais públicos. E essa exportação dirige-se, principalmente, para os países do Terceiro Mundo: nos citados 71 biliões de dólares, 45,5.

Sublinhe-se, ainda, que nestes 45,5 biliões de dólares, a maior parte era capital público, pois somente 11,5 provinham do sector privado. O capital privado investe principalmente nos países desenvolvidos. Porquê?

— Primeiro, mais de metade dos investimentos privados dos países capitalistas nos do Terceiro Mundo orientam-se para o petróleo e as minas, sectores já referenciados e marcados nos quais os capitalistas investem estritamente em função das suas necessidades.

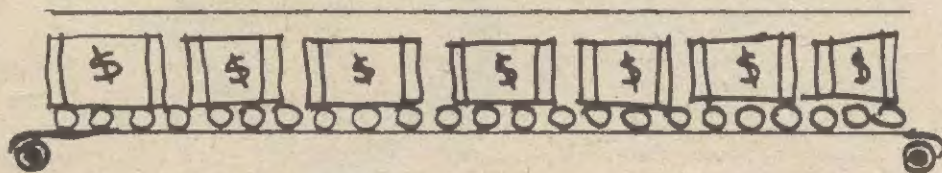
— Segundo, há a incerteza política e os riscos de nacionalização. Os capitalistas sentem-se mais confiantes nos países desenvolvidos do que nos subdesenvolvidos.

A taxa de lucro não é, neste caso, uma razão para que o capital privado fuja do Terceiro Mundo,

pois a taxa de lucro dos investimentos nos países do Terceiro Mundo é até bastante elevada. A rentabilidade média dos investimentos privados americanos no Terceiro Mundo no período de 1964-65 foi de 18 %, tendo em conta os rendimentos oficialmente repatriados

em desfavor dos países do Terceiro Mundo.

E é à luz destes números que se compreende bem o significado da ajuda aos subdesenvolvidos. Esta ajuda destina-se a equilibrar as contas exteriores dos países do Terceiro Mundo. Sem ela, o sistema desfazer-se-ia.



e os reinvestimentos «sur place», mas não os lucros transferidos secretamente.

Esta repatriação de capitais traduz-se numa descapitalização para os países subdesenvolvidos e dá origem a um processo que acaba por atingir os países capitalistas. Vejamos.

Números do Banco Mundial. Rendimentos transferidos dos países subdesenvolvidos: 1964 — mais ou menos 4 biliões de dólares; 1965 — mais ou menos 5 biliões. Capitais dos países desenvolvidos investidos nos países em vias de desenvolvimento: 1964 — 970 milhões; 1965 — 1360 milhões. É um défice anual de 3 biliões e meio de dólares.

Acrescente-se-lhe défice comercial. Dá 8 a 7 biliões de dólares anuais,

da são absorvidos pela amortização dos empréstimos antigos. O sistema entrou por esta forma num círculo vicioso.

Na exportação de capitais entre países desenvolvidos a parte dos capitais públicos é reduzida. A «parte de leão» pertence ao capital privado, com

Como a ajuda provém dos contribuintes das nações desenvolvidas, pode dizer-se que em última análise os contribuintes não estão mais do que a auxiliar os monopólios que investem e comerciam com o Terceiro Mundo.

Mas a ajuda pública é cada vez mais constituída por empréstimos com juros, o que alarga a dimensão insuportável o encargo da dívida pública dos subdesenvolvidos. Cerca de 2/3 da nova ajuda

uma tendência para aumentar cada vez mais.

Entre países desenvolvidos, o primeiro exportador de capitais é também a América do Norte. Dai resulta que, como se tem dito muitas vezes, a indústria americana no estrangeiro constitui a 3.ª potência industrial do mundo, sendo a indústria americana nos Estados Unidos a 1.ª e a U. R. S. S. a 2.ª.

Nos últimos anos, a saída de capitais dos Estados Unidos diminuiu de-

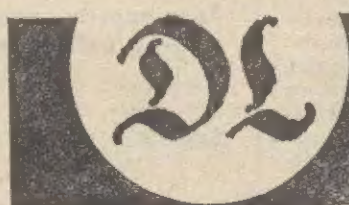
vido às restrições governamentais motivadas pelo défice da balança de pagamentos. Mas o capital americano torneou essa dificuldade reinvestindo localmente os lucros das suas empresas no estrangeiro e recorrendo ao mercado financeiro local. J. J. Servan-Schreiber pode por isso afirmar que só 10 % dos investimentos americanos na Europa provêm dos Estados Unidos.

A implantação das empresas norte-americanas no estrangeiro tem muitas vezes em vista (por exemplo na Europa, com o Mercado Comum) o fugir às barreiras alfandegárias na medida em que se instala no interior da área protegida. Mas esse não é o único motivo. Muitas das empresas americanas na Europa exportam consideravelmente (em 1963, 23 % do que venderam nos países europeus onde estavam instaladas). Por vezes, fabricar fora dos Estados Unidos é a maneira da indústria americana competir no mercado americano com as empresas estrangeiras, por causa

do custo da mão-de-obra (caso dos relógios). Foi a maneira das empresas norte-americanas poderem competir no mercado dos Estados Unidos com a indústria suíça.

A fraca repatriação do capital americano investido na Europa (média geral de 6,5 %, anuais, do capital aplicado) mostra que o objectivo é o desenvolvimento da implantação americana no nosso continente. Desenha-se pois um imperialismo americano na Europa. E assim fala-se hoje das contradições entre capitalismo que pode vir a ser determinante do futuro do mundo.

Os juízos variam sobre este ponto. Por exemplo — Pierre Jalée, que vimos seguindo — não acredita que a contradição degenera em antagonismo. Escreve ele: «As contradições, desde que a resistência aparece como inútil, ou surge qualquer perigo comum, resolvem-se geralmente pela submissão aos monopólios. U. S.: a procura do lucro máximo contínuo encontra-se hoje na esteira do capitalismo americano».



MESA REDONDA